

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

Nº 536 | Ano XIX | 13/5/2019



Juventudes

*Protagonismos,
transformações e futuro*

Giovane Antonio Scherer

Daniel Hirata

Miriam Abramovay

Karina Penha

Amanda Antunes

Maria Isabel Almeida

Renata Thomaz

Leia também

■ João Ladeira

■ Itamar Soares Veiga



Juventudes. Protagonismos, transformações e futuro

É na adolescência que se dão as primeiras transformações que constituem uma verdadeira ebulição na vida do ser humano, momento também de muita expectativa, vontade de assumir o mundo com protagonismo, mas também de medo e apreensões. Imaginemos isso tudo em um momento como o que estamos vivendo, onde as transformações são das mais diferentes ordens e se dão a todo instante e sob vários aspectos. Ainda assim, mesmo com a pressão e a angústia de nosso tempo, as novas gerações ainda se sentem provocadas a transformar. Com o protagonismo da jovem sueca Greta Thunberg, que levanta multidões de jovens pelo mundo a fora com a bandeira da luta contra as mudanças climáticas.

Afinal, quem são esses jovens e como compreender essas novas gerações?

A questão perpassa os debates do *Ciclo de Estudos As Juventudes do Brasil – Mutações de (im) Possibilidades e do evento Juventudes e Redes Sociais*, que ocorrem em maio, numa promoção do Instituto Humanitas Unisinos – IHU e inspira a presente edição da revista **IHU On-Line**.

O pesquisador e professor de Serviço Social da PUCRS, **Giovane Scherer**, destaca que é nos jovens que se intensificam as transformações sociais. Para ele, olhar para os conflitos das novas gerações é uma forma de apreender os desafios a que todos somos submetidos num mundo em constantes transformações.

Sociólogo e professor na Universidade Federal Fluminense – UFF, **Daniel Hirata** chama atenção para a complicada equação entre trabalho e crime no universo juvenil, propondo o resgate de um olhar em torno das condições sociais que levam adolescentes a entrar no mundo da ilegalidade.

Para **Miriam Abramovay**, professora, pesquisadora, coordenadora da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais – Flacso-Brasil, também é preciso superar o que chama de adultocentrismo. Para ela, é preciso mobilizar os adolescentes a participação, mas desde a perspectiva deles, sem aumentar as distâncias entre gerações.

E para dar voz a essas novas gerações e romper com essa visão do adulto sobre os jovens, **Karina Penha**, estudante de Biologia e desde cedo envolvida na militância pelas causas ambientais,

revela as alegrias e angústias de ser jovem e ativista no século XXI.

Se todas as esferas da vida se transformam na adolescência e juventude, qual a incidências das chamadas novas tecnologias sobre essas mudanças? É o que analisa a pesquisadora e doutora em Comunicação **Amanda Antunes**, a partir do espaço das redes que reúne influenciadores e ativistas de uma ordem de militância.

Maria Isabel Mendes de Almeida, docente do curso de mestrado em Sociologia e Política na PUC-Rio, também rompe com o lugar comum. Para ela, pela incidência das novas tecnologias, não se pode afirmar que os jovens leem menos, pois o mundo digital construiu novos jovens e novas leituras de mundo.

A professora **Renata Thomaz**, do Departamento de Estudos Culturais e Mídia, na UFF, observa, a partir do Youtube, como ferramentas digitais reconfiguram não só a forma como as novas gerações apreendem o que as circunda, mas também como compartilham experiências.

A edição 536 da IHU On-Line ainda traz o comentário de **João Ladeira**, doutor em Comunicação e professor da Universidade Federal do Paraná, sobre o filme *Vidas Duplas* (2019) e a entrevista com **Itamar Soares Veiga**, professor de Filosofia na Universidade de Caxias do Sul – UCS, que observa: “precisamos de tecnologia para realizar processamento, então a tecnologia deve ser compreendida como um dos dispositivos de controle em geral”.

A todas e a todos uma boa leitura e uma excelente semana!



Foto de Capa: Bem Grantham | Flickr CC

Sumário

- 4 ■ **Temas em destaque**
- 6 ■ **Agenda**
- 10 ■ **Tema de capa | Giovane Antonio Scherer:** De equivocados a vítimas: as juventudes como para-raios das transformações sociais
- 19 ■ **Tema de capa | Daniel Hirata:** Jovens, a complicada equação entre trabalho e crime
- 24 ■ **Tema de capa | Miriam Abramovay:** O *adultocentrismo* que silencia, apaga e flagela o jovem
- 30 ■ **Tema de capa | Karina Penha:** A consciência de uma juventude que se vê como parte e solução dos problemas globais
- 35 ■ **Tema de capa | Amanda Almeida Antunes:** De influenciadores digitais a ativistas de sofá: a mobilização juvenil em rede
- 42 ■ **Tema de capa | Maria Isabel Mendes de Almeida:** O mundo digital construiu novos jovens e novas leituras de mundo
- 46 ■ **Tema de capa | Renata Cristina de Oliveira Tomaz:** Youtubers: novas formas de a infância ver e ser vista pelo mundo
- 50 ■ **Itamar Soares Veiga |** Em tempos de Revolução 4.0, a multiplicação de olhos no controle biopolítico
- 55 ■ **Cinema | João Ladeira:** Uma ideia de duplicidade
- 58 ■ **Publicações | Armando de Melo Lisboa:** Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome
- 59 ■ **Outras edições**

IHU ON-LINE
Revista do Instituto Humanitas Unisinos

ISSN 1981-8769 (impresso)

ISSN 1981-8793 (on-line)

A IHU On-Line é a revista do **Instituto Humanitas Unisinos - IHU**. Esta publicação pode ser acessada às segundas-feiras no sítio www.ihu.unisinos.br e no endereço www.ihuonline.unisinos.br.

A versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8 horas, na Unisinos. O conteúdo da IHU On-Line é copyleft.

Diretor de Redação

Inácio Neutzling
(inacio@unisinos.br)

Coordenador de Comunicação - IHU

Ricardo Machado – MTB 15.598/RS
(ricardom@unisinos.br)

Jornalistas

João Vitor Santos – MTB 13.051/RS
(joaovs@unisinos.br)

Patricia Fachin – MTB 13.062/RS
(prfachin@unisinos.br)

Revisão

Carla Bigliardi

Projeto Gráfico
Ricardo Machado

Editoração

Gustavo Guedes Weber

Atualização diária do sítio

Inácio Neutzling, César Sanson,
Patricia Fachin, Cristina Guerini,
Evlyn Zilch, Stefany de Jesus Rocha,
Wagner Fernandes de Azevedo,

Juliana Borgmann, Amanda Bier e
Liege Barcelos.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Instituto Humanitas Unisinos - IHU

Av. Unisinos, 950 | São Leopoldo / RS
CEP: 93022-000

Telefone: 51 3591 1122 | Ramal 4128
e-mail: humanitas@unisinos.br

Diretor: Inácio Neutzling
Gerente Administrativo: Nestor Pilz
(nestor@unisinos.br)

Entrevistas completas em www.ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias

Confira algumas entrevistas publicadas no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU na última semana.

“É o caos, no qual o bolsonarismo aposta para levar adiante seu projeto autoritário”



“A situação do país é muito grave. Os índices de desemprego aumentam, as famílias estão endividadas, a economia está estagnada, o governo está enrolado em casos de corrupção e suspeitas de desvio de dinheiro público. O que abunda mesmo no governo são os falsos problemas e as teorias conspiratórias”.

Roberto Rolim Andrés é professor na Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Disponível em <http://bit.ly/2Veliup>.

A economia chinesa como alternativa ao Consenso de Washington



“O controle de fluxos de capitais e da taxa de câmbio pelo Banco Central da China, “são elementos importantes de sua política macroeconômica e de sua estratégia de desenvolvimento”.

Luis Antonio Paulino professor da Universidade Estadual Paulista - Unesp, nos cursos de graduação em Relações Internacionais e pós-graduação em Ciências Sociais. Disponível em <http://bit.ly/2DYBxWQ>.

4

China tende a assumir a hegemonia mundial e a liderança do comércio de tecnologia



“O mundo está passando pela maior transformação econômica dos últimos 250 anos” e, nesse contexto, a China poderá exercer a nova liderança Oriental, deixando para trás a hegemonia Ocidental”.

José Eustáquio Diniz Alves é doutor em Demografia e professor da Escola Nacional de Ciências Estatísticas - ENCE/IBGE. Disponível em <http://bit.ly/2JcVc9t>.

A vinculação das receitas é a garantia de que os recursos serão destinados às políticas sociais



“A vinculação das receitas, mecanismo constitucional que permite dar prioridade a determinados gastos do orçamento público, é importante “pelo simples fato de considerar a democracia representativa falha”.

Fabício Augusto de Oliveira é graduado, mestre e doutor em Ciências Econômicas pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Disponível em <http://bit.ly/2VsK4vY>.

Mortandade de abelhas é indicador biológico: tudo pode estar contaminado



“Desaparecimento e morte de abelhas no Brasil, registrados no aplicativo Bee Alert”. A partir de análises toxicológicas em duas matrizes de abelhas africanizadas em seis estados brasileiros, Castilhos afirma que foram encontrados altos níveis de agrotóxicos.

Dayson Castilhos é graduado em Engenharia Eletrônica pela PUC-RS e doutor em Ciência Animal pela mesma universidade. Disponível em <http://bit.ly/2vRyJpU>.

Textos na íntegra em www.ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias

Confira algumas notícias públicas recentemente no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU

Economia brasileira está em depressão e no fundo do poço, avaliam economistas

A retração na produção industrial em 1,3% de fevereiro para março, e de 6,1% na comparação com março de 2018 já era um cenário esperado do governo Jair Bolsonaro. O Brasil está em depressão há quatro anos e nada indica a superação desse quadro.

A reportagem é de Eduardo Maretti, publicado por Rede Brasil Atual - RBA, reproduzida nas Notícias do Dia de 5-5-2019, disponível em <http://bit.ly/2WuzDnX>.

Ecologia em fragmentos: as partes no Todo

O modelo de sociedade e o sentido de vida que os seres humanos projetaram para si, pelo menos nos últimos 400 anos, estão em crise. Este modelo nos fazia acreditar que o importante é acumular grande número de meios de vida, de riqueza material, de bens e serviços a fim de poder desfrutar a curta passagem por este planeta.

Escreve Leonardo Boff em artigo publicado por Congresso em Foco, reproduzido nas Notícias do Dia de 5-5-2019, disponível em <http://bit.ly/2YnxwTv>.

Três bispos sensíveis aos apelos do Papa Francisco na Presidência da CNBB

Foram eleitos na segunda-feira, 6 de maio, na 57ª Assembleia Geral aqueles a quem tem sido confiado o comando da CNBB, nos próximos quatro anos. O presidente é dom Walmor Azevedo, Arcebispo de Belo Horizonte - MG, o primeiro vice-presidente, dom Jaime Spengler, Arcebispo de Porto Alegre - RS, e o Segundo Vice-Presidente, dom Mário Antônio da Silva, Bispo de Roraima.

A reportagem é de Luis Modino publicada nas Notícias do dia do IHU, em 7-5-2019, disponível em <http://bit.ly/30cr2IH>.

“Nenhuma reforma será eticamente aceitável se lesar os mais pobres”

O Episcopado brasileiro, reunido em sua 57ª Assembleia Geral, de 1º a 10 de maio, emitiu a “Mensagem da CNBB ao povo brasileiro”. Os bispos alertam que a opção por um liberalismo exacerbado e perverso, que desidrata o Estado quase ao ponto de eliminá-lo, ignorando as políticas sociais de vital importância para a maioria da população, favorece o aumento das desigualdades e a concentração de renda em níveis intoleráveis.

A mensagem da CNBB foi publicada nas Notícias do Dia de 8-5-2019, disponível em <http://bit.ly/2WAZSsK>.

Bolsonaro libera porte de armas para mais de 19 milhões de pessoas

Especialistas e partidos de oposição afirmaram que a medida é inconstitucional, e que irão ao Supremo Tribunal Federal para revogar o decreto. O PSOL afirmou que o decreto “usurpou as competências do Congresso Nacional, que é o único que pode ampliar as pessoas que podem portar e possuir armas”, e que o texto “vem na contramão do combate à violência e segurança pública”.

A reportagem é de Gil Alessi, publicada por El País, reproduzida nas Notícias do Dia de 8-5-2019, disponível em <http://bit.ly/306OUNW>.

É a floresta, estúpido!

Na quarta-feira, 08-05, oito ex-ministros do Meio Ambiente publicaram uma carta aberta com críticas à política ambiental do governo Bolsonaro. O documento trata do prestígio do Brasil e sua posição no cenário internacional. Mas “as iniciativas em curso vão na direção oposta à de nosso alerta, comprometendo a imagem e a credibilidade internacional do país”, segundo a carta.

O artigo é de Thomas Milz, jornalista, publicado por Deutsche Welle, reproduzido nas Notícias do Dia de 9-5-2019, disponível em <http://bit.ly/2VpiWxE>.

Programação completa em ihu.unisinos.br/eventos

Oficina de bases de dados educacionais

14/mai

Horário
14h30min às 17h

Conferencista
Prof. Dr. Moyses Pinto Neto – ULBRA

Local
Sala de Informática B09 009
Campus Unisinos São Leopoldo

Oficina de Plantas Medicinais

15/mai

Horário
12h30min às 13h30min

Conferencista
Profa. MS Denise Schnorr

Local
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU
Campus Unisinos São Leopoldo

Revolução 4.0 e a Amazônia. Limites e possibilidades para uma nova bioeconomia — Webconferência

16/mai

Horário
19h30min às 22h

Conferencistas
Prof. Dr. Carlos Nobre – Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Mudanças Climáticas – INCT-MC

Local
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU
Campus Unisinos São Leopoldo

6

Juventudes, redes sociais e suas (des) conexões. Desafios e possibilidades para a Evangelização

18/mai

Horário
8h30min às 12h30min

Conferencistas
Dr. Moisés Sbardelotto – São Leopoldo – RS
Prof. Dr. Maurício Perondi – UFPel

Local
Salas TEDU 803, 804, 805 e 806
Campus Unisinos Porto Alegre

Oficina Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs) – Parte III

22/mai

Horário
12h30min às 13h30min

Conferencista
Daiani Fraporti dos Santos, Gelson Luiz Fiorentin e Marcos Augusto Mendes Rocha – PASEC – Unisinos

Local
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU
Campus Unisinos São Leopoldo

As contribuições de Karl Polanyi para a reconstrução do pensamento econômico contemporâneo

22/mai

Horário
19h30min às 22h

Conferencista
Prof. Dr. José Rubens Damas Garlipp – UFU

Local
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU
Campus Unisinos São Leopoldo

06 DE JUNHO DE 2019 (QUINTA-FEIRA)

17H30MIN ÀS 19H

SALA IGNACIO ELLACURÍA E
COMPANHEIROS – IHU

IHU.UNISINOS.BR/EVENTOS

21 LIÇÕES PARA O SÉCULO 21

OBRA DE YUVAL NOAH HARARI, 2018

APRESENTAÇÃO DA OBRA PELO PROF. MS GILBERTO
FAGGION – UNISINOS E PELO PROF. DR. LUCAS HENRIQUE

DA LUZ – UNISINOS

Yuval Noah Harari



21 lições
para o século 21



A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk

23/mai

Horário
17h30min às 19h

Conferencista
Prof. Dr. Itamar Soares Veiga – UCS

Local
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU
Campus Unisinos
São Leopoldo

Juventudes, subjetividades e perfis de militância social, política e religiosa

23/mai

Horário
19h30min às 22h

Conferencista
Profa. Dra. Regina Novaes – UFRJ

Local
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU
Campus Unisinos
São Leopoldo

Ciclo de Estudos As juventudes do Brasil. Mutações e (im) possibilidades
Jornada Juventudes e Socialidade

24/mai

Horário
9h às 18h

Conferencistas
Profa. Dra. Regina Novaes – UFRJ
Prof. Dr. Daniel Hirata – UFF

Local
Salas TEDU 803, 804, 805 e 806
Campus Unisinos
Porto Alegre

7

Exibição e debate do filme Ex-Pajé (Direção de Luiz Bolognesi, Documentário, Brasil, 2018)

25/mai

Horário
9h às 12h

Conferencista
Prof. Dr. José Otávio Catafesto de Souza – UFRGS

Local
Salas TEDU 803, 804
Campus Unisinos
Porto Alegre

EAD - Ciclo De Estudos do livro “O Capital no Século XXI”

27/mai

Horário
19h30min às 22h

Semana 3 de 6 - De 27/05 a 08/06
A desigualdade da renda do trabalho e da apropriação do capital
Leitura: “Terceira Parte: a estrutura da desigualdade”, do livro **O capital no Século XXI**, de Thomas Piketty

EAD - Ciclo de Filmes e Debates: Crise do Capitalismo - Dez anos depois

27/mai

Filme
A grande aposta (The big short, Adam McKay, EUA, 2015, 131min.)



28/05/2019 (terça-feira) 19h30min às 22h

Michael Aglietta e a escola da regulação. Uma revisão crítica da economia política?

Prof. Dr. João Ildebrando Bocchi – PUCSP

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros-IHU

ihu.unisinos.br/eventos

Programação completa em ihu.unisinos.br/eventos

Michael Aglietta e a escola da regulação. Uma revisão crítica da economia política?

28/mai

Horário
19h30min às 22h

Conferencista
Prof. Dr. João Ildebrando Bocchi – PUC-SP

Local
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU
Campus Unisinos
São Leopoldo

A vida pelo ralo. A existência humana no tempo da inteligência artificial

29/mai

Horário
19h30min às 22h

Conferencista
Prof. Dr. Marildo Menegat – UFRJ

Local
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU
Campus Unisinos
São Leopoldo

A (des)esperança juvenil com a sociedade

30/mai

Horário
17h30min às 19h

Conferencista
Profa. Dra. Carmen Silveira de Oliveira – Porto Alegre – RS

Local
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU
Campus Unisinos
São Leopoldo

8



ONTOLOGIAS ANARQUISTAS

**O MATRIARCADO DE PINDORAMA
O PAPEL DAS MULHERES
NA REINVENÇÃO POLÍTICA DO BRASIL**

30/05/19 (segunda-feira)
19h30min às 22h
Unisinos campus Porto Alegre

ihu.unisinos.br/eventos

Dra. Flávia Cera – EBP-PR

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

UNISINOS

**Ciclo de Estudos**

JESUITAS BRASIL

AS JUVENTUDES DO BRASIL

Mutações e (im)possibilidades

24 de maio de 2019

14h às 15h30min – Juventudes, política e religião.

Desafios e perspectivas

Profa. Dra. Regina Novaes – UFRJ

16h às 17h30min – Jovens e violências nas periferias.

Resistências e possibilidades

Prof. Dr. Daniel Hirata – UFF

TEDU 803, 804, 805 e 806
Campus Unisinos Porto Alegre



ihu.unisinos.br/eventos



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

UNISINOS

Somos infinitas possibilidades

De equivocados a vítimas: as juventudes como para-raios das transformações sociais

Para Giovane Scherer, olhar para os conflitos das novas gerações é uma forma de apreender os desafios a que todos somos submetidos num mundo em constantes transformações

João Vitor Santos

Para muitos adultos, falar de jovens e adolescentes é falar de gente que acha que sabe de tudo, que não respeita nem leva em conta a experiência dos mais velhos. “Historicamente compreendemos as juventudes como segmento social equivocado por natureza, muito diferente de nós, com quem não conseguimos dialogar”, observa o pesquisador Giovane Scherer. Entretanto, ele lembra que muitas vezes os adultos esquecem que “diálogo também é escuta, e não somente prescrição”. “Muitos adultos tentam entender a forma pela qual a juventude interage por meio de concepções e prescrições do que eles devem fazer, sem nem sequer ouvir, de forma atenta, a maneira pela qual a juventude compreende o mundo”, completa, ao lembrar desse que é um eterno conflito de gerações.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Giovane chama atenção para como essas novas gerações podem ser apreendidas enquanto indicadores de transformações a que todos são submetidos. “As juventudes demonstram o que toda a sociedade está vivenciando em um determinado momento histórico. Evidentemente, as juventudes não são um simples reflexo, que, de forma passiva, demonstram as transformações sociais, mas são compostas por sujeitos que participam e constroem história, juntamente com os demais segmentos sociais”, explica.

Logo, se uma sociedade é atravessada pela tecnologia, o impacto maior é nas novas gerações. Assim, se vivemos crises de trabalho, a reverberação nas novas gerações é muito maior. “As juventudes são o segmento social que mais vem vivenciando esse contexto de pre-

carização das condições laborais. Sob o pretexto da necessidade de ‘apreender a trabalhar’, se oculta uma série de formas de precarizações e explorações da força de trabalho juvenil, sendo por meio de estágio, contratos por tempo parcial, contratações por via do trabalho intermitente”, exemplifica.

Giovane estende o raciocínio para a questão da violência, pois jovens são os que mais morrem. Isso, para o pesquisador, pode ter relação com a falta de trabalho. “O tráfico de drogas cumpre, especialmente para as juventudes pobres, uma inserção laboral altamente violenta e precarizada, se constituindo um catalizador da violência”, aponta. Mas como construir um futuro com essas novas gerações? Ele tem uma pista: “a educação para as juventudes, na atualidade, deve ser o foco do país, tendo a necessidade de investimentos em todos os níveis de formação profissional. A educação não pode ser vista de forma fracionada e focalizada, mas como algo integral e universal, como aponta o texto constitucional”.

Giovane Antonio Scherer possui graduação, mestrado e doutorado em Serviço Social. Realizou seus estudos de doutoramento com período de estágio doutoral junto ao Centro de Estudos Sociais - CES da Universidade de Coimbra, em Portugal. Atualmente é professor na Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC-RS, no curso de Serviço Social, junto à graduação e ao Programa de Pós-Graduação. Entre suas publicações, destacamos *Serviço Social e Arte: Juventudes e Direitos Humanos em Cena* (São Paulo: Cortez, 2013).

Confira a entrevista.

“As juventudes são o segmento social que mais vivencia os processos de violência nesse tempo presente”

IHU On-Line – Quais as principais transformações na adolescência e na juventude de nosso tempo?

Giovane Scherer – Vivemos em um tempo de grandes transformações que impactam diariamente todos os segmentos sociais, dentre eles as juventudes. Ao contrário do que o “mundo adulto” pensa, a juventude não é um bloco homogeneizado e apartado da sociedade, mas um segmento que vivencia intensamente as transformações societárias de nosso tempo, trazendo à tona diversas questões que atingem a todos.

Como refere Novaes¹, “a juventude é como um espelho retrovisor que reflete e revela a sociedade”. Isso significa afirmar que as juventudes demonstram o que toda a sociedade está vivenciando em um determinado momento histórico. Evidentemente, as juventudes não são um simples reflexo, que, de forma passiva, demonstram as transformações sociais, mas são compostas por sujeitos que participam e constroem história, juntamente com os demais segmentos sociais. O que estou afirmando é que não podemos pensar que somente as juventudes vivem transformações do mundo atual de forma isolada, mas que os adultos, idosos, crianças e todas as pesso-

as também vivenciam um contexto de múltiplas transformações. Um exemplo disso são as novas tecnologias: é certo que as juventudes estão cada vez mais conectadas em redes sociais, vivenciando diversas experiências virtuais; porém o mundo adulto também vivencia essas experiências. Hoje é difícil trabalhar, se deslocar nas grandes cidades e, até mesmo, comer, sem a mediação das tecnologias e isso está para todas as pessoas independentemente do momento de vida.

Penso que essa é uma premissa importante para compreender as juventudes no tempo presente: analisar que esse segmento social não é algo distinto de toda a sociedade. Digo isso para evitar a concepção *adultocêntrica* que coloca as juventudes como os únicos responsáveis pelas mudanças e alterações na sociedade. Isso não significa afirmar que existem processos sociais específicos que são vivenciados pelas juventudes em função do momento de vida que estão experienciando. Um dos principais aspectos que caracterizam a juventude é o momento de trânsito entre a heteronomia da infância/adolescência para a autonomia do mundo adulto; isso significa afirmar que juventude é uma construção social, relacionada a um processo social vivenciado em um período da vida humana, que envolve diversos fatores, para além de uma idade específica. Partindo desse pressuposto, a constituição de autônomias se torna cada vez mais complexa em uma sociedade como a nossa, especialmente pelas transformações do nosso tempo, em especial as metamorfoses no mundo

do trabalho. Essas, ao meu ver, são as principais mudanças que impactam as juventudes.

Tecnologias e mundo do trabalho

As revoluções tecnológicas das últimas décadas trouxeram, também, transformações de grande envergadura no mundo do trabalho, por meio do que se chama de *reestruturação produtiva*, que resulta em uma produção maior de mercadorias e serviços, porém com um número muito menor de trabalhadores. Mesmo com o surgimento de novas profissões, não há absorção de número de trabalhadores disponíveis no mercado para vender a sua força de trabalho, o que tem gerado imensa precarização das condições de trabalho e aumento monumental do número de desempregados. Esse contexto é global, mas se agrava em países de desenvolvimento capitalista tardio e periférico, como é o caso do Brasil.

Consequências nas juventudes

Nessa conjuntura, as juventudes são o segmento social que mais vem vivenciando esse contexto de precarização das condições laborais. Sob o pretexto da necessidade de “aprender a trabalhar”, se oculta uma série de formas de precarizações e explorações da força de trabalho juvenil, sendo por meio de estágio, contratos por tempo parcial, contratações por via do trabalho intermitente, dentre outras inserções que, de modo geral, são mal remuneradas e extrema-

¹ **Regina Novaes**: possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e doutorado em Ciências Humanas (Antropologia Social) pela Universidade de São Paulo. Lecionou na PUC-RJ e na Universidade Federal da Paraíba. Desde 1988, tornou-se Professora do Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia, do IFCS, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Regina estará no IHU em 24 de maio, quando proferirá a palestra *Juventudes, política e religião. Desafios e perspectivas*. Saiba mais em <http://bit.ly/2VTZfxn>. (Nota da **IHU On-Line**)

mente precarizadas. Além da precarização, as juventudes se constituem como segmento social que mais sofre com a dinâmica do desemprego no Brasil. Segundo os dados da Pesquisa por Amostragem de Domicílios - Pnad desenvolvida pelo IBGE, o contingente fora do mercado de trabalho, no trimestre de dezembro de 2018 a fevereiro de 2019, foi estimado em 13,1 milhões de pessoas, e observou-se que esta população apresentou um incremento de 7,3% (mais 892 mil pessoas) frente ao trimestre de setembro a novembro de 2018 (12,2 milhões). Em relação a trabalhadores entre 18 e 24 anos, a taxa de desemprego é mais que o dobro da taxa da população em geral, sendo que a taxa geral ficou em 12,4% no segundo trimestre, enquanto entre os jovens esse percentual salta para 26,6%.

Todas essas transformações no mundo do trabalho constroem, na concepção das juventudes, uma conjuntura marcada por incertezas e inseguranças com relação ao mundo do trabalho. Para quem vivenciou a sua juventude nos anos 1950/1960, tinha ainda a certeza que ao avançar seus anos de escolarização iria ampliar a sua possibilidade de inserção no mundo do trabalho; e que, depois de anos de contribuição, poderia desfrutar da sua aposentadoria com maior tranquilidade. Essa certeza não está mais no horizonte da maioria dos jovens brasileiros que, mesmo com alta escolarização, encontram dificuldades de inserção com qualidade no mundo do trabalho; além disso, a aposentadoria se constitui em uma realidade praticamente inalcançável.

Todo esse quadro vem atingindo com mais intensidade as condições de vida da maioria dos jovens brasileiros, uma vez que esse é o segmento social que vivencia com mais intensidade os impactos dessas transformações sociais. Se analisarmos os dados da realidade, de diversas pesquisas, que consideram a conjuntura social das populações por faixas etárias, vamos perceber que as juventudes sofrem com maior intensidade as desigualdades sociais em todos os aspectos.

A importância da não homogeneização

Evidentemente, nem todos os jovens vivenciam com a mesma intensidade as refrações desse processo, daí chamo atenção para um outro aspecto de grande relevância na análise de juventude: não há como homogeneizar um segmento tão complexo e distinto. Tornou-se comum, especialmente no âmbito acadêmico, o uso do termo “juventudes” para indicar a pluralidade do termo no que diz respeito a gênero, etnia, classe social, entre outros.

A vivência de um jovem branco de classe alta, com possibilidade de acesso a um bom sistema educacional e não exposto aos processos de violência, vai variar muito da vida de uma jovem negra moradora de uma comunidade periférica, que não consegue ir à escola devido à guerra do tráfico. Quando analisamos juventude temos que compreender: de que juventude estamos falando? Não podemos compreender a juventude na atualidade compreendendo que “todos são iguais”, uma vez que vivemos em uma sociedade com possibilidades e oportunidades totalmente diferentes; isso vai determinar o “ser jovem” no contexto atual, diante de tantas transformações.

“Isso significa afirmar que juventude é uma construção social”

IHU On-Line – Como as juventudes de hoje entendem a ideia de liderança? Como se formam referências entre os jovens?

Giovane Scherer – É inegável a incidência do mundo virtual na

construção de lideranças no momento contemporâneo, uma vez que a internet possibilitou uma nova forma de interação entre os sujeitos, possibilitando o fluxo de informações, a construção de “ícones” em uma rapidez tão grande quanto a do seu desaparecimento. Por meio das relações digitais, a ideia de liderança passa a ser muito mais fluida e rápida, possibilitando a linguagem de “jovem para jovem” por meio de assuntos de interesse.

Evidentemente percebemos que, por mais que essas relações de criação de lideranças possam parecer democráticas e “neutras”, não podemos ser ingênuos e pensar que tais construções não são repletas de interesses que estão em disputa na sociedade. É importante considerar que a neutralidade não existe, e mesmo determinadas “personalidades” virtuais que evocam uma postura neutra (da escola ou de qualquer outra instituição) são mobilizadas por concepções e defendem determinados interesses, sendo, muitas vezes, financiadas por grandes grupos empresariais com a pretensão de “vender suas ideias”. Nesse sentido, chamo atenção para não reproduzirmos uma concepção romântica das relações virtuais e desse “novo” contexto de surgimento de lideranças descolada de uma base material e de seus interesses em disputa.

Interessante observar que todos nós, jovens, crianças, adultos e idosos, criamos nossos “referenciais” por meio de mediações que “fazem sentido” em nossa vida. A construção de referência sempre se dá quando a mensagem que esse determinado sujeito emite se conecta com vivências, sentimentos e posturas, possibilitando uma mediação com a nossa realidade. Isso é uma chave de leitura importante para quem deseja se aproximar do contexto juvenil: muitas vezes, queremos que os jovens possam se adequar ao mundo adulto, mas não criamos a noção de “sentido” para eles, nem sequer possibilitamos canais reais e efetivos de escuta e diálogo com o mundo juvenil.

IHU On-Line – Como compreender a forma como essas novas gerações se relacionam com o mundo? Qual o impacto das novas tecnologias nessa apreensão do mundo pelos mais jovens?

Giovane Scherer – Penso que a própria pergunta já possui uma categoria importante para pensar a sua resposta: *compreensão*. Estamos dispostos a compreender o universo juvenil? Até que ponto queremos compreender as interações das *novas gerações*?

Certa vez, estava ministrando uma palestra para um auditório lotado de adultos, falando sobre jovem (aliás, isso é muito comum, infelizmente falamos de juventude, excluindo os próprios jovens do debate). Nessa palestra, projetei o seguinte parágrafo em uma tela: *“Nossos jovens atuais parecem amar o luxo. Têm maus modos e desprezam a autoridade. São desrespeitosos com os adultos e passam o tempo vagando pelas praças... São propensos a ofender seus pais, monopolizam a conversa quando estão em companhia de outras pessoas mais velhas, comem com voracidade e tiranizam seus mestres.”* Pedi que as pessoas pudessem levantar a mão se concordavam com a frase e 90% do auditório concordou. Para surpresa de todos, após essa pergunta revelei o autor e a data do escrito: era de Sócrates² e foi escrita no século V a.C.

Historicamente compreendemos as juventudes como segmento social equivocadamente por natureza, muito diferente de nós, com quem não conseguimos dialogar; mas esquecemos que diálogo também é escuta, e não somente prescrição. Muitos adultos tentam entender a forma pela qual a juventude interage por meio de preconceções e prescrições do que eles devem fazer, sem nem sequer ouvir, de forma atenta, a maneira

pela qual a juventude compreende o mundo (que pode ser muito diferente da nossa, ou não). Falamos para os jovens: *“eu já tive a sua idade e sei exatamente o que você está passando”*. Nós esquecemos que nossas vivências, histórias de vida e tempos históricos são totalmente diferentes dos da juventude atual. Como diria o filósofo grego Heráclito³, *“ninguém pode entrar duas vezes no mesmo rio, pois quando nele se entra novamente, não se encontra as mesmas águas, e o próprio ser já se modificou”*. A nossa vida foi e sempre será diferente da vida dos jovens com que convivemos.

O que não significa que o mundo adulto não possa orientar e possibilitar reflexões para as juventudes, é claro que sim, mas isso só pode ocorrer quando conseguirmos ouvir o que os jovens têm a nos dizer, e ouvir com empatia, tentando se colocar no lugar desses sujeitos. E isso é algo muito difícil para a maioria dos adultos.

Compreender as juventudes no seu tempo

Por mais difícil que esse movimento possa ser, é algo necessário para compreender uma juventude que é diferente da nossa. Hoje, os bebês já nascem com perfis em redes sociais, vendo vídeos do YouTube e passando por estímulos que eu, ou qualquer pessoa da minha idade, já vivenciei. O salto tecnológico que estamos vivendo, com a quantidade de informações ao nosso alcance, é algo jamais visto na história da humanidade e faz com que nós, adultos ou jovens, vivenciemos outra forma de se relacionar com o mundo. Como já referi anteriormente, os jovens e o mundo adulto são impactados de uma mesma forma pela tecnologia; a diferença é que as juventudes já nas-

cem nesse mundo mais conectado e digitalizado.

O que representa possibilidades muito grandes, mas, contraditoriamente, com muitos limites. Quantidade de informação não gera qualidade; na era das Fake News, o mais importante não é receber a informação, mas sim compreender o que ela significa e ver o que está *“por detrás do aparente”*, eis aí o grande desafio para jovens e adultos. Penso que esse é um dos grandes desafios da educação para o tempo presente, possibilitar que as pessoas possam compreender a sua realidade, de forma profunda e complexa e não somente na superficialidade dos fenômenos.

Quando falamos de juventude, às portas do ano 2020, logo vem à nossa mente um monte de jovens conectados, mas é importante compreendermos que nem todas as juventudes são iguais e vivenciam os mesmos processos. Novamente lembro da necessidade de compreender esse segmento social por sua pluralidade, uma vez que muitos jovens não vivenciam esse mundo digital como, muitas vezes, imaginamos.

“Quando analisamos juventude temos que compreender: de que juventude estamos falando?”

IHU On-Line – De que forma a onda de violência de nosso tempo tem impactado os adolescentes e jovens?

Giovane Scherer – Essa é uma questão muito importante: uma das

² **Sócrates** (470 a. C. – 399 a. C.): filósofo ateniense e um dos mais importantes ícones da tradição filosófica ocidental. Sócrates não valorizava os prazeres dos sentidos, todavia escalava o belo entre as maiores virtudes, junto ao bom e ao justo. Dedicava-se ao parto das ideias (Maiêutica) dos cidadãos de Atenas. O julgamento e a execução de Sócrates são eventos centrais da obra de Platão (*Apologia e Críton*). (Nota da **IHU On-Line**)

³ **Heráclito de Éfeso** (540 a. C.–470 a. C.): filósofo pré-socrático, considerado o pai da dialética. Problematiza a questão do devir (mudança). Recebeu a alcunha de “Obscuro” principalmente em razão da obra a ele atribuída por Diógenes Laércio, *Sobre a Natureza*, em estilo obscuro, próximo ao das sentenças oraculares. Na vulgata filosófica, Heráclito é o pensador do “tudo flui” (panta rei) e do fogo, que seria o elemento do qual deriva tudo o que nos circunda. De seus escritos restaram poucos fragmentos (encontrados em obras posteriores), os quais geraram grande número de obras explicativas. (Nota da **IHU On-Line**)

respostas anteriores falava que as juventudes se constituem como o segmento social que mais vivencia os impactos das transformações no mundo do trabalho, especialmente no que se refere aos índices de desigualdade social. Nesse sentido, as juventudes são o segmento social que mais vivencia os processos de violência nesse tempo presente. Temos que compreender o caráter estrutural da violência em nossa sociedade. Isso significa afirmar que um país com tamanha desigualdade social, que construiu suas riquezas em cima do trabalho escravo (nutrindo uma dívida histórica jamais resolvida), que mantém e sustenta os privilégios das classes dominantes pela via do sacrifício e manipulação das massas, se constitui em um solo fértil para as violências de todas as naturezas.

A expressão mais trágica dessa violência estrutural é a morte! O Brasil é um dos países que mais mata jovens no mundo, conseguindo exterminar mais cidadãos pelo uso de armas de fogo do que muitos dos conflitos armados contemporâneos, como a guerra da Chechênia, a do Golfo, as guerrilhas colombianas ou a guerra de libertação de Angola e Moçambique, conforme os dados do Mapa da Violência. Porém, é importante considerar que essa dinâmica homicida na realidade brasileira acaba vitimando um segmento social específico: jovens, pobres e negros.

A série “Mapa da Violência”, de autoria de Julio Jacobo Waiselfisz⁴, reitera ano a ano uma série de dados que apontam para essa realidade, bem como para o agravamento da mortalidade juvenil na realidade brasileira. A série aponta que o cres-

cimento de homicídios por arma de fogo na população de 15 a 29 anos de idade subiu 669,5%, tendo em vista que o conjunto da população apresentou aumento de 592,8%, no que tange ao ano de 2014, comparado aos dados de 1980. Salienta-se que o número de vidas jovens perdidas subiu de 3.159 para 25.255. Conforme Waiselfisz (2016), em 2014, os jovens de 15 a 29 anos representavam, aproximadamente, 26% da população do país – mas essa faixa é responsável por 60% das vítimas dos homicídios por armas de fogo acontecidos nesse ano, tendo essas mortes claros contornos raciais, uma vez que, entre 2003 e 2014, as taxas de homicídios de brancos caem 27,1% – de 14,5, em 2003 – para 10,6 em 2014; enquanto a taxa de homicídios de negros aumenta 9,9%: de 24,9 para 27,4. Com esse diferencial, a vitimização negra do país – que em 2003 era de 71,7% – em poucos anos mais que duplica: em 2014, já é de 158,9%, ou seja, morrem 2,6 vezes mais negros que brancos vitimados por arma de fogo.

A cada dois dias, mais jovens mortos do que na tragédia da boate Kiss

Está aí a evidência que essa violência estrutural, vivenciada no Brasil, tem a marca de um racismo estrutural que mata os jovens negros e pobres desse país, sendo que essas mortes são, muitas vezes, secundarizadas pelas grandes mídias e totalmente ocultas dos discursos governamentais. Sempre quando vou falar de mortalidade de jovens no Brasil, uso o exemplo da boate Kiss em Santa Maria⁵, sendo uma tragédia terrível, que chamou a atenção da imprensa internacional. No ano de

2013, o incêndio na boate Kiss chocou o país, com a morte de 242 pessoas, dentre elas a maioria jovens. Porém, se forem somadas todas as mortes por homicídio no país, a cada dia morrem cerca de 150 jovens, segundo dados do Mapa da Violência 2014. Isso significa afirmar que a cada dois dias no Brasil morrem mais jovens por homicídio do que aqueles mortos no incêndio na boate, porém, na maioria das vezes, tais dados ficam invisibilizados, ocultos pela banalização das violações de direitos humanos, cotidianamente naturalizados.

O que ocorre com a juventude brasileira é um massacre, sendo que, embora haja avanços na construção de políticas públicas para as juventudes, inclusive com aprovação de dispositivos legais, o que realmente temos, na prática, são diversas lacunas de políticas, programas e projetos voltados para a juventude brasileira que possam, de forma eficaz, reduzir os índices de mortalidade juvenil.

Todos os países do mundo que reduziram índices de mortalidade investiram, de forma pesada, na educação, sendo essa uma política estratégica quando articulada com as demais políticas públicas. Porém, nos deparamos, em 2019, com cortes nos investimentos (embora o atual governo use o termo “gasto”, de forma equivocada – temos que ter ciência que, quando falamos em políticas educacionais para a juventude, estamos falando em investimentos), o que tem uma tendência a agravar ainda mais o complexo fenômeno da violência juvenil. Concordo plenamente com a frase clássica de Darcy Ribeiro⁶ que diz que a “crise na educação no Brasil não é uma crise, mas um projeto”. Quando se cor-

4 **Julio Jacobo Waiselfisz**: formou-se em Sociologia pela Universidade de Buenos Aires e Mestre em Planejamento Educacional pela Universidade Federal de Rio Grande do Sul. Coordenador da Área de Estudos sobre Violência da FLACSO - Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, já foi Diretor de Pesquisa do Instituto Sangari, exerceu funções de Coordenador Regional da UNESCO em Pernambuco, Coordenador de Pesquisa e Avaliação e do setor de Desenvolvimento Social da UNESCO/Brasil. Anteriormente exerceu as funções de consultor e/ou especialista em diversos Organismos Internacionais do Sistema das Nações Unidas, como o PNUD, a OEA, o IICA e a UNESCO. Atuou como professor em diversas Universidades da América Latina, tendo exercido o cargo de Diretor de Departamento de Ciências Sociais na Universidad Nacional del Salvador/ El Salvador/Centroamérica e da Universidad de San Juan/ Argentina, além de Pró-Reitor Acadêmico na Universidad Nacional del Comahue/Argentina. (Nota **IHU On-Line**)

5 **Incêndio na boate Kiss**: foi uma tragédia que matou 242 pessoas e feriu 680 outras numa discoteca da cidade de Santa Maria, no estado brasileiro do Rio Grande do Sul. A tragédia ocorreu na madrugada do dia 27 de janeiro de 2013, e foi provocada pela imprudência e pelas más condições de segurança no local. O acidente foi considerado a segunda maior tragédia no Brasil em número de vítimas em um incêndio, sendo superado apenas pela tragédia do Gran Circus Norte-Americano, ocorrida em 1961, em Niterói, que vitimou 503 pessoas; e teve características semelhantes às do incêndio ocorrido na Argentina, em 2004, na discoteca República Cromañón.[6] Classificou-se também como a quinta maior tragédia da história do Brasil, a maior do Rio Grande do Sul, a de maior número de mortos nos últimos cinquenta anos no Brasil e o terceiro maior desastre em casas noturnas no mundo. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Darcy Ribeiro** (1922-1977): etnólogo, antropólogo, professor, educador, ensaísta, romancista e político mineiro. Completou o curso superior na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, em 1946. Trabalhou como etnólogo no Serviço de Proteção ao Índio e, em 1953, fundou o Museu do Índio. Foi professor de etnologia e linguística tupi na Faculdade Nacional de Filosofia e dirigiu setores de pesquisas sociais do Centro de Pesquisas Educacionais e da Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo, além de ocupar, no biênio 1959-1961, o cargo de presidente da Associação Brasileira de Antropologia. Foi eleito em 8 de outubro de 1992 para a Cadeira n.º 11 da Academia Brasileira de Letras. (Nota da **IHU On-Line**)

tam investimentos em educação, se contribui para a morte das juventudes. O atual governo está ajudando a apertar esse gatilho.

“Essa dinâmica homicida na realidade brasileira acaba vitimando um segmento social específico: jovens, pobres e negros”

IHU On-Line – Em que medida podemos relacionar a falta de postos de trabalho para as gerações mais jovens com a criminalidade e violência?

Giovane Scherer – Em uma das questões anteriores, citava a questão do desemprego e precarização de trabalho para as juventudes, uma vez que essa é uma realidade inegável, conforme podemos observar os dados das últimas pesquisas sobre o mundo do trabalho. Por outro lado, há um mercado que vem escalando muitos jovens na atualidade, que não exige experiência, escolaridade, se constituindo em um trabalho extremamente lucrativo, proporcionando a possibilidade de inserção de muitos sujeitos no circuito do capital, e ainda, possibilitando a ideia de poder e status para um grupo de jovens que, historicamente, foi segregado por toda a sociedade – o nome desse mercado é o tráfico de drogas. O tráfico de drogas é a dinâmica criminal que mais cresce nas grandes cidades, escalando diversos trabalhadores, cujas atividades são submetidas a um processo de organização hierárquica, produtiva e comercial, com delimitação de mercado baseada na

força e na violência entre grupos. Nesse sentido, além da exploração presente em toda a venda de força de trabalho, a inserção nesse mercado mostra-se extremamente perigosa pelo caráter violento.

Esse caráter violento se dá em função de sua organização interna, uma vez que o tráfico de drogas possui normas de conduta que visam garantir o controle e o poder, bem como se dá no conflito entre o Estado, devido às políticas de combate e repressão a este mercado, uma vez que a política do Estado adotou a lógica da “guerra às drogas” como paradigma de intervenção, resultando em confrontos bélicos e aumento significativo do número de mortes. Dessa forma, em grande parte das vezes, o discurso de “guerra às drogas” acaba se constituindo em ações específicas que resultam num processo de criminalização da pobreza, tornando-se uma guerra voltada para combater uma classe social, e não para fazer enfrentamento à problemática das drogas. O jovem da periferia que está inserido no tráfico, vendendo maconha, é tratado de forma distinta, pelo Estado, do jovem em uma *rave* que vende êxtase.

Diante disso, mostra-se fundamental analisar que – apesar das populações mais atingidas pela pobreza sofrerem mais com a dinâmica violenta do tráfico de drogas (incluindo as respostas violentas das políticas de segurança pública) – esse mercado não se resume a esses sujeitos; pelo contrário, o aparato do narcotráfico, na realidade brasileira, mostra-se em uma cadeia altamente complexa, envolvendo diversos setores da sociedade. Os operadores do tráfico de drogas não são filhos da pobreza, muitas vezes pertencem à classe dominante, sendo protegidos de múltiplas formas pelos mecanismos da impunidade produzidos pelas normas do Estado em seu atual cenário.

O que estou afirmando é que o tráfico de drogas cumpre, especialmente para as juventudes pobres, uma inserção laboral altamente violenta e precarizada, se constituindo um catalizador da violência. O quadro con-

temporâneo demonstra que temos um mercado de trabalho formal cada vez mais restrito e enxuto e um Estado mais ausente em suas funções constitucionais de proteção social, o que resulta em um complexo de violências que vem atingindo os jovens, conforme debatido com relação às taxas de mortalidade.

IHU On-Line – Quais os desafios para os jovens no que diz respeito ao mercado de trabalho, tanto atualmente como no futuro?

Giovane Scherer – O desafio principal é conseguir se inserir no mercado de trabalho formal e com direitos garantidos diante de um quadro de instabilidade e descarte ampliado de força de trabalho. Importante ressaltar que a dinâmica do desemprego das juventudes é uma problemática internacional. Em 2013, a Organização Internacional do Trabalho - OIT lançou o documento “Tendências mundiais para o emprego juvenil 2013: uma geração em perigo”. O título já demonstra uma conjuntura extremamente preocupante para as juventudes em relação a sua inserção no mercado de trabalho no contexto global.

Diversos estudos vêm mostrando a dificuldade de inserção no mundo do trabalho diante de uma crise que não atinge um setor produtivo específico, mas se constitui como uma crise estrutural nos postos de trabalho em nível global. Se esse processo atinge os países centrais, a periferia do capitalismo global vem recebendo esse impacto de forma muito mais agravada, especialmente porque países como o Brasil não conseguiram consolidar padrões de proteção social para a sua população como os países centrais. O resultado disso é uma ampliação do desemprego e da degradação das condições de vida da população trabalhadora de forma muito mais intensa.

Se continuar em curso o atual modelo de gestão do mercado de trabalho, é certo que uma massa da população não conseguirá se inserir no

mercado de trabalho em nenhuma hipótese, e outra parte irá se inserir em condições extremamente precárias. Apesar desse contexto, ainda cremos na “falácia liberal”, que prega que o mercado irá resolver todas as demandas da população. Tese essa, derrubada já há muitos anos, uma vez que o mercado é um agente que se calca na superexploração e descartabilidade de força de trabalho, não tendo nenhum interesse nas demandas coletivas. Se, enquanto país, continuarmos a aplicar as leis do mercado, sem freios, vamos, cada vez mais, assistir à degradação massificada da população brasileira, e os jovens serão os primeiros que sentirão esses impactos.

16 — “Os operadores do tráfico de drogas não são filhos da pobreza, muitas vezes pertencem à classe dominante”

IHU On-Line – Em que medida os jovens de hoje se veem representados em organizações do mundo do trabalho, como, por exemplo, os sindicatos? Qual a perspectiva de engajamento juvenil nas organizações do mundo do trabalho, como, por exemplo, os sindicatos?

Giovane Scherer – Vivemos uma crise de representatividade de todas as instituições tradicionais, especialmente quando se analisa a articulação de grupos que buscam, de forma coletiva, algumas reivindicações. A cultura da individualidade extrema se constitui enquanto elemento central de sociabilidade entre jovens e não jovens, uma vez que somos convencidos de que, so-

mente de forma individual, conseguimos o que necessitamos. O que é mais uma falácia liberal que nos envenena cotidianamente.

Se formos analisar a história da humanidade, vamos perceber que todos os grandes acontecimentos só foram possíveis por lutas que são coletivas. No caso do Brasil, o voto feminino, os direitos trabalhistas, a universalidade da saúde, impressa na Constituição Federal de 1988, enfim, tudo que temos hoje é graças a lutas de um conjunto de sujeitos na conjuntura brasileira.

Há uma evidente falta de representatividade dos jovens nas atividades de representação, pela via dos sindicatos, por diversos motivos: tanto pela questão ideológica que acarreta o convencimento da falta de importância dessas lutas coletivas; bem como pela própria dinâmica do mundo do trabalho, que dificulta a inserção dos jovens no movimento sindical devido aos vínculos fragilizados que os jovens estabelecem com o mundo do trabalho, tais como estágios, tempos parcializados, entre outros.

Esses são dois elementos centrais e articulados para dificultar a inserção juvenil nessas instituições, o que não significa que a juventude seja “desinteressada” pelas lutas contemporâneas, mas, até que ponto existem condições objetivas para possibilitar a inserção juvenil nesses movimentos? Existem grupos juvenis extremamente organizados, em diversos espaços, lutando por direitos, debatendo o contexto brasileiro, em um movimento contra-hegemônico a essa tendência.

Direitos ou emprego?

Outro aspecto importante de se analisar é a recente reforma trabalhista aprovada no governo de Michel Temer que, conforme pode ser observada nas pesquisas de desemprego, não ampliou a oferta de trabalho, pelo contrário, possibilitou um agravamento da precarização das relações laborais. Porém, por outro lado, abriu brechas para dificultar o acesso dos sindicatos a

recursos importantes para realizar lutas pela garantia e efetivação dos direitos trabalhistas. Essas decisões atingem o mundo do trabalho para a juventude e para os demais segmentos sociais. Vivemos em tempos tão nebulosos com relação ao mundo do trabalho, com taxas tão altas de desemprego e trabalho precarizado, que há uma construção ideológica que “coloca o jovem na parede”, obrigando-o a escolher entre direitos trabalhistas e emprego.

Esse discurso, propagado pelo atual governo, se constitui como uma grande chantagem que busca destruir lutas históricas para manter os velhos privilégios de grupos que historicamente vêm assaltando o Brasil. É uma opção política optar em não taxar grandes fortunas para destruir todos os direitos dos trabalhadores... Diante desse contexto o resultado é um mundo do trabalho cada vez mais precarizado, com reduzidos postos, baixos salários e com poucos direitos trabalhistas. Esse contexto contribui para que o jovem tenha dificuldades de se engajar na luta sindical.

IHU On-Line – Segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - Ipea, até dezembro, 44,2% dos jovens com diploma estavam fora da área em que investiram sua formação. Como o senhor interpreta esse dado?

Giovane Scherer – A dinâmica do desemprego e da precarização salarial vai atingir todos os níveis de formação. O dado divulgado pelo Ipea, de que 44,2% dos jovens com diploma estavam fora da área em que investiram sua formação, contraria um discurso, muito usual, de que o problema do desemprego no Brasil é a falta de qualificação profissional. Outra pesquisa divulgada recentemente pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos aponta que a taxa de desemprego entre mestres e doutores chega a 25% para doutores e 35% para mestres.

Importante considerar que as dificuldades de inserção das juven-

tudes no mundo do trabalho não se dão somente pela falta de capacitação profissional, mas, especialmente, pela própria dinâmica do mercado de trabalho brasileiro que, como debatido anteriormente, diminui, flexibiliza e precariza postos de trabalho como forma de acúmulo de capital. A questão central da relação entre juventudes e inserção do mundo do trabalho não ocorre somente em virtude da pouca ou baixa qualificação profissional, mas pelos poucos precarizados e flexíveis postos existentes no mercado de trabalho.

Evidentemente há necessidade de uma política de formação profissional, ampla e de qualidade, uma vez que, muitas vezes, formação profissional não significa qualidade nessa formação, sendo um debate pouco feito no Brasil. Deve ser questionado como vem se construindo a qualidade no ensino, em todos os níveis no país. Formar massas com uma qualidade precarizada não terá impacto para o desenvolvimento brasileiro.

Qualificação e “trabalho decente”

Além desse aspecto, é importante, enquanto gestão Estatal, construir formas de qualificar os vínculos trabalhistas, por meio de modos de proteção à classe trabalhadora. A Organização Internacional do Trabalho – OIT, inclusive, utiliza o termo “trabalho decente” para apontar a necessidade de condições mínimas de qualidade de trabalho para a população.

O Brasil, nos últimos anos, especialmente após 2016, vem criando estratégias para precarizar os vínculos trabalhistas, com o discurso da “modernização legal”, a fim de ampliar os postos. Porém, os dados da realidade vêm demonstrando que essa estratégia só tem ampliado o desemprego e a precarização laboral e não ampliado os postos de trabalho para todas as áreas. Fica evidente que as políticas de emprego e renda, enquanto elementos estratégicos para o país, necessitam

ser pensadas na perspectiva da proteção social das pessoas.

“Formar massas com uma qualidade precarizada não terá impacto para o desenvolvimento brasileiro”

IHU On-Line – Ao longo dos governos petistas, houve um grande investimento para garantir o acesso de jovens à universidade. Agora, já desde o governo de Michel Temer, e sendo ainda intensificado nesses primeiros meses do governo de Jair Bolsonaro, o foco dos investimentos para formação profissional dos jovens está muito mais ligada a cursos técnicos e profissionalizantes. Quais os limites e as possibilidades de cada uma dessas duas perspectivas?

Giovane Scherer – A educação, certamente, é uma política central para as juventudes em qualquer parte do mundo. Se formos analisar a melhora de dados dos índices sociais em qualquer parte do globo, vamos perceber que a educação é um elemento que alavanca a melhora de tais índices em áreas distintas. Porém, como dito anteriormente, o Brasil está na contramão dessa dinâmica, ampliando o processo de precarização da política de educação, analisando como um “gasto de Estado” e não como um elemento estratégico para o desenvolvimento do país. Os atuais cortes na educação promovidos pelo governo Bolsonaro demonstram essa realidade.

O investimento no ensino técnico e universitário é muito importante,

porém não basta uma focalização em um ou outro sem pensarmos na qualificação de todos os níveis de formação. A política de educação, historicamente, vem sendo precarizada na formação básica e fundamental, sofrendo com diversos cortes de recursos. Esse contexto ainda é agravado com a construção ideológica da figura do professor como “inimigo da nação” e “responsável pela precarização” da educação, sem se dar conta das condições de trabalho em que esse profissional vem atuando e a desvalorização salarial.

Antes de focalização na educação superior e técnica, o Estado deve, urgentemente, investir na qualidade da formação básica e fundamental, ampliando a qualidade de ensino na direção de uma educação integral, que deve envolver diversas áreas do conhecimento, possibilitando ao jovem ler e compreender a realidade de forma crítica e propositiva. Ainda encontramos diversas lacunas na educação pública, com poucas vagas de educação infantil, com escolas sem condições estruturais de proporcionar condições de ensino, com professores com salários extremamente baixos, dentre outros aspectos que tornam a educação brasileira uma das piores do mundo. Essa piora é responsabilidade da ausência Estatal e não dos profissionais que estão inseridos nesses espaços. Essa realidade só pode ser alterada com investimento público e não pela via dos cortes, como quer a atual gestão Estatal.

Ensino superior

Nos últimos anos, especialmente nos governos petistas, houve uma ampliação da oferta de vagas no ensino superior, mas com pouca preocupação com a educação básica e fundamental. A ampliação de ofertas no ensino superior é fundamental, uma vez que a função da graduação é possibilitar uma formação ampla, universal, para o aluno compreender a sua formação inserido em uma realidade contextual. A realidade contemporânea solicita profissionais que possam não somente fazer, mas pensar criticamente e, de forma cria-

tiva, como desenvolver tais processos de trabalho: e essa é a função da universidade. Desta forma, a universidade tem papel fundamental para o desenvolvimento da ciência e da tecnologia de qualquer país. Porém, o que se observou com os governos petistas é o processo de massificação do ensino superior, sem o cuidado com a qualidade das novas ofertas de universidade.

Como disse anteriormente, não basta formar uma massa de graduados sem a devida qualidade e formação integral. Durante os anos dos governos do Partido dos Trabalhadores houve a explosão de novos cursos de graduação privados, especialmente na modalidade a distância, com pouca preocupação com a qualidade na formação nos novos bacharéis e licenciados, o que se constitui em algo extremamente preocupante. O ensino superior deve ser universal para todas as pessoas, porém deve ser mantida a qualidade do ensino como fator primordial em todos os níveis de formação.

Ampliação da precarização em todos os níveis

O que estamos vivenciando no momento presente, com os governos Temer e Bolsonaro, é uma ampliação da precarização da educação em todos os níveis, com o discurso da focalização na formação técnica, em detrimento ao ensino superior, sendo que a formação em nível técnico é de grande importância para qualificação da força de trabalho, porém não substitui o ensino superior. A formação técnica pode ser uma importante estratégia, desde que garantida a qualidade dos demais níveis de formação anteriores e possibilitando o acesso ao ensino superior. Destruir a concepção de universidade como for-

ma universal de acesso, dizendo que a ampliação de vagas no ensino técnico irá resolver o problema do mercado de trabalho, é mais uma estratégia de manipulação de massas para a retirada de direitos.

O que estou afirmando é que se faz necessário um amplo investimento em todos os níveis de formação, pensando a educação básica, fundamental, técnica e superior como prioridades de Estado (e não de governo). Evidentemente, o investimento na educação se constitui como uma estratégia de longo prazo para qualificar os índices de desenvolvimento humano, mas se constitui na estratégia mais efetiva e urgente que o Brasil precisa tomar.

IHU On-Line – No Brasil de hoje, como imagina ser o foco mais apropriado para investimento de recursos na formação de jovens, visando a sua garantia de inserção no mercado de trabalho, levando em consideração as atuais transformações nos direitos trabalhistas?

Giovane Scherer – Antes de mais nada, temos que ter clareza do que significa a formação e educação. O papel da educação não é, simplesmente, formar para o mercado de trabalho, mas também possibilitar um processo de formação humana, preparação dos sujeitos para compreender e se inserir no mundo – essa é uma concepção que deve estar sempre no horizonte. A redução da educação como forma de preparação para o mercado de trabalho, somado a uma política pública precarizada, reflexo do ideário neoliberal, presente no âmbito da política pública, se mostra distante de horizontes emancipatórios e convenientemente funcional à reprodução de interesses de grupos majoritários,

pois as classes dominantes no Brasil representam a minoria. É claro que, em se tratando de uma sociedade capitalista, em que as pessoas precisam vender sua força de trabalho, a educação também cumpre a função de preparação profissional, mas essa é uma das funções da educação, e não a sua dimensão primordial.

A educação para as juventudes, na atualidade, deve ser o foco do país, tendo a necessidade de investimentos em todos os níveis de formação profissional. Não temos como pensar um ensino superior ou médio, mantendo as lacunas na educação básica e fundamental. A educação não pode ser vista de forma fracionada e focalizada, mas como algo integral e universal, como aponta o texto constitucional.

Evidentemente, quando falamos em educação, percebo essa política pública de forma intersectorializada e interdisciplinar, não cabendo a somente um agente (o professor) o papel de resolução de todas as problemáticas que surgem no âmbito dessa política. A inserção de assistentes sociais e psicólogos na escola, por exemplo, seria uma importante estratégia para conseguir trabalhar com as juventudes, de forma mais ampla no ambiente escolar, na perspectiva da integralidade de direitos desses sujeitos.

Ainda temos um longo caminho a trilhar para qualificação das políticas públicas para a juventude no Brasil. Apesar da aprovação do Estatuto da Juventude no ano de 2013, temos enormes lacunas para tornar aquilo que é legal, em aspectos reais na vida das juventudes. Enquanto continuarmos precarizando os direitos das juventudes, vamos continuar presenciando, cotidianamente, o genocídio desse segmento social. ■



22/05/2019 (quarta-feira) 19h30min às 22h
As contribuições de Karl Polanyi para a reconstrução do pensamento econômico contemporâneo
 Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros-IHU
ihu.unisinos.br/eventos



Jovens, a complicada equação entre trabalho e crime

Daniel Hirata propõe o resgate de um olhar complexo em torno das condições sociais que levam adolescentes a entrar no mundo da ilegalidade, superando uma narrativa judiciaisca que os classifica como “menores infratores”

João Vitor Santos | Edição: Ricardo Machado

Emergiu com força, nos últimos meses, a retomada de um vocabulário bélico em que a solução para questões sociais profundas reside na “guerra” como categoria sociológica e como controle de pessoas e territórios. Isso leva a pensar as políticas públicas não a partir de um dado concreto sobre a violência, mas a partir do imaginário da sensação de violência, em que populações menos vulneráveis acabam agenciando as políticas de segurança pública, normalmente defendendo o recrudescimento da violência contra os marginalizados. “Alguém exposto a toda uma série de violências e violações por vezes consegue levar sua vida sem entrar em pânico. Isso porque a sensação de segurança é diferente da segurança”, argumenta Daniel Hirata, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

“O neoconservadorismo, apoiando-se nos sentimentos de medo das classes médias, se caracteriza, dentre outras coisas, por políticas que visam transmitir uma mensagem com os símbolos da condenação e do sofrimento para a sensação de proteção do público; por políticas que são construídas levando mais em conta o público que os especialistas, em que a vítima e seu sofrimento aparecem mais que os criminosos”, complementa.

Nesse sentido, ele propõe uma reconfiguração da abordagem judiciaisca aos jovens e adolescentes envolvidos com atividades criminosas. “Infrator faz sentido se queremos pensar esses adolescentes dentro de um quadro analítico de tipo jurídico, se queremos

pensá-los por relação àqueles que aplicam as leis. Bom, não somos obrigados a pensar exclusivamente dessa maneira, podemos usar nossa imaginação sociológica para pensar nesses meninos e meninas como trabalhadores”, sugere. “O importante para mim, e acredito que para muitos que trabalham com esses temas, é resgatar a potência que a articulação entre trabalho e crime pode oferecer. Precisamos renovar as nossas perspectivas analíticas para pensar diferente e, em seguida, buscar soluções diferentes”, complementa.

Daniel Hirata é doutor e mestre em Sociologia e graduado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo - USP. Realizou estágio pós-doutoral na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Leciona na Universidade Federal Fluminense - UFF. É pesquisador do Núcleo de Estudos de Cidadania, Conflito e Violência Urbana - NECVU-UFRJ; do grupo Cidade e Trabalho do Laboratório de Pesquisas Sociais - LAPS-USP; e do Núcleo de Pesquisas em Economia e Cultura - NUCEC-UFRJ.

Hirata estará no Instituto Humanitas Unisinos – IHU no dia 24-05-2019 participando do “Ciclo de Estudos do Brasil. Mutações e (im)possibilidades”, onde ministrará a palestra intitulada “Jovens e violências nas periferias. Resistências e possibilidades”. O evento será realizado às 16h na Sala TEDU 803, no Campus Unisinos Porto Alegre. Acessa programação completa em <http://bit.ly/2VTZfxn>.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como a violência tem impactado a vida de jovens e adolescentes atualmente?

Daniel Hirata – O impacto é muito grande. Para falar somente do que é mais grave, que é o risco de morrer, a questão das mortes violentas, temos visto um crescimento grande em todo o Brasil, especialmente entre os jovens, segundo os dados compilados ano após ano pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Claro que o impacto disso é absolutamente desigual segundo as clivagens de classe, gênero, raça e lugar de moradia. Imagina como é sentir cotidianamente que estes marcadores sociais são atuantes? Em diferentes situações você é parado, podendo ser humilhado, agredido ou morto. Isso é absolutamente estrutural no Brasil e só vamos resolver no longo prazo.

Mas a partir do dia 1º de janeiro de 2019 o Brasil inaugurou uma nova era punitiva, porque a guerra contra o crime, que alimenta de diferentes maneiras essa máquina letal, ganhou uma centralidade inédita como técnica de gestão de territórios e populações. Não que a guerra contra o crime seja em si uma novidade, como eu disse é estrutural, mas o atual rearranjo desses conhecidos elementos acelerou o processo de desdemocratização de que fala Wendy Brown¹. Se a guerra ao crime sempre foi o objeto público mais estranho à democracia no Brasil, agora passou de “caixa-preta” da vida social a um elemento celebrativo e ponta de lança de destruição de qualquer horizonte democrático no país. Por um lado, porque não se procura mais em esconder e sim exaltar que a extra legalidade e a morte são as formas de atuação do Estado frente à questão criminal. Por outro, porque a guerra

parece ser a forma de interface preferencial entre governantes e governados – e seu motor de propulsão, justificativa e expansão é a guerra contra o crime.

“Alguém
exposto a toda
uma série de
violências e
violações por
vezes consegue
levar sua vida
sem entrar
em pânico”

IHU On-Line – Ainda com relação à violência, o que mais preocupa os jovens e adolescentes que vivem em zonas periféricas das grandes cidades? E no que esses medos se aproximam e se dissociam dos de jovens que vivem em regiões mais centrais?

Daniel Hirata – Bom, isso é meio chover no molhado, mas precisa ser dito. Objetivamente, a chance de alguém pobre, negro e periférico morrer é muito maior que de um jovem de classe média, branco e que mora em uma região mais central das grandes cidades. Agora, diversas pesquisas já mostraram que, por vezes, aquele que sofre cotidianamente mais com a violência não necessariamente sente mais medo. Pode acontecer de um jovem com uma vida objetivamente segura ficar apavorado de andar na rua, porque o pânico em que ele está submerso é tão grande que se sente desprotegido. Por outro lado, alguém exposto a toda uma série de violências e violações por vezes consegue levar sua vida sem entrar em pânico. Isso porque a sensação de segurança é diferente da segurança.

O que me parece grave é que, cada vez mais, o que vai guiando as políticas de segurança pública é a sensação de segurança. Tudo que este governo de malucos (na bela definição de Lula²) faz é um tratamento de choque sobre a sensação de segurança e de insegurança, é uma estratégia política que brinca com um sentimento paranoico crescente porque isso oferece ganhos eleitorais.

Tem toda uma literatura importante sobre o que muitos pesquisadores vêm chamando de “populismo penal”. No caso do Brasil, sobretudo a partir da eleição de 2018, fazendo par com a racionalidade neoliberal já instalada desde o primeiro governo do período democrático, vemos agora sua conjugação com o neoconservadorismo, que, tal como apresentado por David Garland³, mostra-se decididamente apropriado para se pensar a questão da punição no Brasil atual. Segundo o autor, o neoconservadorismo, apoiando-se nos sentimentos de medo das classes médias, se caracteriza, dentre outras coisas, por políticas que visam trans-

² **Luiz Inácio Lula da Silva** (1945): Trigésimo quinto presidente do Brasil, cargo que exerceu de 2003 a 1º de janeiro de 2011. É cofundador e presidente de honra do Partido dos Trabalhadores - PT. Em 1990, foi um dos fundadores e organizadores do Foro de São Paulo, que congrega parte dos movimentos políticos de esquerda da América Latina e do Caribe. Foi candidato a presidente cinco vezes: em 1989 (perdeu para Fernando Collor de Mello), em 1994 (perdeu para Fernando Henrique Cardoso) e em 1998 (novamente perdeu para Fernando Henrique Cardoso) e ganhou as eleições de 2002 (derrotando José Serra) e de 2006 (derrotando Geraldo Alckmin). Lula bateu um recorde histórico de popularidade durante seu mandato, conforme medido pelo Datafolha. Programas sociais como o Bolsa Família e Fome Zero são marcas de seu governo, programa este que teve seu reconhecimento por parte da Organização das Nações Unidas como um país que saiu do mapa da fome. Lula teve um papel de destaque na evolução recente das relações internacionais, incluindo o programa nuclear do Irã e do aquecimento global. É investigado na operação Lava Jato e foi denunciado em setembro de 2016 pelo Ministério Público Federal (MPF), apontado como receptor de vantagens pagas pela empreiteira OAS em um triplex do Guarujá. No dia 12 de julho de 2017, Lula foi condenado pelo juiz federal Sérgio Moro, em primeira instância, a nove anos e seis meses de prisão em regime fechado por crimes de corrupção passiva e lavagem de dinheiro. No dia 24 de janeiro de 2018, por unanimidade, os três desembargadores da 8ª Turma do Tribunal Regional Federal da 4ª Região confirmaram a condenação de Lula, elevando a pena para 12 anos e um mês de prisão. No dia 7 de abril de 2018 Lula, após mandado de prisão expedido pelo judiciário, entregou-se à Polícia Federal, onde se mantém sob custódia na Superintendência do órgão em Curitiba. (Nota da **IHU On-Line**)

³ **David Garland** (1955): é um importante jurista e sociólogo da área de criminologia. Professor da Universidade de Nova York (“New York University”), desenvolveu obras bastante significativas para a área, abordando temas como a História das estratégias de punição e a pena de morte. Foi editor e fundador do jornal *Punishment & Society*, além de ter editado coleções e escrito obras em conjunto com outros autores da área. Docente desde 1979, lecionou na Universidade de Edimburgo até 1997, ano em que passou a lecionar na escola em que ainda está. (nota da **IHU On-Line**)

¹ **Wendy L. Brown** (1955) - primeira professora de Ciência Política na Universidade da Califórnia, Berkeley, onde ela também é filiada ao Departamento de Retórica, e membro do corpo docente do núcleo de Teoria Crítica. Ela tem feito grandes e profundas contribuições para a teoria política moderna, elaborando com base na obra de Marx e Foucault uma importante reflexão teórica sobre o poder moderno e a formação do sujeito político. Seu trabalho sobre as racionalidades divergentes do neoliberalismo e neoconservadorismo, bem como sua análise do neoliberalismo em relação às ameaças contemporâneas à educação pública estabeleceram-na como uma intelectual significativa em seu campo de estudos. (Nota da **IHU On-Line**)

mitir uma mensagem com os símbolos da condenação e do sofrimento para a sensação de proteção do público; por políticas que são construídas levando mais em conta o público que os especialistas, em que a vítima e seu sofrimento aparecem mais que os criminosos. Nesse sentido, atos espetaculares e singulares, quando não fantasiosos, são exaltados como um poderoso artifício para justificar um aumento repressivo (inclusive alterando ou contornando a letra da lei) e oferecem ganhos políticos significativos aos que se colocam como paladinos da ordem.

“Isso porque a sensação de segurança é diferente da segurança”

IHU On-Line – Durante muito tempo se pregou que jovens e adolescentes de periferia deveriam ser engajados em projetos que vão além da escola porque corriam riscos de serem cooptados pelo tráfico de drogas. Essa é uma máxima ainda válida em nossos tempos?

Daniel Hirata – Quais são as possibilidades de existência e de horizontes de vida que estão dadas para a juventude? Quando lemos nos jornais sobre essa questão vejo sempre escrito que “jovens são aliciados ou cooptados pelo crime”. O que isso quer dizer? Que esses jovens são vítimas de pessoas más que os exploram.

Por um lado, isso é verdade. As posições mais vulneráveis são ocupadas por aqueles mais pobres, mais negros e mais periféricos. Quando olhamos as cadeias de fornecimento de drogas, o que vemos? O tráfico atacadista é muito mais pacífico, profissional e feito por pessoas mais ricas, mais brancas e não periféri-

cas. O tráfico varejista é muito mais pobre, mais negro e periférico. Essa mesma lógica poderia ser aplicada dentro de uma mesma cidade para os distribuidores e vendedores de armas e drogas ou com relação às posições internas em uma mesma boca de fumo. O soldado, aquele que faz a “contenção” aqui no Rio de Janeiro, ou seja, o enfrentamento direto com a polícia, com outras facções ou com as milícias, realiza um trabalho mal pago e superperigoso.

Por outro lado, é meio estranho conjugar a imagem de “traficantes associas”, “monstros assustadores” ou “inimigos sociais” com aquela da “cooptação dos moradores pela economia das drogas ilícitas”. O que ocorre é o contrário. Longe de serem associas, esses indivíduos são o topo de uma escala social que valoriza certo tipo de conduta. São pessoas cujas histórias de vida destacam-se por “grandes feitos”. Entre os mais jovens, essa é uma qualidade que os fascina, o que faz desses personagens (entre outros) modelos de conduta e de admiração. E é através da valorização desse tipo social que se pode compreender que os negócios ilícitos encontrem sempre pessoas dispostas a fazer parte de sua organização.

Se é claro que existe um fascínio exercido pelo poder e o dinheiro, é verdade também que isto sozinho não explica a adesão ao crime, porque os habitantes dos bairros pobres são cientes dos altos riscos desse tipo de atividade. Conheceram pessoas que foram assassinadas e que passaram anos no “inferno” da prisão – são situações corriqueiras em seu círculo social próximo. Não acredito que somente o cálculo entre os rendimentos de poder e dinheiro e os riscos assumidos possam explicar a escolha por trabalhar em atividades tão arriscadas como o tráfico de drogas e os roubos à mão armada. Escolha essa que, é necessário lembrar, costuma ser feita por rapazes muito jovens. Para além de uma racionalidade instrumental, o que deve também ser levado em consideração nessa decisão são as experiências sociais das pessoas.

IHU On-Line – Como compreender as lógicas das organizações criminais na atração de jovens para os seus sistemas? E qual é o papel de jovens e adolescentes na estrutura das organizações criminais?

Daniel Hirata – Bom, como ponto de partida, acho que aqui temos que pensar de forma um pouco diferente daquela usual, que é enquadrar os adolescentes que trabalham (por exemplo) no tráfico de drogas como um “infrator”. “Infrator” faz sentido se queremos pensar esses adolescentes dentro de um quadro analítico de tipo jurídico, se queremos pensá-los por relação àqueles que aplicam as leis – e, de certa forma, isso faz sentido em determinados contextos, como, por exemplo, aqueles que trabalham na justiça criminal ou até mesmo os profissionais do chamado “socioeducativo”, que estão pensando por meio do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, que é um código. Bom, não somos obrigados a pensar exclusivamente dessa maneira, podemos usar nossa imaginação sociológica para pensar nesses meninos e meninas como trabalhadores (do ponto de vista jurídico isso seria impensável, pois estão atuando em mercados informais ou ilegais, portanto, são contraventores ou criminosos ou, no caso das crianças e adolescentes, “infratores”).

Gostaria de mencionar aqui uma pesquisa feita no Centro Brasileiro de Análise e Planejamento - Cebrap, sob a coordenação do Ronaldo de Almeida e da Ana Paula Galdeano, chamada *Tráfico de drogas entre as piores formas de trabalho infantil*. Parece-me que eles estão levantando justamente essa questão, que é superimportante, porque apontam a contradição entre o texto do ECA, que trabalha a partir de uma analogia entre “crime” e “infração”, podendo sempre haver um deslize semântico entre um e outro e, por outro lado, as convenções da Organização Internacional do Trabalho - OIT sobre trabalho infantil.

Então eu queria chamar a atenção, quando evoquei o trabalho de Ana

Paula Galdeano e de Ronaldo de Almeida, para a atuação desses jovens do ponto de vista do trabalho. É preciso dizer que na minha experiência em diversas pesquisas nesses mercados, os jovens e os não tão jovens chamam o que fazem de trabalho, trampo, correria (termo usado também para trabalhos legais), chamam o tempo de atuação de turno, o dono da biqueira de patrão, enfim, tem todo um vocabulário que vem feito por analogia ao trabalho. Como, para um sociólogo, tão importante quanto o ponto de vista do legislador ou dos juízes é o ponto de vista das pessoas diretamente atuantes nessas práticas, então cabe levar a sério o que elas estão dizendo.

A pergunta então, óbvia, seria, é um mercado como os outros? Claro que não, mas também não é completamente diferente. O importante é talvez, reter algumas das conexões e mediadores que fazem aquele trabalho existir como tal. No Brasil, como em diversos países do chamado Sul Global, a informalidade, quando não a ilegalidade, foram constitutivos do nosso mercado de trabalho. Desde o trabalho pioneiro de Keith Hart⁴ em Accra, em Gana ou o trabalho de Luis Antonio Machado da Silva, no Brasil, ambos publicados em 1972 e que cunharam o termo “mercado informal”, isso já aparecia; depois, toda a discussão sobre a marginalidade, o subdesenvolvimento, a dependência. Enfim, todo o debate formador das especificidades do nosso mercado de trabalho, sempre a informalidade, no limite da ilegalidade, foi central. Nesses mesmos anos, em que se discutia o nosso problema dentro do quadro do desenvolvimento, as infinitas discussões sobre o “atraso e a modernidade” de nossos países, já se iniciavam no Chile e na Argentina práticas neoliberais que aprofundaram esse quadro de informalização, agora como um sintoma de nossa modernidade. Nos países do Norte Global, esse impacto foi sentido entre os anos de 1980/1990 e, no Brasil, entre os anos 1990/2000.

4 **Keith Hart** (1943): é diretor internacional do Programa de Economia Humana da Universidade de Pretória e mora em Paris com sua família. Sua principal pesquisa foi sobre antropologia econômica, África e a diáspora africana. (Nota da **IHU On-Line**)

Philippe Bourgois⁵ chamou os vendedores de crack durante o boom que teve nos anos 1990 em Nova Iorque de “trabalhadores precários da droga” e Vincenzo Ruggiero⁶ de “criminalidade *just-in time*” porque os “empregos” se apoiavam em flutuações rápidas desses mercados.

Então me parece que seria interessante ressituar a nossa maneira de pensar sobre a lógica dessas questões desse ponto de vista. Houve um momento em que essas conversas podiam ser feitas, depois isso foi bloqueado, mas isso é outro debate. O importante para mim, e acredito que para muitos que trabalham com esses temas, é resgatar a potência que a articulação entre trabalho e crime pode oferecer. Por um lado, porque dissocia a questão de um certo moralismo próprio ao enquadramento exclusivamente jurídico, por outro, porque nos faz apontar para outra direção e fazer outras questões. Precisamos renovar as nossas perspectivas analíticas para pensar diferente e, em seguida, buscar soluções diferentes.

“Então me parece que primeiro tem que escutar, depois as alternativas têm que vir da escuta dessa experiência”

IHU On-Line – O que leva o jovem de hoje para o mundo do crime? Que relação podemos

5 **Philippe Bourgois** (1955): é professor de antropologia e diretor do Centro de Medicina Social e Humanidades do Departamento de Psiquiatria da Universidade da Califórnia em Los Angeles. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Vincenzo Ruggiero**: professor de sociologia na Middlesex University, em Londres, também é diretor do Centro de Pesquisa Social e Criminológica da Universidade Middlesex. (Nota da **IHU On-Line**)

estabelecer com os desafios geracionais para compreendermos as crianças e os adolescentes de hoje?

Daniel Hirata – Para responder essa pergunta, queria retomar o ponto da pergunta anterior. Todos os trabalhos que citei, desde os textos formadores de certa interpretação do Brasil, passando pelos seus desdobramentos nos anos 1990/2000/2010, incluindo as coisas que escrevi com a professora Vera Telles⁷, têm um ponto em comum: existe um trânsito entre ocupações formais e informais, legais e ilegais, de modo que a própria ideia de uma carreira criminosa, espelhada na de carreira profissional, nunca foi um horizonte universal nos países periféricos e coloniais e as políticas neoliberais aprofundam esse trânsito ainda mais.

Mas isso não quer dizer de forma nenhuma que tudo sempre foi igual: junto com Vera Telles fizemos muitas entrevistas de trajetórias individuais e familiares em São Paulo, nas zonas sul e leste e era muito curioso, havia uma experiência do trabalho formal que, nos anos 2000, estava mudando muito rapidamente: os pais, geralmente migrantes, trabalhadores de fábricas, sindicalizados, construíram suas carreiras, casas e militância política tendo como horizonte o mercado formal (mesmo que permeado por informalidades e ilegalidades) e viam suas vidas como parte de um projeto familiar de mobilidade social ascendente (da casa, do estudo dos filhos, do seu próprio trabalho). Os filhos (que por vezes não percebiam a trajetória dos pais como mobilidade ascendente, ainda que tivessem estudado mais que eles e já morassem em uma casa própria, ainda que informal), assim como os pais, oscilavam entre informalidade,

7 **Vera Telles**: professora livre-docente do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo - USP e vice-coordenadora do Laboratório de Pesquisa Social (LAPS/USP). No Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS-USP), coordena a linha de pesquisa Cidade e trabalho: nas interfaces entre a sociologia urbana e a sociologia do trabalho, são desenvolvidas pesquisas sobre trajetórias sociais e formas de mobilidade urbana; sobre as mediações urbanas do trabalho, suas formas de regulação e modos de territorialização, bem como as relações entre o informal, o ilegal, por vezes o ilícito, na produção dos espaços urbanos e territórios produtivos. (Nota da **IHU On-Line**)

ilegalidade e formalidade, mas agora, com o desaparecimento das fábricas, no muito mais volátil setor dos serviços, sempre terceirizados. Isso faz muita diferença, são diferenças geracionais que são importantes...

IHU On-Line – Quais os desafios para inspirarmos gerações mais jovens a construir alternativas para um mundo menos violento e mais igual?

Daniel Hirata – Acho que temos que escutar. Nunca vou me esquecer de uma resposta de Mano Brown⁸

⁸ **Pedro Paulo Soares Pereira – Mano Brown** (1970): é um rapper brasileiro, vocalista dos Racionais MC's, grupo de rap formado na capital paulista em 1988 e integrado por Ice Blue (Paulo Eduardo Salvador), Edi Rock (Edivaldo Pereira Alves) e KL Jay (Kleber Geraldo Leles Simões). (Nota da IHU On-Line)

no programa Roda Viva. Ele estava sendo indagado se o que ele fazia era apologia ao crime, que transformava bandidos em heróis, essas acusações absurdas que às vezes se faz ao trabalho dele... Depois, o entrevistador falou alguma coisa do tipo “herói é o trabalhador que levanta de madrugada, que trabalha o dia inteiro, pega quatro horas de transporte todo dia entre a ida e a volta da casa pra ficar ralando e não ganha quase nada, nem consegue ver os filhos direito e tal.” Aí o Brown respondeu “nunca vi herói que só apanha!”. Então foi uma coisa que nunca esqueci, porque tem gente que quer entender como é a vida difícil de um jovem negro e periférico já com uma ideia do que é bom para ele, no caso do entrevistador do Roda Viva, de que é

bom sofrer o tempo inteiro como um “trabalhador honesto” – mas talvez as pessoas não queiram esse papel e isso não pode fazer delas um “inimigo”, essas pessoas tem que ser escutadas e poucas vezes são. Já falei isso em outras entrevistas, a escuta tem que ser levada a sério; talvez parte do nosso problema é que as pessoas não aguentam mais esse tipo de vida superespoliada e superexplorada baseada num certo ideal normativo. Então me parece que primeiro tem que escutar, depois as alternativas têm que vir da escuta dessa experiência, pode não ser o que alguns gostariam de escutar, mas só por aí a gente pode caminhar em uma direção em consonância com o que as pessoas estão vivendo, sentindo e pensando. ■

Leia mais

– **Brasil, um país onde se mata e morre muito. Ouvir as pessoas implicadas na vida das periferias é imprescindível.** Entrevista especial com Daniel Hirata, publicada nas Notícias do Dia, de 19-3-2018, disponível em <http://bit.ly/2VOMFQ4>.

– **São Paulo: uma metrópolis mundial, altamente desigual y con múltiples disputas sobre su futuro.** Entrevista especial com Daniel Hirata, publicada nas Notícias do Dia, de 1-9-2016, disponível em <http://bit.ly/2VT6FRq>

IHU IDEIAS

23 de maio (quinta-feira)

17h30min às 19h

A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk

Prof. Dr. Itamar Soares Veiga – UCS

ihu.unisinos.br/eventos



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

UNISINOS
Somos infinitas possibilidades

O *adultocentrismo* que silencia, apaga e flagela o jovem

Miriam Abramovay chama atenção para a necessidade de mobilizar os adolescentes à participação desde a perspectiva deles. Do contrário, é reiterar e aumentar as distâncias

João Vitor Santos

Ser adolescente nunca foi fácil. Mas ser jovem no nosso tempo é ainda ter de lidar com um mundo em transformação, adaptar-se a ele, sem a certeza de que essa adaptação assegurará sobrevivência. Afinal, como destaca a professora e pesquisadora Miriam Abramovay, sequer se sabe se haverá trabalho por mais que se aposte em estudos. Entretanto, ela reconhece que os mais novos têm uma potência, uma alegria resistente. “Eles têm essa vibração, essa possibilidade de encontrar coisas novas também. Se por um lado eles são muito descrentes dessa sociedade em vivemos, por outro lado eles inventam”, pontua, na entrevista concedida por telefone à **IHU On-Line**.

O problema é que as transformações de nosso tempo não asseguram uma vida estável nem para adultos. Ao invés de nos inspirarmos e construirmos alternativas a partir das experiências das novas gerações, acabamos criando muros pela imposição de lógicas que nem dão mais conta do mundo contemporâneo. Um exemplo é a escola que concebemos. “Na verdade, não se deixa que essa cultura juvenil se estabeleça dentro da escola”, aponta Miriam. “Eles são muito críticos ao que acontece dentro das escolas. E muito críticos porque eles não têm espaço”, completa.

Assim, na escola se repete uma lógica social que Miriam chama de *adulto-*

centrismo, quando “toda cultura, tudo que se pensa, tudo que se quer é muito ligado ao que são os adultos”. O resultado nos adolescentes causa surpresa: suicídio e automutilação. “Isso foi algo completamente novo, que não estava nos nossos roteiros de entrevistas, mas apareceu. E apareceu por parte deles”, destaca. “Percebemos, inclusive, muita tristeza e necessidade de falar, porque eles não têm com quem falar”, acrescenta. E alerta: “quando perguntávamos por que fazem isso, eles dizem: ‘é uma forma de a gente não morrer. É uma forma de sentir que estamos nesse mundo’. Precisamos prestar mais atenção neles. É realmente impressionante e muito triste”.

Miriam Abramovay possui graduação em Sociologia e em Ciência da Educação pela Université de Paris VIII, mestrado em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP e doutorado em Ciências da Educação pelo Université Lumière Lyon 2, na França - École Doctorale EPIC - Education Psychologie Information et Communication. É pesquisadora, coordenadora da Área de Juventude e Políticas Públicas da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais - Flacso-Brasil e professora da Universidade Católica de Brasília.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Quais são os maiores desafios para compreender os adolescentes e os jovens de nosso tempo?

Miriam Abramovay – Há sempre muitas mudanças em cada geração, e há muita dificuldade por parte dos adultos justamente porque

eles são muito *adultocêntricos*, ou seja, toda cultura, tudo que se pensa, tudo que se quer é muito ligado ao que são os adultos. E cada gera-

“Os jovens têm uma visão crítica, mas não estão organizados e não sabem reivindicar e, ainda, são muito reprimidos quando falam aquilo que querem”

ção apresenta características diferentes: nós tivemos uma geração que lutou contra a ditadura, depois tivemos uma geração muito mais voltada à questão da participação política, depois uma geração hippie, mas essas coisas não são opostas.

O que percebemos, a partir de vários estudos sobre juventudes, é que os jovens que participavam politicamente não participavam dos movimentos sociais. E nós vimos, durante trabalhos que fizemos, que esses jovens têm muitas facetas, podem participar de diferentes grupos, podem trabalhar em diferentes temas. Uma das características dos jovens é que eles têm uma maleabilidade muito grande. Recentemente, saiu uma pesquisa grande sobre os jovens dos tempos atuais que foi feita em vários países da América Latina e Europa que revela que eles também têm características diferentes, são mais descrentes na política e no governo.

Assim, vimos que os jovens foram muito criticados por serem mais voltados à sua vida profissional, ao seu futuro, ou, podemos dizer, são mais individualistas. Mas mesmo assim, acho que essa característica de viverem em grupo, principalmente os adolescentes, de viverem com adrenalina, continua permeando várias gerações. Existe, no caso do Brasil, uma situação social e política muito complicada que faz com que esses meninos e essas meninas fiquem muito descrentes. É uma situação social, econômica, cultural e de poucas possibilidades de abertura para esses jovens.

Resistência e vibração

Mas, por outro lado, eles têm essa vibração, essa possibilidade de encontrar coisas novas também. Se por um lado eles são muito descrentes dessa sociedade em que vivemos, por outro lado eles inventam. São os que mais estão conectados, os que mais estão pensando novas profissões que não se pensava há dez anos, há cinco ou mesmo há três anos. Também são os que mais pensam possibilidades e saídas dessa situação tão ruim e tão complicada que nós estamos vivendo.

Esta característica da juventude permeia as várias gerações: a possibilidade de invenção, de criatividade, de conexão com o mundo. Aliás, essa forma de conexão mudou, eles têm conexão com tudo nesse momento, eles sabem de tudo e, muitas vezes, muito mais que os adultos.

IHU On-Line – Como essas novas gerações apreendem o papel da escola?

Miriam Abramovay – A escola é um dos temas mais difíceis porque, em geral, eles são muito críticos ao que acontece dentro das escolas. E são muito críticos porque eles não têm espaço. Tudo isso que falamos, toda essa cultura juvenil, essa cultura que deveria entrar de fora para dentro, não acontece nas escolas, pelo contrário. Historicamente os jovens e adolescentes são muito críticos em relação à escola. Talvez, no dia a dia, eles nem percebem essa crítica que fazem à escola, pois o que acabam fazendo é reclamando, abandonando, repetindo de ano e toda uma atitude

de não participação dentro da escola, o que leva a situações de violência, de abandono e repetência.

Nós vivemos falando da qualidade de ensino, fazemos todo tipo de testes dentro das escolas, mas não temos ideia da questão do clima escolar, que é uma das questões tão importantes para a qualidade do ensino quanto aquilo que está se ensinando. Nós temos uma proposta de participação dos jovens nas escolas e temos muita dificuldade que essa proposta seja incorporada pelas secretarias de Educação e sem falar pelo MEC, porque não se fala muito nesse tema. Se fala muito na questão de ensino e aprendizagem e se fala pouco na questão do clima escolar, que é tão importante.

Portanto, os jovens têm uma visão crítica, mas não estão organizados e não sabem reivindicar e, ainda, são muito reprimidos quando falam aquilo que querem. Na verdade, não se deixa que essa cultura juvenil se estabeleça dentro da escola. O que, para esses jovens, se torna muito difícil.

IHU On-Line – Numa de suas entrevistas, a senhora disse que as gerações mudam, se transformam, mas que a escola não acompanha esse processo. Por que não acompanha? Seria mais uma manifestação desse adultocentrismo?

Miriam Abramovay – A escola é engessada, a cultura escolar é engessada, ela não consegue acompanhar o que está acontecendo e não

consegue mudar. Muito porque a formação dos professores também está muito ligada somente à questão da aprendizagem. E é por isso que é tão difícil mudar, pois há 50 anos ou mais se fala em mudanças na escola, se teve a questão da pedagogia institucional, entre outras tantas propostas interessantes. Isso misturado não só com a questão da aprendizagem, mas também da psicanálise, de levar isso para dentro da escola. Porém, nada disso é ensinado para os professores, nada disso é discutido. Então, se fala muito e há muitos anos, mas na verdade nada acontece.

“Uma das características dos jovens é que eles têm uma maleabilidade muito grande”

IHU On-Line – Como deveria ser o papel da escola na conexão desses jovens com o mundo?

Miriam Abramovay – Nesse programa que a gente propõe há uma mudança na escola e que incorpora a participação dos jovens. Isso para que possam discutir e participar desse cotidiano da escola e possam também propor mudanças que poderiam acontecer no cotidiano das escolas. É algo que absolutamente não acontece, os jovens não têm nenhuma possibilidade, nenhum caminho, nenhuma abertura para que isso possa acontecer.

É difícil porque a escola é de não sei quantos séculos atrás e esses meninos estão vivendo aqui e agora, e isso gera uma dificuldade muito grande. Quando se pega figuras do começo do século XX na escola e se vê aqueles meninos todos – aliás,

muito mais meninos do que meninas – de terno e o professor também de terno, eu penso: será que mudou tanto assim? Quer dizer, mudou a forma, mas há muita dificuldade de mudar o conteúdo dessa ideia de escola, de se pensar de uma forma diferente, de pensar em alunos e alunas, adolescentes e jovens participantes, de adolescentes e jovens vivendo o século XXI. Não queremos negar a cultura da humanidade, mas, além disso, é preciso se adaptar, é preciso repensar o que é essa escola.

IHU On-Line – De que forma as novas gerações se relacionam com a ideia de trabalho? Em que medida associam essa ideia a uma perspectiva de realização no futuro, na vida adulta?

Miriam Abramovay – O trabalho é inegável, todo mundo sabe que tem que trabalhar, não tem como viver sem. E esse é um rito de passagem, eles passam de adolescentes e jovens para jovens adultos quando começam a trabalhar e assumem outras responsabilidades na sociedade. Acontece que há muitas formas de trabalhar e hoje eles têm que procurar muitas saídas, porque o mercado formal não incorpora essas pessoas. Aliás, não incorpora nem quem fez universidade, imagine aqueles que ficaram no meio do caminho e que são muitos.

Os jovens têm que se reinventar, têm que reinventar formas de se inserir e atuar na sociedade. Meu escritório é na Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ e vejo os jovens vendendo de tudo que você pode imaginar, estão ali tentando a sua subsistência. Mas há também trabalhos que eles podem fazer com mais imaginação, trabalhos de grupo, startups etc. Enfim, eles, nessa sociedade, vão ter que se reinventar e isso é duro, porque as coisas estão mudando. Por exemplo, quando se fazia uma faculdade, se sabia que iria achar um trabalho. Já hoje isso não é tão claro para eles, o que causa também muita angústia.

Essa ideia de que eles não têm necessidades e pensamentos no futuro não é certa. Eles pensam no futuro e pensam num futuro sempre querendo uma profissão interessante. Talvez não tenham isso muito claro, mas têm uma perspectiva de futuro, sim, e querem trabalhar e fazer coisas interessantes, sejam culturais ou que for. Essa sociedade, muitas vezes, não é tão amigável a essas juventudes.

IHU On-Line – De que forma os jovens e adolescentes de hoje encaram a violência? E como esse estado de violência impacta o desenvolvimento desse jovem?

Miriam Abramovay – O que temos visto é que o medo é um sentimento que permeia toda a sociedade. Evidentemente, viver com medo, Bauman¹ já dizia, é algo que traz consequências². E eles têm medo que roubem o celular, têm medo de sair na rua, medo de que roubem o tênis e isso efetivamente é uma questão. Por outro lado, podemos observar que esses jovens têm a capacidade de viver o aqui e o agora. Acredito que, por isso, passam um pouco por cima desse medo.

Quando falamos sobre violência com eles e perguntamos o que é violência e como veem isso, eles falam do medo, do tráfico de drogas, falam das violências que têm dentro das comunidades, das brigas de traficantes, do que eles sofrem, de roubo de celular, as meninas falam muito da questão da violência sexual. Enfim, falam de tudo isso. Por outro lado, a sensação que nós temos é a de que estão vivendo o aqui e o agora,

¹ Zygmunt Bauman (1925-2017): sociólogo polonês, professor emérito nas Universidades de Varsóvia, na Polónia e de Leeds, na Inglaterra. Publicamos uma resenha do seu livro *Amor Líquido* (São Paulo: Jorge Zahar Editores, 2004), na 113ª edição do **IHU On-Line**, de 30-08-2004, disponível em <http://bit.ly/ihuon113>. Publicamos uma entrevista exclusiva com Bauman na revista **IHU On-Line** edição 181 de 22-05-2006, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon181>. Por ocasião de sua morte, o IHU, na seção Notícias do Dia de seu sítio, publicou diversos textos sobre a importância de Bauman para compreender o nosso tempo. Entre eles, *Zygmunt Bauman representava algum conforto em um mundo cada vez mais cinzento*, artigo de Ricardo Lísias, reproduzido em 10-1-2017, disponível em <http://bit.ly/2mUoJFm>. Leia mais em ihu.unisinos.br/mais-noticias/noticias. (Nota da **IHU On-Line**)

² O autor trata do tema em seu livro *Medo Líquido* (São Paulo: Zahar, 2008). (Nota da **IHU On-Line**)

conseguem não viver paranoicos em função disso. Aliás, não são só os jovens, todos têm que viver assim porque, senão, não se sai mais na rua.

Mas, realmente, acho que eles ainda têm uma capacidade maior de gerar felicidade depois de uma infelicidade. Nós fazemos muita pesquisa nas escolas e vemos que isso permeia a vida deles, a vida nas comunidades e a violência que existe dentro da escola também. Falam muito sobre isso de uma forma contundente, detalham o que sentem e o que pensam sobre essa questão dentro e fora da escola. Aliás, dentro da escola não é o mesmo tipo de violência.

IHU On-Line – Justamente, que violência é essa dentro da escola? É esse medo social que transborda para dentro da escola ou é outro?

Miriam Abramovay – Pode ser a violência social que transborda para a escola, mas a escola também produz suas próprias violências. Existem microviolências cotidianas, das relações sociais. Quando se fala do clima escolar, estamos tratando de uma violência aluno-aluno professor-aluno, funcionários, diretor, uma microviolência do cotidiano que vai correndo o clima escolar.

Não se pensa nisso de uma forma séria e não se faz alguma coisa sobre isso. É por esse motivo que nosso programa se chama convivência escolar, para que esses meninos, pelo menos no ambiente escolar, possam viver de uma forma mais efetiva.

IHU On-Line – E para superar essa violência? O caminho é mesmo chamando o jovem à participação?

Miriam Abramovay – Pode não acabar com a violência, mas fica mais claro se você fizer um diagnóstico do que está acontecendo nas escolas e a partir daí traçar um plano de ação com esses estudantes. Se começarem a participar de forma efetiva, evidentemente vai haver uma mudança no clima escolar.

E podem ser coisas mínimas. Em nossos trabalhos, não pense que as realidades mudaram revolucionariamente toda a estrutura da escola. Não é isso não. Mas com algumas ações se pode fazer com que todo mundo seja mais feliz na escola, um lugar em que, tantas vezes, há muita infelicidade.

“Na verdade,
não se deixa
que essa
cultura juvenil
se estabeleça
dentro da
escola”

IHU On-Line – Gostaria que a senhora trouxesse exemplos, falasse um pouco mais dessas transformações.

Miriam Abramovay – Nós montamos o programa e fizemos uma experiência com o Ministério da Educação em sete estados, depois tivemos a oportunidade de fazer a mesma coisa com o Banco Interamericano de Desenvolvimento - BID, mas ficamos frustrados pelo tempo, pois nas duas experiências deveríamos trabalhar dois anos e acabamos somente em um. Ainda assim, pudemos ver experiências interessantes, com mudanças pequenas. Por exemplo: um diretor que não conversava com nenhum aluno e havia regras muito rígidas na escola. Isso é uma questão do clima escolar, pois muitas vezes as regras não são fruto de um consenso. Ou melhor: elas nunca são, são obrigatórias. E isso pode incomodar e incomodar muito.

Veja: um diretor diz que não se pode usar jeans escuro, só pode usar jeans azul-claro, ou então só pode usar o tênis preto. Tem muita gente que não tem tênis preto, e muita gente tem somente o jeans escuro.

Isso, em algumas escolas, era motivo de conflito com o diretor. O que a gente conseguiu foi levar essa demanda e discutir com esse diretor e com todos na escola sobre qual deveria ser a regra para uso do uniforme. Eles podiam brigar por outras coisas, mas a intenção era fazer com que o conflito por causa do uniforme acabasse.

O fato de os jovens poderem participar e ter espaço na escola é importante. Nós trabalhamos, por exemplo, com educomunicação. Além da nossa pesquisa, eles também pesquisavam a sua própria realidade e usavam esse material como forma de comunicação. Eles fizeram programas de rádio durante os recreios, fizeram cartazes, peças de teatro, dança, e tudo isso fez com que o clima escolar mudasse. Creio que pequenas coisas podem ser pensadas para que se efetive uma mudança nesse chamado clima escolar.

IHU On-Line – A senhora vem destacando que essa falta de olhar, de buscar uma compatibilidade com o jovem dentro da escola acaba gerando violência. Agora, isso também não ocorre no ambiente social? Os jovens tidos como rebeldes não seriam na verdade incompreendidos e oprimidos por lógicas sociais “adultocêntricas”?

Miriam Abramovay – Quando se fala que o jovem é violento, é preciso saber que isso não se dá sempre obrigatoriamente. Quando se fala de jovem, criamos uma fantasia de que todo jovem é igual. E não é assim, eles são diferentes assim como os adultos não são iguais. Por isso que se fala em juventudes e adolescências, no plural. Existem jovens diferentes, com personalidades diferentes, com vontades e desejos diferentes. Eles têm em comum a questão de que vivem em grupo, que é uma característica juvenil da adolescência. A alegria é outro ponto importante em comum, assim como de procurar viver o perigo da adrenalina. São coisas que têm em comum, mas o restante pode ser completamente diferente.

Essa visão que a sociedade tem de que os jovens são violentos é real, como você coloca. Mas há jovens violentos e outros não, como há adultos. Evidentemente, quando se olham as estatísticas, percebe-se que os que mais morrem são do sexo masculino e são jovens. E aí se faz uma generalização de que os jovens são violentos. Esses jovens são muito pobres, vivem em favelas, mas existem jovens de classe média, existem jovens de classe alta. Também existem jovens que estão no grupo do tráfico, jovens que estão em grupos que roubam, mas existem outros jovens que estão em grupos de teatro, no cinema, na praça, em lugar de jovem.

Veja como mesmo grupos que não são de classe média estão em grupos como os de surfe, por exemplo. É o caso do Rio de Janeiro, nas favelas que estão perto das praias da cidade. E isso é muito impressionante. Mas, enfim, existem grupos de todos os tipos entre esses jovens. E os adultos não conseguem ver isso, entendem de uma forma prejudicial e negativa.

IHU On-Line – Em uma das suas pesquisas mais recentes, a senhora se deteve no papel da Educação para jovens afetados pela violência no Ceará e no Rio Grande do Sul. Em que medida esses dois estados representam dois extremos da realidade de jovens no Brasil? E o que mais lhe chamou atenção nesses estudos?

Miriam Abramovay – Pois é, não representam essa diferença que a gente esperava. E isso quer dizer que eles têm mais as características em comum do que as características de diferença. Encontramos coisas muito semelhantes nos dois lugares, inclusive na questão que tratei recentemente em outra entrevista sobre a automutilação e o suicídio. Para nosso espanto, encontramos as duas questões de forma muito semelhante nos dois lugares, o que nos impressionou muito.

Além disso, há outras características semelhantes como quando falam

da escola, das comunidades. Claro que no que falam das cidades há diferenças, viver no Ceará é diferente de viver no Rio Grande do Sul, inclusive pelo clima, mas em outras questões existem muitas semelhanças e muito mais do que nós esperávamos.

IHU On-Line – Como compreender essas questões de suicídio e automutilação nesse contexto das juventudes?

Miriam Abramovay – Isso foi algo completamente novo, que não estava nos nossos roteiros de entrevistas, mas apareceu. E apareceu por parte deles, foi um tema espontâneo. Começaram a falar disso, nós ficamos muito espantados e, claro, a partir de então abrimos espaço para todos falarem. E isso aparece de forma muito semelhante nas duas capitais e apareceu sucessivamente nos grupos focais que fizemos.

Percebemos, inclusive, muita tristeza e necessidade de falar, porque eles não têm com quem falar sobre isso. Era uma coisa muito aflitiva para nós porque, quando se faz grupo focal, se conversa com esses meninos e essas meninas por duas horas, depois, se houver necessidade, o grupo se repete por mais duas horas, mas fica só nisso. Não se dá continuidade nessa relação com eles. Por isso, quando aparecem problemas como esses é muito aflitivo. Podemos avisar a escola, mas é só isso.

Por isso, acho que um tema importante que está sendo discutido é o da rede de proteção. Ou seja, a escola não vai dar conta de tudo e nem tem que dar conta de tudo, mas ela tem que estar atenta porque existe, na assistência social e na saúde, possibilidade para que se forme uma rede de proteção e que se atenda, até de forma coletiva, e se fale no tema. Não adianta um dia só para falar do tema. Isso tem que ser algo combinado com outros setores para que se dê continuidade.

IHU On-Line – Mas como o suicídio e a automutilação apare-

cem na conversa e na realidade desses jovens e adolescentes?

Miriam Abramovay – Tem um autor, David Le Breton³, que fala muito sobre adolescente e corpo, que tem um livro chamado *Antropologia da dor*⁴. Ele fala que se cortar e se automutilar é uma forma de não se suicidar, é uma forma desses jovens sentirem a dor e a dor de estarem nesse mundo. Ou seja, quando se automutilam eles sentem que eles existem e é uma forma de evitar o suicídio.

É realmente impressionante, porque há muitos e muitos que se automutilam. E não é uma questão de internet ou uma questão de moda. Claro, um diz para o outro, evidentemente, que de algum lugar eles descobriram isso. Inclusive, nos depoimentos, quando perguntávamos por que fazem isso, eles dizem: “é uma forma de a gente não morrer. É uma forma de sentir que estamos nesse mundo”.

IHU On-Line – Podemos pensar que a sociedade não os compreende até o ponto de eles terem de fazer isso para se sentirem parte de uma sociedade?

Miriam Abramovay – Exatamente. E a sociedade é a família, pois os outros amigos da mesma idade não dão conta porque vivem os mesmos problemas. Então eles estão nesse mundo, mas estão mal nesse mundo. Precisamos prestar mais atenção neles. É realmente impressionante e muito triste.

Não sei se já perceberam, mas, às vezes, faz o maior calor e esses meninos estão andando de casaco. A gente pensa, por que se tapar, mas aquilo ali é uma forma de tapar mesmo, de ninguém ver, esconder e se esconder. Tudo isso a escola não vai resolver, mas precisa prestar atenção. Por que, senão, quem vai prestar atenção?

³ David Le Breton (1953): professor da Universidade de Estrasburgo, membro do Institut Universitaire de France e investigador do laboratório Cultures and Societies na Europa. Antropólogo e sociólogo francês, ele é especialista nas representações e no jogo do corpo humano, que estudou notavelmente analisando o comportamento de risco. (Nota da IHU On-Line)

⁴ São Paulo: UNIFESP, 2013. (Nota da IHU On-Line)

O desespero na escuta do desconhecido

Eu sempre fico impressionada com a questão dos grupos focais, porque quando fazemos grupo focal chamamos oito, dez pessoas, e a gente não conhece esses meninos, não temos relações com eles, nunca os vimos, e eles falam tudo. É impressionante como eles falam, como eles contam

tudo, como é a escola, como é a casa, como é a comunidade, como são eles e tudo mais.

IHU On-Line – Isso revela uma falta de escuta?

Miriam Abramovay – Sim, é a falta de escuta. Mesmo entre eles – aliás, isso em Porto Alegre me impressionou muito – estão rin-

do e tudo, mas quando você entra num grupo focal e eles começam a falar, você percebe que eles não são sequer amigos. Isso também é importante porque eles têm que viver em grupo; jovens são gregários, por isso têm que viver em grupo. Se aquelas pessoas que estão lá não se consideram nem amigos é porque alguma coisa errada está acontecendo no mundo.■

Leia mais

- **“Os jovens mudaram, e a escola não acompanhou”**. Entrevista com Miriam Abramovay, reproduzida nas Notícias do Dia de 17-03-2019, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2J7IDNM>.

- **Sete reflexões para a educação após o ataque à escola em Suzano**. Entrevista com Miriam Abramovay, reproduzida nas Notícias do Dia de 21-03-2019, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2TTKY3B>.



JUVENTUDES, REDES SOCIAIS E SUAS (DES)CONEXÕES
DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA A EVANGELIZAÇÃO

18 DE MAIO DE 2019
 TEDU 803, 804, 805 E 806
 CAMPUS UNISINOS PORTO ALEGRE

9h30min às 10h15min – A internet, ambiente de comunicação e relacionamentos. Desafios e possibilidades para evangelização
 Dr. Moisés Sbardelotto – São Leopoldo/RS

11h às 11h45min – Juventudes, redes sociais e suas (des)conexões. Desafios e possibilidades para a Evangelização
 Prof. Dr. Maurício Perondi – UFPel

ihu.unisinos.br/eventos

A consciência de uma juventude que se vê como parte e solução dos problemas globais

A estudante Karina Penha representa novas gerações que se compreendem como agentes de transformação de realidades sociais

João Vitor Santos

É nas transformações, físicas e comportamentais, que acontecem na vida dos adolescentes que reside a potência da vontade de mudar. “Os jovens são fortes, ligados em tudo que acontece no mundo e têm uma energia incrível. Quando eles decidem que querem algo, eles vão até o fim. Levar a voz da juventude e toda a sua diversidade para os espaços de diálogo e tomada de decisão é permitir que os protagonistas do hoje falem sobre as suas próprias vivências e histórias e garantir que eles sejam ouvidos”, sintetiza Karina Penha. Ela começou a se envolver com o que podemos chamar de causas globais desde muito cedo e pode ser tomada como um exemplo entre tantos jovens que, assim como a sueca Greta Thunberg, elevam o tom e chamam para si a responsabilidade de lutar por um mundo melhor. “A maioria dos meus amigos é envolvida em alguma causa ou demonstra ter interesse em se envolver”, observa. E completa: “a juventude está entendendo cada vez mais sobre como ser parte da solução para os problemas que nos cercam e nos atingem diretamente”.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Karina revela um pouco do que passa pela cabeça dessas novas gerações. “Temos que atuar em todos os setores, e se as grandes conferências ainda são os espaços onde as grandes decisões sobre o futuro do clima no planeta são tomadas, nós temos que estar lá e também

temos que estar nas audiências públicas nas nossas cidades. E sim, também temos que criar alternativas, como já fazemos”, destaca.

Entretanto, ela, que cresceu na periferia, reconhece que o engajamento juvenil não pode ser visto com uma candura idealizadora, pois há muitas realidades que assolam as juventudes. “Muitos jovens das periferias nem conseguem imaginar um ‘amanhã’. Eles estão muito ocupados com o hoje, mas o hoje significa tentar conseguir um emprego para ajudar nas despesas de casa, ter que estudar duas vezes mais para tentar entrar em uma universidade já que os pais não têm dinheiro para pagar um cursinho”, acrescenta. Mesmo assim, acredita que “eles vão se engajar bastante para tentar construir um mundo menos difícil para as próximas gerações”, mesmo que apenas a sobrevivência os absorva. Para Karina, essa também é uma resistência transformadora.

Karina Penha tem 23 anos, é estudante de Ciências Biológicas na Universidade Federal do Maranhão e vive em São Luís do Maranhão. Apaixonada pelo campo, diz que sempre quis ser ambientalista e por isso acabou se associando à ONG Engaja Mundo, uma organização de liderança jovem feita para jovens que buscam atuar em causas globais. Nessa organização, coordena o Grupo de Trabalho de Mudanças Climáticas.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – O que levou você a se envolver na luta por causas globais? Por que, entre

tantas causas globais, as lutas relacionadas ao meio ambiente lhe despertaram interesse?

Karina Penha – O que gerou em mim o interesse e envolvimento na luta por causas globais foi o fato de

“Se cada um de nós decidisse doar um pouco do seu tempo corrido, repassar um pouco do que sabe ao outro, as relações humanas seriam muito mais valorizadas”

entender de forma muito particular, através de momentos de troca e aprendizados pessoais e coletivos, o real sentido de “agir localmente, pensando globalmente”. Em que cada pequena ação, podemos gerar um grande impacto no mundo e que somos nós quem decidimos se esse impacto será positivo ou negativo.

Desde pequena, as causas ambientais sempre me despertaram interesse e chamaram a minha atenção. Mesmo quando eu nem tinha noção da grandiosidade do mundo, ainda muito pequena, já dizia aos meus pais que quando crescesse eu seria ambientalista. E isso nunca mudou, até que eu entrei na faculdade de Biologia. O desmatamento na Amazônia e o aquecimento global sempre foram assuntos os quais eu procurava discutir na escola e até mesmo em casa.

IHU On-Line – Você se diz apaixonada pelo voluntariado. Por quê? E qual o papel do voluntariado na sociedade de hoje?

Karina Penha – Eu costumo dizer que sou apaixonada pelo voluntariado porque realmente sou (hahaha). Sou voluntária desde os 12 anos de idade, já tendo atuado em vários projetos e ações que vão desde trabalho com crianças que vivem na periferia da minha cidade, até projetos missionários e limpeza de rios e praias. Sempre adquiri aprendizados valiosos nos momentos em que pude doar um pouco do meu tempo e colocar a mão na massa com ou por outras pessoas, sem esperar nada em troca por isso.

Eu acredito que se cada um de nós decidisse doar um pouco do seu tempo corrido, repassar um pouco do que sabe ao outro, as relações humanas seriam muito mais valorizadas e isso geraria muito mais respeito, empatia e tolerância. Acho que esse é o papel do voluntariado na nossa sociedade atual.

IHU On-Line – Essa adesão a lutas coletivas é comum entre os seus amigos e em jovens de sua faixa etária? Por que acha que isso acontece?

Karina Penha – A maioria dos meus amigos é envolvida em alguma causa ou demonstra ter interesse em se envolver e é maravilhoso podermos compartilhar uns com os outros as nossas vivências em diferentes áreas. E eu acho que isso acontece porque a juventude está entendendo cada vez mais sobre como ser parte da solução para os problemas que nos cercam e nos atingem diretamente. É o que a gente defende bastante no Engajamundo¹.

IHU On-Line – Qual a importância de jovens assumirem o protagonismo na luta por essas causas globais?

Karina Penha – Os jovens são fortes, ligados em tudo que acontece no mundo e têm uma energia incrível. Quando eles decidem que querem algo, eles vão até o fim. Levar a voz da juventude e toda a sua diversidade para os espaços de diálogo e

tomada de decisão é permitir que os protagonistas do hoje falem sobre as suas próprias vivências e histórias e garantir que eles sejam ouvidos.

IHU On-Line – Você cresceu no subúrbio maranhense. O que você via do mundo que a cercou? Em que medida a realidade em que estava foi significativa para que assumisse as lutas globais?

Karina Penha – Eu cresci no subúrbio de São José de Ribamar, que é um município que fica na região metropolitana de São Luís, onde ainda moro hoje. Cresci em um bairro extremamente violento, ao longo da minha infância e adolescência presenciei muitos tiroteios, sofri vários assaltos, vi muitos amigos que cresceram comigo perderem a vida para o tráfico e para as drogas. Eu, uma menina negra do subúrbio crescendo nessas condições, teria tudo para não ter grandes sonhos, mas eu decidi que comigo seria diferente, que eu poderia mudar o mundo e fazer dele um lugar melhor para se viver, nem que fosse apenas o mundo de alguém, uma outra criança que cresceu na periferia ou uma menina negra como eu. A educação, a minha fé e o incentivo e apoio da minha família, a qual não teve acesso a uma educação de qualidade, foram a chave para isso.

IHU On-Line – Como acredita que os jovens de periferia veem o mundo de hoje, especialmente a emergência de aderir a lu-

¹ Saiba mais sobre Engajamundo em <http://www.engajamundo.org/>. (Nota da IHU On-Line)

tas como a sua, da questão ambiental?

Karina Penha – Olha, tive uma dificuldade para responder essa pergunta porque, parando para pensar, eu acho que muitos jovens das periferias nem conseguem imaginar um “amanhã”. Eles estão muito ocupados com o hoje, mas o hoje significa tentar conseguir um emprego para ajudar nas despesas de casa, ter que estudar duas vezes mais para tentar entrar em uma universidade já que os pais não têm dinheiro para pagar um cursinho. Então, com todas as dificuldades enfrentadas ou eles vão se engajar bastante para tentar construir um mundo menos difícil para as próximas gerações, ou eles nem vão ter tempo para pensar sobre isso.

Sobre as causas ambientais, é necessária uma maior sensibilização de que todos somos responsáveis pela construção do mundo que queremos. Essa sensibilização levará a uma conscientização pessoal do que cada um pode fazer, ao seu alcance.

IHU On-Line – Numa grande cidade, o que une os ideais de jovens que vivem em regiões periféricas e de outros que vivem nas zonas mais centrais?

Karina Penha – O entendimento de que as ações coletivas são de total importância para as nossas lutas e que cada vivência traz um olhar e um ponto de vista diferente, que quando reunidos e compartilhados criam um ambiente que retrata a realidade das nossas cidades e do nosso mundo. Em São Luís, nós temos o núcleo local do Engajamundo, que chamamos carinhosamente de EngajaMara. Ele é composto por jovens que vivem nos bairros mais afastados como eu, até outros que vivem nos bairros mais centrais como no centro histórico de São Luís.

IHU On-Line – Você se sente representada por fóruns e organismos internacionais que discutem as questões relacionadas a mudanças climáticas?

Ou acredita que os jovens têm de criar caminhos alternativos para construir saídas para a crise ambiental?

Karina Penha – Eu me sinto representada quando vejo jovens, mulheres e pessoas do sul global ocupando esse espaço. Acho que temos que atuar em todos os setores, e se as grandes conferências ainda são os espaços onde as grandes decisões sobre o futuro do clima no planeta são tomadas, nós temos que estar lá e também temos que estar nas audiências públicas nas nossas cidades. E sim, também temos que criar alternativas, como já fazemos. Muitos governos assumem grandes compromissos ambientais mas não cumprem, mas os jovens e as ONGs atuam o tempo todo para tentar salvar o planeta, nosso presente e futuro.

“A juventude está entendendo cada vez mais sobre como ser parte da solução para os problemas que nos cercam e nos atingem diretamente”

IHU On-Line – O que você compreende como protagonismo juvenil?

Karina Penha – Para mim, protagonismo juvenil é a atuação ativa do jovem na busca por solucionar os problemas da sociedade da qual ele faz parte.

IHU On-Line – Qual a importância da internet, das redes sociais nas articulações e mobilizações das quais promove e participa?

Karina Penha – Hoje o acesso à internet nos faz alcançar muitos lugares e pessoas que antes seria difícil de manter contato, como por exemplo ter um indígena do Xingu participando das nossas reuniões. Muita gente ainda não tem esse acesso e cada vez mais pensamos em formas de trazer essas pessoas para perto. Conseguimos reunir e mobilizar pessoas de todas as regiões do Brasil pela internet, assim como compartilhar muitas coisas nas nossas redes sociais. Hoje em dia, a internet é o nosso principal meio de comunicação.

IHU On-Line – Você integra a equipe diretiva do Engajamundo. Nos fale desse grupo e do trabalho que você desenvolve?

Karina Penha – Eu atuo há quatro anos como articuladora no Engajamundo e há um ano como Coordenadora do Grupo de Trabalho sobre mudanças Climáticas, junto com a Paloma, de Brasília. Dentro do GT de Clima, nós atuamos de diversas formas, com mobilização, ativismo, formações, participação e *advocacy*², que é o ato de pressionar e influenciar os setores políticos e tomadores de decisão. Realizamos campanhas, projetos, reuniões semanais e grupos de estudo com pessoas de diversos setores ligados ao clima que são convidadas a compartilhar um pouco de seus conhecimentos com a gente, além das nossas participações nas Conferências de Clima da ONU que são as COPs³. O Engaja en-

² **Advocacy**: prática política levada a cabo por indivíduo, organização ou grupo de pressão, no interior das instituições do sistema político, com a finalidade influenciar a formulação de políticas e a alocação de recursos públicos. A *advocacy* pode incluir inúmeras atividades, tais como campanhas por meio da imprensa, promoção de eventos públicos, comissionamento e publicação de estudos, pesquisas e documentos para servir aos seus objetivos. O Lobbying é uma forma de *advocacy* realizada mediante a abordagem direta dos legisladores para defender determinado objetivo e tem um papel importante na política moderna. Estudos têm explorado o modo pelo qual os grupos de *advocacy* utilizam os meios de comunicação social para promover a mobilização civil e a ação coletiva em defesa dos interesses que defendem. (Nota da IHU On-Line)

³ **COP** - Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança Climática: É a auto-

via delegações de jovens Brasileiros desde a COP 19 que ocorreu em 2013 em Varsóvia⁴ na Polônia.

IHU On-Line – Greta Thunberg⁵ desafiou o parlamento europeu a pensar nas questões climáticas e sua voz ecoou por todo o mundo. Como você observa a atitude dessa garota? Ela te inspira? Por quê?

Karina Penha – A Greta é maravilhosa e também uma garota supercorajosa. A atitude dela é sim inspiradora, acredito que quando ela decidiu pegar o seu cartaz e fazer a sua primeira greve ela não imaginaria que essa mensagem pudesse alcançar o mundo. Mas foi o que aconteceu, como ela mesma diz: “se os adultos não fazem seu dever de casa por que devemos fazer o nosso?”. Os adultos não mantêm o seu compromisso com o planeta, mas ela mantém, e continua fazendo a greve todas as sextas e agora não mais sozinha, pois sua mensagem ganhou adeptos por todo o mundo e se deu início ao movimento “*Fridays For Future*”⁶, que são as Sextas pelo Futuro.

ridade máxima para a tomada de decisões sobre os esforços para controlar a emissão dos gases do efeito estufa. (Nota da **IHU On-Line**)

⁴ **COP 19:** Conferência das Nações Unidas sobre Mudança Climática, COP19 ou CMP9 foi realizada em Varsóvia, Polônia, de 11 a 23 de novembro de 2013. Esta é a 19ª sessão anual da Conferência das Partes (COP 19) da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (UNFCCC) e a 9ª sessão da Reunião das Partes (CMP 9) para o Protocolo de Quioto de 1997. Os delegados da conferência continuaram as negociações para um acordo global sobre o clima. Christina Figueres, Secretária Executiva da UNFCCC, e Marcin Korolec, Ministro do Meio Ambiente da Polônia liderou as negociações. A conferência levou a um acordo de que todos os estados começariam a reduzir as emissões o mais rápido possível, mas de preferência até o primeiro trimestre de 2015. O termo Contribuições Nacionalmente Determinadas foi criado em Varsóvia sob proposta de Cingapura. O Mecanismo Internacional de Varsóvia também foi proposto. (Nota da **IHU On-Line**)

⁵ **Greta Erman Thunberg** (2003): ativista do clima sueca. Ela é conhecida por protestar fora do prédio do parlamento sueco para divulgar as alterações climáticas (*Fridays For Future*). O IHU publicou inúmeros textos sobre as ações de Greta. Entre eles “Com Greta Thunberg para o futuro do planeta”, disponível em <http://bit.ly/2J8lyIE>; “Vocês não agiram a tempo”: o discurso de Greta Thunberg ao Parlamento britânico”, disponível em <http://bit.ly/2vKXkWH>; e “O mundo pertence a Greta e às suas irmãs”, disponível em <http://bit.ly/2Jx2ch3>. (Nota da **IHU On-Line**)

⁶ **Fridays for Future:** em português, Greve das escolas pelo clima. É uma iniciativa estudantil, os quais em favor da defesa do clima (ou seja, contra o Aquecimento global) se dedicam. A primeira destas greves estudantis foi iniciada por Greta Thunberg perante a Riksdagshuset em agosto de 2018, portando um cartaz no qual escreveu “Skolstrejk för klimatet” (ou “Greve escolar pelo Clima). A ausência deliberada de ensino deve chamar a atenção para a negligência do aspecto social da política climática: A falta de compromisso dos políticos para a proteção climática leva a geração estudantil a um futuro inatingível, o que torna a expectativa dos alunos para o futuro contraditória. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line – O Engajamento tem alguma articulação direta com o grupo de Greta? Qual?

Karina Penha – O Engaja não possui articulação direta com a Greta, mas temos vários articuladores que atuam no “*Fridays For Future Brazil*”, que é o movimento de greves inspirado pela Greta aqui no Brasil.

IHU On-Line – Você conhece pessoalmente ou teve algum contato diretamente com Greta? E, além da luta pelo meio ambiente, o que pode unir uma jovem sueca a uma garota maranhense?

Karina Penha – Sim, eu tive a incrível chance de conhecê-la e escutar seu discurso durante uma de suas participações durante a COP24 em Katowice, na Polônia, no ano passado, e também estar presente na mesma Marcha que ocorre todos os anos na cidade que sedia a conferência. Algumas pessoas da nossa delegação até fizeram greve durante uma sexta-feira com ela, dentro da ONU, durante a conferência.

Naquele momento, seu movimento ainda estava começando a ser conhecido e a se tornar o que é hoje, depois da Conferência ele se tornou mundialmente conhecido. Eu vejo nas ações e no discurso da Greta algo que também me questiono: “se não nós, quem?”. Acho que a ideia de que os jovens precisam mais do que nunca ser ouvidos é o que temos em comum, o entendimento da urgência de agir agora para garantir um amanhã.

IHU On-Line – Você participou das mobilizações de 15 março, que aconteceram em todo o mundo, chamando atenção para as questões climáticas⁷. Como foi essa experiência? E como as pessoas recebiam as reivindicações que levavam?

Karina Penha – Sim, eu estive presente no dia 15 de março durante

o dia de Greve Mundial pelo Clima em Brasília e fizemos greve em frente ao Supremo Tribunal Federal - STF e vários núcleos do Engaja também fizeram em suas cidades. Em Brasília, o movimento foi pequeno, mas bastante significativo.

Uma mãe trouxe sua filha e seu filho, duas crianças para participar da greve. Foi lindo! Aquilo me marcou muito. E vários jovens vieram pedalando até o local do evento. O movimento da Greta nos leva a pensar que se uma pessoa for, isso já vai estar valendo. Se duas ou três forem, isso já vai ser o dobro, ou o triplo e assim cada vez mais o movimento se fortalece e a mensagem é espalhada.

IHU On-Line – Como você observa a repercussão desses movimentos de 15 de março no Brasil? Tiveram o mesmo impacto que em outros lugares do mundo?

Karina Penha – É difícil medir impacto, talvez não tivemos a mesma mobilização e adesão à greve. Lembro que no dia anterior ao evento, enquanto eu preparava junto com apenas dois amigos os cartazes que usaríamos na greve, uma amiga brasileira que mora na Austrália me mandava fotos de uma multidão de jovens, adolescentes, crianças e seus pais que marchavam pelo clima do outro lado do mundo.

Eu já esperava que por aqui não seria assim, pelo menos não na primeira, mas quantas vezes os jovens de um país desenvolvido já precisaram ir às ruas por 20 centavos nas passagens? Nos últimos tempos, os jovens brasileiros tiveram que ir às ruas por muitos motivos, vivemos realidades diferentes e por isso vemos as urgências de formas diferentes. Mas eu acredito que assim que os jovens brasileiros entenderem a urgência dessa causa, também iremos lotar as ruas pelo clima. Precisamos falar sobre isso com os nossos amigos, assim como falamos de política, até porque as duas coisas estão estritamente ligadas.

⁷ O IHU publicou inúmeras reportagens sobre o ato, entre elas “15/3 – A greve global dos adolescentes pelo clima”, disponível em <http://bit.ly/2DUOxN6>. (Nota da **IHU On-Line**)

Talvez não tenhamos tido o mesmo impacto nas grandes mídias, mas ver o início dessa mobilização aqui no Brasil me fez sentir que estávamos entrando para a história, e talvez não temos noção de quantos outros jovens podemos ter inspirado através da nossa ação. Inspirar ao menos uma jovem ou uma criança já é um grande impacto.

IHU On-Line – Você estuda Biologia. Por que escolheu esse campo?

Karina Penha – Sim, estou quase na reta final do curso de Licenciatura em Biologia e amo trabalhar com educação e botânica. Na verdade, eu costumo dizer que a Biologia é que me escolheu. Não me via fazendo outra coisa. Acredito muito em propósitos e acho que a escolha desse curso que já veio muito antes de eu ingressar no sistema superior, já havia sido um

propósito de Deus para a minha vida, ele sabia que eu iria precisar ter acesso a conhecimentos importantes que me trariam propriedade para lutar por essas causas. E também, claro, porque eu simplesmente amo a natureza e me sinto em casa quando estou perto dela.

IHU On-Line – Qual é seu sonho? O que você espera do futuro?

Karina Penha – Nossa, eu sou muito sonhadora. Já fui agraciada por poder realizar muitos sonhos, mas a cada sonho realizado um outro nasce e uma grande responsabilidade vem junto dele. Meu sonho é conseguir colocar todos os meus sonhos em prática, transformar a minha comunidade e fazer dela um lugar mais digno para se viver, é poder conhecer o mundo todo e aprender muito com outras culturas e povos, e ver o mundo transformado em um

lugar em que todos tenham acesso à educação, saúde e justiça climática.

IHU On-Line – Quais os desafios para se pensar em alternativas para um mundo melhor?

Karina Penha – O diálogo com todas as esferas da sociedade. Nos últimos anos, não só no Brasil como no mundo, estamos nos deparando com governos que não dão a atenção necessária ou nenhuma atenção para temas importantes e cruciais, como por exemplo as questões climáticas e as energias renováveis. Isso pode ser um grande retrocesso para o mundo e um grande desafio para nós e para as futuras gerações. A gente já lutou muito para chegar até aqui, queremos avançar e não retroceder. Mas eu sei que independente disso, a juventude continuará a sua luta e o seu compromisso com o futuro. Nós continuaremos! ■

25 de maio de 2019
9h às 12h
TEDU 803 E 804
UNISINOS CAMPUS POA

EX-PAJÉ
Prof. Dr. José Otávio
Catafesto de Souza – UFRGS

CINEDEBATES
IHU

IHU.UNISINOS.BR

De influenciadores digitais a ativistas de sofá: a mobilização juvenil em rede

Amanda Antunes observa como as novas gerações se apropriam do ambiente digital e, a partir dele, constituem representações identitárias e formas de atuação no mundo

João Vitor Santos

Num mundo em que somos atravessados pelas novas tecnologias, compreender as juventudes passa necessariamente também por compreender como essas novas gerações se reconfiguram a partir dos usos do ambiente virtual. É nesse sentido que a professora e pesquisadora Amanda Antunes passa a observar os jovens nas redes. “Já é fato inquestionável a presença e importância da tecnologia e, em especial, das redes sociais digitais na vida dos jovens transformando seus meios de comunicação, mas também, para muito além disso, suas formas de construir representações, negociar identidades, elaborar apresentações de si, consumir e compartilhar seus valores e perspectivas da realidade social”, observa, na entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**.

É nessa perspectiva que Amanda analisa os chamados influenciadores digitais, aqueles jovens que fazem uso das redes para orientar uma espécie de legião de seguidores. Para ela, são como “uma referência identitária que se concretiza nas práticas de consumo, o influenciador ocupa o papel de ‘formador de preferência’, uma espécie de ‘guia confiável’ que influencia o consumo”. Mas, segundo a pesquisadora, é reducionismo associar essa influência apenas a novas lógicas de consumo. “A influência não se dá apenas em níveis amplos de audiência. Com a fragmentação da cultura, é favorecida a ascensão de personalidades ‘menores’, mas que exercem o mesmo – quem sabe mais efetivo – impacto”, acrescenta.

Assim, podemos perceber não só influência de consumo, mas também de comportamento e até de posicionamento e visão de mundo. Numa rápida análise, pode-se pensar que os jovens de hoje transpõem para a rede, por exemplo, as formas de ativismo que há algumas décadas se dava na rua. É o que alguns chamam de “ativismo de sofá”. “Ao mesmo tempo em que se deposita na juventude contemporânea uma responsabilidade e expectativa de construção do futuro, ela é frequentemente apontada como desinteressada e sem potencial de atuação relevante”, pois, supõe-se, não estaria na efetividade do mundo concreto. Mas Amanda tensiona essa visão: “as manifestações e os acalorados protestos dos últimos anos já mostraram que os jovens estão se mobilizando através das suas redes digitais, resultando numa atuação que vai muito além do ‘ativismo de sofá’”. “São novas maneiras de constituir a realidade que se vive e as experiências vividas, estando nelas, o jovem, marcadamente inserido na imagem e no contexto desta, elaborando com isso um processo dinâmico de construção de si significativamente tecido em conformidade com o outro”, completa.

Amanda Almeida Antunes é publicitária, fotógrafa, professora e pesquisadora. Possui mestrado e doutorado em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC Rio. Também é integrante do *Grupo de Pesquisa Juventudes cariocas, suas culturas e representações midiáticas*.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como compreender as novas gerações desde suas representações midiáticas?

Amanda Antunes – Uma forma de entender os jovens contemporâneos é analisar suas próprias construções

das experiências juvenis – cotidianas e de sociabilidade – e, principalmente, os processos interativos e de produção

de significados que daí decorrem. Já é fato inquestionável a presença e importância da tecnologia e, em especial, das redes sociais digitais na vida dos jovens transformando seus meios de comunicação, mas também, para muito além disso, suas formas de construir representações, negociar identidades, elaborar apresentações de si, consumir e compartilhar seus valores e perspectivas da realidade social que lhes cerca e constrói a visão de mundo.

E tudo isso se dá no âmbito das práticas cotidianas, incluindo as mais corriqueiras que passam por estudo, trabalho, lazer ou diversão. A vida cotidiana é, sem dúvida, como já afirmou José Machado Pais¹ (1993, p. 336) em seu livro *Culturas Juvenis*², “espaço privilegiado de afirmação social dos jovens”.

É através de um grande arsenal de possibilidades, recursos e ferramentas que os jovens vêm experimentando novas formas de se comunicar, se apresentar, socializar e reafirmar seu lugar no mundo “adulto”, no limite, modos de ser.

O cotidiano apresentado e representado nas mais variadas plataformas que propiciam a distribuição e o compartilhamento de inúmeras formas de produção de conteúdo é, sem dúvida, o melhor lugar onde podemos encontrar materiais que revelam identidades e representações no universo dos jovens. Nesses espaços as práticas comunicacionais se estabelecem e os códigos partilhados produzem significados, construindo, com isso, um processo interacional que acaba por fixar as representações da juventude, a partir de um repertório próprio negociado entre pares, que circula nas mídias digitais.

Desconstrução da homogeneidade

De maneira imbricada, representações midiáticas e representações

construídas e negociadas pelos próprios jovens contribuem para a construção e a conformação de um imaginário sobre o universo juvenil que, quando confrontadas, ajuda-nos a compreender inúmeros aspectos sobre as gerações que se apresentam. No entanto, é importante levar em consideração que os jovens não podem ser enquadrados em uma categoria única e homogênea. Estamos falando de juventudes, com toda a pluralidade que lhe é peculiar.

A questão se amplia se entendemos a ideia de juventude numa perspectiva mais cultural, como muitos autores defendem (VAN GENNEP (1977), TURNER (1974), MORIN (2006), VELHO (1998), PAIS (1993), ROCHA & PEREIRA (2009)), ou seja, não se limita a uma faixa etária bem definida. Pelo contrário, trata-se de um fenômeno social constituído de certos valores peculiares que orientam as práticas e o ideal de vida de indivíduos de idades distintas, o que baliza um modo de ser, a partir de um certo estatuto de jovialidade, de qualquer faixa etária.

IHU On-Line – De que forma se constituem os *digital influencers*? Em que medida podemos considerar essa uma nova forma de liderança e referencialidade entre jovens?

Amanda Antunes – Antes, é preciso que se destaque: não estudo o universo infantil. Este tem peculiaridades que precisam ser consideradas, não podendo enquadrar as crianças na mesma categoria de adolescentes ou jovens na análise de suas práticas. De forma bastante ampla, um influenciador é, tal como o nome já sugere, o indivíduo que possui grande potencial de influência sobre os outros, de ideias, práticas, estilo de vida e (também) consumo.

Em tempos recentes, cresce de maneira significativa o número de sujeitos produzindo conteúdo nos sites de redes sociais galgando visibilidade. Quando conseguem al-

cançar relativa relevância, normalmente expressa pela quantidade de seguidores, tais sujeitos passam a ser reconhecidos e chamados de influenciadores digitais. São considerados assim porque as pessoas levam em consideração as suas opiniões, na hora de formar a sua, consultando e acompanhando suas exposições nas redes. Assim temos os blogueiros, twitters, youtubers, instagramers, entre outros, com forte presença nas diferentes plataformas digitais.

Eles se constituem a partir de um capital que constroem de visibilidade, mas que não se limita ao potencial de conhecimento – ser conhecido –, mas sim de reconhecimento dentro do grupo do qual faz parte ou, em outros termos, de seus seguidores, por isso o número de seguidores (ou audiência) não é o que faz desse sujeito efetivamente interessante, mas sua capacidade ou potencialidade de envolver e engajar outros indivíduos. Em geral, são pessoas que mobilizam outras em suas causas, naquilo que se envolvem, de questões sociais amplas, a mera sugestão de consumo; mas também no que são (identidade) e representam (referência).

Veracidade da narrativa do influenciador

A potencialidade de engajar os outros está ancorada na noção de veracidade da narrativa do influenciador e na representatividade dentro do grupo social do qual faz parte. O que faz dele atraente aos outros consumidores é a característica autoral e humanizada das suas mensagens (ou que, pelo menos, assim se pareça), despertando o interesse do público em geral e também de marcas.

Ser influenciador independe da chancela de marcas ou da grande mídia, mas quando isso acontece, o status se firma, principalmente quando se trata de uma grande marca ou produtor midiático, uma vez que acaba por possibilitar participação em outros projetos. Dessa forma, tem-se uma identidade e estilo de vida adequados para os fins do

1 José Machado Pais (1953): cientista social e professor universitário português. É licenciado em Economia e doutorado em Sociologia, é Investigador Coordenador do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e Professor Catedrático Convidado do ISCTE/Instituto Universitário de Lisboa. (Nota da **IHU On-Line**)
2 Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1993. (Nota da **IHU On-Line**)

consumo, que se tornam um referencial e parâmetro para aqueles que o seguem.

Entendido como uma referência identitária que se concretiza nas práticas de consumo, o influenciador ocupa o papel de “formador de preferência”, como chama Chris Anderson³ (2006), uma espécie de “guia confiável” que influencia o consumo. Mas a influência não se dá apenas em níveis amplos de audiência. Com a fragmentação da cultura, é favorecida a ascensão de personalidades “menores”, mas que exercem o mesmo – quem sabe mais efetivo – impacto.

IHU On-Line – Como a semana analisa a relação que se estabelece entre os *digital influencers* e seu público? Quais as potencialidades e os riscos dessa relação?

Amanda Antunes – Nesse contexto das interações com os seguidores, o influenciador representa a possibilidade de seus seguidores de se ancorarem numa identidade acessível e estilo de vida destacável, que é legitimado pelo reconhecimento dos outros e pela marca com a qual se associa. Aqui se entende a base qualitativa que conforma a relação entre influenciador e seguidores.

O que se espera é, fazendo um paralelo com a ideia de Marcel Mauss⁴

3 **Chris Anderson** (1961): físico e escritor dos Estados Unidos, conhecido pelo livro *A Cauda Longa: Do Mercado de Massa para o Mercado de Nicho* (The Long Tail: Why the Future of Business Is Selling Less of More, no original em inglês) de 2006. Foi editor-chefe da revista americana *Wired* até 2012, já tendo trabalhado nas revistas *Science*, *Nature* e *The Economist*. Atualmente, vive com sua mulher e quatro filhos em Berkeley, Califórnia. Em seu livro, ele analisa a questão da abundância de produtos e da criação de nichos de consumo, tendo um peso significativo comparado com o antigo modelo de uma grande atenção focada apenas na venda de produtos muito populares. Seu próximo livro a ser lançado se chamará “Free” (grátis) e será distribuído gratuitamente. Entretanto, este livro tem gerado controvérsia por supostamente conter passagens que tem sido caracterizadas como plágio. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Marcel Mauss** (1872-1950): sociólogo e antropólogo francês, refletiu sobre a arbitrariedade cultural de nossos comportamentos mais casuais, definindo o corpo como o primeiro e mais natural objeto técnico e, ao mesmo tempo, meio técnico do homem. Sobre Marcel Mauss, leia a entrevista de Alain Caillé publicada na **IHU On-Line**, n.º 96, de 12-4-2004, a propósito da publicação do livro *História Argumentada da Filosofia Moral e Política*, disponível para download em <http://migre.me/s99D>. O pensamento de Mauss foi o tema da palestra *A economia do dom e a visão de Marcel Mauss*, realizada pelo Prof. Dr. Paulo Henrique Martins (UFPE), na programação do evento *Alternativas para outra economia*, em 10-10-2006. (Nota da **IHU On-Line**)

(2015 [1950]), a “imitação prestigiosa”, na perspectiva das ações mais amplas ou propriamente do consumo. Por ocupar lugar de notoriedade, distinção e, portanto, prestígio, o influenciador se torna “imitável”, em outros termos objeto de atenção, certa admiração e imitação, no fim, de influência. A maior potencialidade percebida é a possibilidade de trazer para o foco das atenções, para os espaços de mídia e visibilidade, as causas, os valores e o que mais se faz relevante para grupos específicos, sobretudo aqueles que não possuem significativa representatividade nesses mesmos espaços. Causas feministas ou problemáticas sociais são alguns exemplos.

“Entendido como uma referência identitária que se concretiza nas práticas de consumo, o influenciador ocupa o papel de ‘formador de preferência’”

Influência se dá quando há transformação do outro

Valores, posicionamento político, causas defendidas, entre outros, são aspectos que ficaram bastante evidentes, nas minhas pesquisas, como extremamente relevantes aos influenciadores investigados. A influência se manifesta no impacto das transformações do outro, que podem ser das mais profundas do ser, mas também em uma complementaridade de coisas, incluindo as interferências em decisões de consu-

mo de produtos. De alguma maneira, tais questões estão interligadas, uma vez que o consumo, enquanto fenômeno social, é um responsável por estruturar valores e práticas que orientam as ações e relações sociais, desenhando mapas culturais e identidade, como já explorou amplamente Everardo Rocha⁵ (2006).

Um bom exemplo é o caso de influenciadores que manifestam suas sugestões de marcas e produtos que reforçam sua consciência social. Nestes casos, conseguimos identificar neles “subjetividades sociocentradas”, como chama Pais (2007). São subjetividades que reforçam reflexivamente a consciência de si equacionada aos ideais coletivos. As diferentes formas de engajamento (político ou em ações sociais, por exemplo), ou mesmo a maneira de fazer proveito de oportunidades de realização de projetos que não se findam apenas no interesse individual, mas buscam um ganho comum, são exemplos de manifestações de uma “subjetividade sociocentrada”. Um comportamento pertinente a alguns influenciadores, mas que não se aplica à totalidade.

Riscos possíveis

Com relação a possíveis riscos, eu poderia apontar dois que percebo como mais problemáticos. Um deles se refere à falta de (ou uma ainda precária) regulamentação dessas práticas. Deve haver sempre a consciência da grande responsabilidade do enunciador que ocupa esse papel, principalmente em se tratando do universo da internet, onde circulam pessoas dos mais variados tipos, como, por exemplo, crianças que estão expostas a toda sorte de consumo de conteúdos diversos, categoria em que já é uma realidade a adoração de influenciadores. Como diferenciar o que é escolha de consumo de fato do sujeito ou publicização paga de produtos é uma das principais preocupações. Um dos casos mais emblemáticos que temos é

5 **Everardo Rocha**: doutor em antropologia social pelo Museu Nacional/UF RJ. Professor no departamento de Comunicação na PUC – Rio e da Coppead/UF RGS. (Nota da **IHU On-Line**)

o da Gabriela Pugliesi, amplamente acusada e questionada por seu comportamento como influenciadora de atividades físicas sem formação adequada. Toda influência pode se dar para o bem ou para o mal. No menor dos efeitos, um processo de influência sem um propósito maior, mas sim um objetivo voltado para o mero consumo, torna vazia a prática de tal sujeito e não favorece a construção de valores e práticas que lutam em favor da coletividade. Esta seria, portanto, uma segunda questão de risco ou de fator negativo do fenômeno.

A falta de um propósito é mecanismo de acusação associada ao típico influenciador digital, que no senso comum já está sendo percebido como aquele que possui uma “fama localizada” (ROJEK, 2008) na internet, sem um fundamento relevante em suas ações, mas tão somente porque tornou-se conhecido por ser conhecido, que recebe constantemente produtos de diferentes marcas e os publica nas redes sociais digitais. Isso é muito similar ao processo de fabricação de celebridades na mídia, também frequentemente acusadas de fúteis e inúteis.

Um poder relativo

Mas é preciso também relativizar esse “poder” dos influenciadores. A um único, não se pode atribuir tamanho poder. Na contemporaneidade, com o mundo fragmentado que experimentamos, no qual informações e possibilidades distintas se expandem com o crescimento das conexões, ampliam-se também as múltiplas ofertas de referencialidades, ou seja, de influência. Dentro do próprio universo dos influenciadores, mas também para além dele, onde temos as celebridades, ídolos, personalidades, e ainda os círculos de contato de cada indivíduo, ou seja, família, amigos, professores etc., são variadas e múltiplas as possibilidades de influência.

IHU On-Line – A senhora pesquisa a juventude no contexto carioca. Quem são os jovens do

Rio de Janeiro? Que culturas os representam? E que relações podemos estabelecer entre as representações dos jovens das regiões periféricas com as das regiões como a zona sul carioca?

Amanda Antunes – Não é possível estabelecer uma única representação para entender as juventudes cariocas. Os jovens são plurais em essência. Nas minhas pesquisas, diante dos influenciadores e projetos investigados, a relação com a cidade foi algo que se fez bastante evidente.

Nas representações construídas de um “carioca típico”, este é um sujeito que tem íntima relação com o clima e o verão, as praias, gosta de andar na areia, se bronzear e pedalar no calçadão, bate palma para o pôr do sol em Ipanema ou do alto da pedra do Arpoador, joga vôlei de praia no fim de tarde, tem o corpo sarado, magro e bronzeado, e gosta de usar vestido ou bermuda e chinelos – ou, melhor, sandália havaianas, que não é qualquer sandália de dedo –, é referência de uma moda com estilo versátil, criativo e despojado e tem um espírito festivo, que sabe aproveitar a vida. Podemos dizer que o jeito de ser carioca simboliza um estilo de vida desejado e incorporado por pessoas naturais da cidade e/ou moradores de diferentes localidades.

Muitas marcas já exploraram intensamente este estereótipo, utilizando, inclusive, influenciadores (cariocas típicos) em suas estratégias comunicacionais. No entanto, em ações mais recentes, observamos um movimento na direção de possíveis transformações na (ou ao menos ampliação da) representação, e como consequência da representatividade, do sujeito típico carioca, principalmente no que tange à sua relação com os espaços que ocupa e circula na cidade. Tais ações, sem dúvida, refletem um contexto atual de disputas e reivindicações por diversidade na comunicação das marcas, o que inclui uma valorização do subúrbio, da periferia ou, de uma maneira mais geral, daqueles lugares e pessoas que sempre ocuparam zonas de silenciamento em diferen-

tes esferas (gênero, racial, de classe, entre outras).

O “novo carioca”

O imaginário de um “novo carioca” parece começar a se constituir. Alguém para quem não há barreiras de circular pela cidade, que percorre trajetórias autônomas, de bairros tidos como ricos às favelas, numa tentativa de eliminar as fronteiras territoriais e simbólicas construídas e tão reforçadas por gerações anteriores. Um bom exemplo é o caso das “it-girls das comunidades”, jovens moradoras de favelas ou bairros periféricos que através de produções próprias nos sites de redes sociais conquistaram um público de seguidores e se tornaram referência de estilo e comportamento para além das redes e também do lugar onde vivem.

A urgência em perceber o Rio de Janeiro, e o carioca, em representações para além da Zona Sul, é uma inquietação presente na contemporaneidade.

“Toda influência pode se dar para o bem ou para o mal”

IHU On-Line – Como se dá a relação de jovens com a publicidade e a questão do consumo? Essas novas gerações são capazes de conceber novas formas de consumo? Por quê?

Amanda Antunes – Nos ambientes digitais, onde encontramos com bastante facilidade os jovens em interação, as relações com os objetos e a prática do consumo ganham aspectos peculiares, distintos daqueles que orientam o mundo concreto. As possibilidades de afiliação simbólica entre consumidores e marcas nos sites de redes sociais podem se dar de inúmeras maneiras,

não se limitando ao âmbito da compra, o que reconfigura a relação dos sujeitos com marcas, não apenas no que se refere ao ato de consumo em si, mas principalmente aos processos de escolha e de construções identitárias e representações.

O fenômeno de influenciadores trouxe à tona novas formas de se consumir, tanto o próprio sujeito em questão – quero dizer: o conteúdo sobre si que é amplamente exposto e consumido nas redes sociais digitais –, quanto as marcas e produtos a eles associados e os valores e significados que estão envolvidos e se sedimentam a partir dos vínculos que influenciadores estabelecem com tais marcas e produtos.

Um ponto bastante significativo é o fato de jovens estarem mais interessados no que um amigo que está próximo – ou alguém que acompanha e tem a sensação de proximidade – tem a dizer, está fazendo de interessante, a música que gosta de ouvir... do que o universo simbólico que envolve, por exemplo, artistas e personalidades públicas e midiáticas. É, sem dúvida, uma quebra de paradigma quando comparado a gerações anteriores. De forma mais recorrente em tempos recentes, os influenciadores estão ocupando esse espaço de referencialidade.

O influenciador como amigo

Isso se torna possível, porque influenciadores trazem um aspecto de proximidade e autenticidade que são basilares na relação de influência, sobretudo graças ao caráter peculiar da internet, mais precisamente das redes sociais digitais, que propiciam a sensação de intimidade e facilitam a identificação por parte de quem segue. Entre estes, uma das justificativas mais recorrentes das razões de seguir e levar em consideração o que diz um influenciador é o fato de perceberem nele uma pessoa “real”, autêntica, “gente como a gente”, com quem se identificam e se inspiram, por isso acabam por ocupar um significativo papel de referencialidade.

Aqui há um interessante contraponto com as celebridades e personalidades famosas que, com frequência, até tempos recentes ocuparam de forma exclusiva esse lugar, inclusive orientando práticas de consumo. É o velho formato publicitário que aposta no endosso de produtos pela figura célebre: o testemunhal. A legitimidade passa, então, a outras mãos. Há uma tendência a se considerar muito mais as opiniões dos sujeitos comuns, em detrimento do que apresenta, principalmente no cerne da narrativa publicitária, um ator, uma personalidade ou uma celebridade midiática.

O testemunho a respeito do produto nas expressões do influenciador fica imbricada nas suas ações e práticas cotidianas, reveladas dentro de um estilo de vida pertinente a suas ações. O clássico jargão “eu recomendo” se apresenta de forma naturalizada nas publicações.

“O fenômeno de influenciadores trouxe à tona novas formas de se consumir”

Consciência publicitária

Outro fator interessante de se observar nas publicações dos influenciadores é a existência de uma certa consciência publicitária, sobretudo nas postagens que apresentam produtos, mesmo quando perfeitamente inseridos no contexto do seu dia a dia. A narrativa é bastante similar à da publicidade. Quando promovem o produto, há ali um apelo do testemunho na primeira pessoa, que sustenta a objetificação de um estilo de vida atraente e “vendável”, pela via do consumo.

Isso faz dessas narrativas, assim como nas narrativas publicitárias, lugar ideal de circulação de imagens

ricas de sentido e potencial de influência de consumo. Ao fim e a cabo, são outros personagens ocupando o mesmo papel de celebridades e garotos-propaganda, com as peculiaridades desta prática que a faz diferenciada, mas com bases bastante similares.

IHU On-Line – Recentemente, a adolescente Greta Thunberg⁶ ganhou as manchetes de jornais do mundo todo pela forma como, abraçando a luta contra as alterações climáticas, enfrentou o parlamento europeu. E, dentro da realidade brasileira, podemos compreender o ativismo de jovens?

Amanda Antunes – Embora a temática do ativismo de jovens não seja central nos meus estudos, eu posso dizer que, por exemplo, dentre esses sujeitos, que tenho chamado de “comuns-extraordinários”, que se destacam pela sua relevância e papel de referencialidade e influência, a questão da defesa de uma causa ou existência de um propósito é bastante presente e expressamente significativa. Isso fica mais evidente naqueles que o mercado tem chamado de microinfluenciadores, que são pessoas que possuem números mais modestos de seguidores e engajamentos, mas são uma espécie de especialistas ou defensores de pequenas causas e de um propósito maior. Propósito este reconhecido no círculo social do qual o influenciador faz parte e com o qual constrói relação de confiança e proximidade, nos diversos ambientes interacionais que podem não se limitar, nem mesmo se centrar, nas redes digitais.

Na afiliação que o influenciador estabelece com marcas, por exemplo, podemos perceber, em muitos casos, que o vínculo é, na verdade,

⁶ **Greta Ernman Thunberg** (2003): ativista do clima sueca. Ela é conhecida por protestar em frente ao prédio do parlamento sueco para divulgar as alterações climáticas (Fridays For Future). O IHU publicou inúmeros textos sobre as ações de Greta. Entre eles “Com Greta Thunberg para o futuro do planeta”, disponível em <http://bit.ly/2J8lyIE>; “Vocês não agiram a tempo”: o discurso de Greta Thunberg ao Parlamento britânico”, disponível em <http://bit.ly/2vKXkwH>; e “O mundo pertence a Greta e às suas irmãs”, disponível em <http://bit.ly/2Jx2ch3>. (Nota da **IHU On-Line**)

uma ponte para outros objetivos que vão muito além da relação comercial e mercadológica de propagação ou aquisição de produtos, por exemplo: concretizar projetos pessoais dando visibilidade a pessoas e grupos que não têm representatividade nos conteúdos que circulam nas produções midiáticas e culturais; garantir espaço privilegiado a sujeitos excluídos, como as mulheres, sobretudo no universo das produções culturais; entre outros.

Esse foi o caso do projeto com os “fazedores” da Rider. A marca selecionou alguns produtores com certa relevância em nichos de público do Rio de Janeiro, uma espécie de porta-vozes de alguns movimentos culturais e sociais, que podemos entender como influenciadores, para a cocriação de um festival que envolvia bate-papo, palestras, shows, exibição de filmes e curtas, exposições, workshops, entre outras atividades espalhadas pela zona norte e oeste da cidade. O festival levou, de alguma forma, a marca de cada sujeito de criação, os “fazedores” deste projeto. Uma das participantes, por exemplo, para quem era importante a presença feminina de modo equilibrado em todos os setores do festival, da produção às apresentações – a causa pela qual luta –, conseguiu tirar do papel um projeto de criação de um coletivo e, persuadindo os demais envolvidos, selar um compromisso de trazer mais mulheres para trabalhar junto.

Construtores e ao mesmo tempo desinteressados pelo futuro

Isso se verifica de forma mais recorrente em níveis micros, mas também se reverbera em situações macros, podendo atingir níveis globais, com repercussões amplas. Há um paradoxo interessante aqui no contexto brasileiro. Ao mesmo tempo em que se deposita na juventude contemporânea (não apenas, mas de maneira especial) uma responsabilidade e expectativa de construção do futuro, ela é frequentemente apontada

como desinteressada e sem potencial de atuação relevante, sobretudo no contexto de causas e problemáticas sociais e políticas que envolvem os projetos de sociedade que afetam todos os indivíduos. As manifestações e os acalorados protestos dos últimos anos já mostraram que os jovens estão se mobilizando através das suas redes digitais, resultando numa atuação que vai muito além do “ativismo de sofá” – como são frequentemente acusados.

“O imaginário de um ‘novo carioca’ parece começar a se constituir. Alguém para quem não há barreiras de circular pela cidade”

IHU On-Line – A senhora também se deteve a analisar a selfie. Como compreender a relação desses jovens com a selfie e de que forma essa relação pode nos dar pistas sobre as representações que essas novas gerações constituem?

Amanda Antunes – Sabemos que as imagens possuem grande relevância na cultura juvenil por um lado impondo sua presença através das representações produzidas e reproduzidas pela mídia, especialmente na publicidade, e por outro (não necessariamente em oposição e conflito) estabelecendo a maneira como os jovens se exibem, apresentam, comunicam e socializam. Neste processo, inclui-se a prática de selfie, registrada, postada e compartilhada na internet, que pode ser entendida

como um recurso visual inserido nas atividades mais corriqueiras através do qual os jovens vêm experimentando modos de se apresentar, pertencer e ser, em constante negociação social entre si e com os outros, os adultos.

A prática é, notadamente, uma versão contemporânea de produção e exposição de autorretrato, em tempos de tecnologia digital e redes sociais on-line, que revela registros pessoais, com a necessária inserção do sujeito fotografado na cena representada, em contextos variados, desde as atividades tidas como “mais sérias”, o estudo ou trabalho, passando pelo lazer e diversão, até as mais corriqueiras como escolher uma roupa para vestir ou, até mesmo, escovar os dentes. A narrativa construída corresponde à vivência cotidiana experimentada nos enunciados publicados pelos jovens. O cotidiano, nesse contexto, adquire um aspecto excêntrico e ficcional, assim como as representações midiáticas que circulam nos mais variados canais de comunicação, inclusive nas interações pessoais, e sedimentam ideias, valores e crenças que compõem o mapa simbólico que estrutura a realidade partilhada.

O cotidiano real apresentado ganha uma dimensão estética bem parecida, em muitos casos, com editoriais de moda, cenas de filmes ou campanhas publicitárias. E esse universo imagético de selfies produz o paradoxo das experiências comuns extraordinárias (ou seja: escolher uma roupa é digno de ser espetacularizado) e, ainda, das experiências excepcionais corriqueiras (em outras palavras: tal espetáculo de cenas cotidianas tornou-se comum). O corriqueiro tornou-se suficientemente especial para ser explorado tanto na publicidade quanto nas narrativas de si construídas pelos próprios jovens.

Assim, entendo que selfie é uma prática de exposição de fragmentos instantâneos que compõem um mosaico do sujeito que se apresenta inserido no quadro da imagem, através de representações submetidas à avaliação do outro, já que é para ser

vista, por ser compartilhada. Nas selfies encontramos aparência, estilo, gostos, atividades, lugares, afeições, objetos...

Formação individual e existência social

Não podemos esquecer que para os jovens, em especial, a coerência com o grupo e o pertencimento ao mesmo são essenciais para a formação individual e existência social. É neste sentido que as ferramentas de interação disponibilizadas na internet e, de modo especial, a prática de selfie, oferecem oportunidades de vínculos cruciais à juventude, que se concretizam nos significados produzidos e compartilhados nas imagens e nas interações

que ocorrem a partir das mesmas. Podemos dizer que uma das motivações está na necessidade de conexão com os amigos e o desejo de obter o importante feedback que alimenta as reavaliações constantes de si, dentro da perspectiva processual da identidade, que irão garantir, em paralelo, a segurança ontológica e integração social.

Além disso, a prática de selfie está diretamente atrelada ao fenômeno do consumo, uma vez que marcas e produtos colaboram na confecção das narrativas na rede. E, como sabemos, os objetos de consumo são artefatos nas negociações identitárias. Há, portanto, uma apropriação de produtos e marcas, e os conceitos que neles estão embutidos, para o

processo de construção simbólica do jovem na rede, servindo também como elemento subsidiário para as interações sociais que ocorrem nesses ambientes, através de curtidas, comentários e outros vínculos.

São novas maneiras de constituir a realidade que se vive e as experiências vividas, estando nelas, o jovem, marcadamente inserido na imagem e no contexto desta, elaborando com isso um processo dinâmico de construção de si significativamente tecido em conformidade com o outro. Desse modo, as interações, propiciadas pelas exposições de si, fazem com que a vida cotidiana ganhe significação e o sujeito sentido e existência social.■

Referências

ANDERSON, Chris. A cauda longa: do mercado de massa para o mercado de nicho. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

MORIN, Edgard. Cultura de massas do século XX: o espírito do tempo II: necrose. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

PAIS, José Machado. Cotidiano e Reflexividade. Educação & Sociedade, Campinas, v. 28, n. 98, p. 23-46, jan./abr. 2007.

_____, José Machado. Culturas juvenis. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1993.

ROCHA, Everardo. Coisas estranhas, coisas banais: notas para uma reflexão sobre o consumo. In: ROCHA, Everardo; ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda. (Org.) Comunicação, consumo e espaço urbano: novas sensibilidades nas culturas jovens. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Mauad Ed., 2006. p. 15-34.

ROCHA, Everardo, PEREIRA, Cláudia. Juventude e consumo: um estudo sobre comunicação na cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2009.

ROJEK, Chris. Celebridade. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

TURNER, Victor. O processo ritual: estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.

VAN GENNEP, Arnold. Os ritos de passagem. Petrópolis: Vozes, 1977.

VELHO, Gilberto. Nobres e anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

29 de maio de 2019 (quarta-feira)

19h30min às 22h – A vida pelo ralo – A existência humana no tempo da inteligência artificial

Prof. Dr. Marildo Menegat – UFRJ

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU

ihu.unisinos.br/eventos



O mundo digital construiu novos jovens e novas leituras de mundo

Maria Isabel Mendes de Almeida destaca as novas formas de ler e como isso impacta o perfil dos jovens de hoje

João Vitor Santos | Edição: Wagner Fernandes de Azevedo

As transformações culturais que ocorreram no mundo desde as décadas de 1960 até a atualidade moldam um novo perfil de jovens. Para a socióloga Maria Isabel Mendes de Almeida, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, “o jovem de hoje é notoriamente dependente dos seus pais no plano financeiro e econômico, mas é francamente autônomo na sua capacidade de resolver problemas”.

O mundo digital criou novas dinâmicas que moldam inclusive um novo perfil de leitores, o que impacta a própria compreensão do mundo por esses. De acordo com a socióloga, os jovens nascidos nesse contexto vivem um imenso desassossego “em relação às múltiplas demandas e acenos colocados pelo mundo virtual da leitura”.

O universo digital é múltiplo, fragmentado e compartilhado. Desse modo, o jovem “nunca está só ou isolado”, manifestando pelas redes o compartilhamento de “universos criados por eles”, na contramão de uma leitura predominantemente “intimista e solitária”.

Como fruto desse “fatiamento da agenda social”, os jovens tendem a se

mobilizar em “agendas mais ‘telescópicas’, mais tendentes a fraturas de questões/reivindicações do que a um imaginário mais global”. Para Maria Isabel, “as grandes narrativas não parecem funcionar de modo pleno no âmbito das causas mais globais e de grande amplitude, no momento atual”.

Maria Isabel Mendes de Almeida possui mestrado e doutorado em Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro - IUPERJ. Atualmente, é pró-reitora de pós-graduação e pesquisa na Universidade Candido Mendes - Ucam, e coordenadora do Centro de Estudos Sociais Aplicados - Cesap, onde funciona o Núcleo de Estudos em Subjetividade - NES, dedicado à pesquisa das culturas jovens urbanas. Docente do curso de mestrado em Sociologia e Política na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio, Maria Isabel organizou, entre outros, os livros *Culturas jovens. Novos mapas do afeto* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006) e *Por que não? Rupturas e continuidades da contracultura* (Rio de Janeiro, 7Letras, 2007).

Confira a entrevista.

IHU On-Line — Podemos considerar que os jovens e adolescentes de hoje são mais autônomos? Por quê?

Maria Isabel Mendes de Almeida — Sim, com certeza, podemos. Sobretudo a esfera tecnológica e a imensa transformação por ela trazida

para a nossa sociedade foi o que mais atuou e se responsabilizou pela situação de autonomia dos jovens. Não somente ela, a tecnologia “abriu as comportas” dessa imensa autonomia, mas também no plano dos usos e costumes e da mudança de valores em relação à sexualidade, moral, disciplina etc., tal incremento da autonomia

também se fez muito revelador. Ou seja, o jovem hoje “se vira” nos mais diversos planos da sociedade, a começar pela relação com seus próprios pais que têm neles uma espécie de iniciador/professor daquilo que implica o conhecimento e a familiarização com as mais diversas acepções da tecnologia e do mundo digital.

“Uma demanda quase asfíxiante que o jovem tem diante de si para agir, atualizar-se, equipar-se frente aos suportes de leitura, por exemplo”

IHU On-Line — Como podemos compreender o binômio autonomia e independência nos jovens e adolescentes da atualidade? É correto afirmar que os jovens são mais autônomos, mas mais dependentes?

Maria Isabel Mendes de Almeida — Sim, acredito que é correta esta afirmação, na medida em que revela um desajuste típico expresso pela contrapartida desta geração atual de jovens dos setores médios com, por exemplo, a geração da contracultura. Ou seja, ao contrário da geração contracultural das décadas de 60 e 70 do século passado – que adquiria a independência saindo da casa dos pais e, conjugando, portanto, simetricamente esta independência com a autonomia –, o jovem de hoje é notoriamente dependente dos seus pais no plano financeiro e econômico, mas é francamente autônomo na sua capacidade de resolver problemas, extrair soluções de situações cotidianas difíceis ou complicadas, contornar impasses na vida doméstica. Enfim, está ao alcance de sua mão a capacidade de manobrar destinos e inventariar saídas para o dia a dia.

Para os jovens das décadas de 60 e 70, a saída da casa dos pais era a referência icônica de sua independência, ainda que este morar fora da casa dos pais pudesse significar a opção em ir para uma república estudantil, dividir as despesas de um apartamento com um amigo ou alugar um quarto em um apartamento, etc... O importante é que nesses casos prevalecia uma fina conjugação

entre as noções de autonomia e independência.

O jovem de hoje, em contraposição, pode até possuir suas economias, fruto de seu trabalho, morando na casa dos pais, mas ele não chega a poder dar o passo decisivo de financiar sua saída, pois muitas vezes essas economias não são suficientes para que ele dê esse passo. Ao se manter na casa de seus pais, ele é muitas vezes capaz de juntar dinheiro para empreender certos planos, mas remotamente o de ter sua própria casa. Mais uma vez percebemos que este jovem tem o predicado singular de ser autônomo, mas padece da chance de desbravar a condição de um jovem independente, ou seja, aquele que saiu da casa dos pais e foi morar sozinho, bancando-se a si mesmo.

De outro lado, se levamos em conta de forma mais rigorosa as variáveis de classe e região, também podemos encontrar circunstâncias de autonomia e independência nos dias de hoje. É o caso, em algumas situações de jovens dos setores populares que conseguem algum tipo de independência financeira chegando a poder auxiliar e fornecer alguma estrutura de sobrevivência para a geração de seus pais. Mas não são muitos.

IHU On-Line — De que forma a senhora analisa as dinâmicas de leitura dessas novas gerações? Em que medida rompem com velhas dinâmicas e inauguram novas práticas?

Maria Isabel Mendes de Almeida — Essas dinâmicas tanto se abrem para novos suportes de leitura pela via tecnológica e digital, quanto expressam uma espécie de queixa e lamento desses jovens em relação a não conseguirem mais, nos dias atuais, lerem um livro inteiro, manterem o foco e a concentração na leitura, ter fôlego para terminar um livro em tempo hábil, tal como no passado. Portanto, creio que apesar de estarem com suas práticas de leitura muito mais voltadas para o universo *online* e digital, eles também se mostram muito nostálgicos frente ao que seria um padrão mais canônico e tradicional de ler.

Muitos deles chegam a fazer analogias com o mundo das patologias psiquiátricas para evidenciar que estão “padecendo” de algo como déficit cognitivo, ausência de concentração da atenção, e que, estariam, portanto, precisando “se reabilitar” em relação às velhas dinâmicas. O fato é que não temos realmente dados que possam dizer que se trata de uma ruptura com as velhas dinâmicas da leitura em papel. Se, por exemplo, enfatizamos, como faz Nestor Canclini¹, o plano do **como** se lê, ao invés do **quanto** se lê, semeamos um amplo espectro de possibilidades, de opções, de registros distintos de leitura para o jovem e não, necessariamente, ficamos com a perspectiva unicamente quântica da leitura. Isso significa dizer que, com o peso colocado sobre o como se lê, e sob o

¹ Nestor Canclini: sociólogo argentino, autor de, entre outros *A produção simbólica: teoria e metodologia em sociologia da arte* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979) (Nota da IHU On-Line)

amplo espectro de suportes de leitura que existe na contemporaneidade, dilui-se a própria ideia de ruptura de velhas dinâmicas, pois tem-se em mente um amplo universo de possibilidades de práticas de leitura que vão das velhas às novas práticas, sem encarnar a ideia de ruptura...

IHU On-Line — Quais os limites e as potencialidades dessas novas dinâmicas de leitura dos jovens? E como essas dinâmicas impactam a sua apreensão de mundo?

Maria Isabel Mendes de Almeida — As potencialidades são inúmeras para os jovens, já que se tem em mente a multiplicidade de recursos e suportes do universo digital e que não ficamos restritos ao âmbito do quanto se lê hoje. Ao mesmo tempo, não podemos descuidar dos limites que orbitam a visão de mundo desses jovens. O desassossego em relação às múltiplas demandas e acenos colocados pelo mundo virtual da leitura é imenso. Este mundo hoje abriga uma incensurável rede de pertencimentos e compartilhamentos de leitura: textos e comentários sobre tais funcionamentos circulam em conhecidas redes sociais digitais, como Instagram, Facebook e Twitter e também em redes de plataformas voltadas mais especificamente para as práticas de leitura e escrita, como o Wattpad e o Medium.

O que vale destacar no âmbito da apreensão de mundo desses jovens é a dimensão do compartilhamento da leitura. Este é um aspecto que se destaca de forma muito contundente em relação à leitura intimista e interiorizada. A leitura compartilhada, referida e embebida pelo outro e apoiada pelo “plantão permanente” das inúmeras solicitações que vêm das telas, mobiliza um tipo de abertura às redes que tem dificultado cada vez mais uma circunstância de isolamento para as pessoas, para que elas consigam ficar sozinhas, confrontadas consigo mesmas a partir de um estado de espírito intimista e interiorizado com o livro.

IHU On-Line — Que tipo de relações entre o “eu” e o “outro” as dinâmicas de leitura dessas novas gerações podem provocar?

Maria Isabel Mendes de Almeida — Como disse acima, trata-se aqui deste embeber do eu no outro, encarnado pela ideia do compartilhamento. É neste âmbito que se torna mais difícil se encontrar o pleno registro da autonomia do eu nas práticas de leitura nesta nova geração de jovens. Eles estão sempre em contato. As leituras são cada vez mais fragmentadas e compartilhadas. O uso crescente dos dispositivos múltiplos serve como suporte para os variados formatos de textos. Creio que esta ideia do compartilhamento *versus* o isolamento íntimo das práticas de leitura é central.

Ao mesmo tempo, não é possível pensar em um leitor absolutamente isolado. Neste sentido, ele nunca está “só” ou “isolado” se pensarmos em sua necessária interação com um suporte, um ou mais autores, e universos criados por eles. Isto é diferente de dizer que ele obtenha predominantemente uma leitura intimista e solitária. Mas não é demais dizer que existe uma verdadeira celebração em torno da leitura, no que diz respeito a esta ênfase sobre o compartilhamento. Este se traduz, de forma mais explícita, através, por exemplo, de festivais de leitura, sa-raus e slams.

IHU On-Line — Na conferência que ministrou aqui no IHU, a senhora trouxe a ideia de que os jovens de hoje vivem em desassossego. Gostaria que recuperasse e detalhasse essa perspectiva.

Maria Isabel Mendes de Almeida — Esta ideia se vincula a uma dada economia interna desses jovens que é pautada, fundamentalmente, por uma demanda quase asfixiante que o jovem tem diante de si para agir, atualizar-se, equipar-se frente aos suportes de leitura, por exemplo. Numa palavra, trata-se de uma modalidade de

“trepidação”, inquietude e ausência de serenidade que atravessa as dinâmicas internas desses jovens que são alvo constante das solicitações do mundo virtual e das práticas de leitura digitais. Neste sentido, aparecem como contrapartida as apostas na ideia da paragem. Isto é, na valorização dos circuitos que sublinham as ideias de quietude, do sossego, da valorização do silêncio, dos retiros de meditação e toda prática que implica, para os sujeitos, a tomada de distância frente às situações. Este é um elemento central nesta visão de mundo das cartografias da paragem...

“O que vale destacar no âmbito da apreensão de mundo desses jovens é a dimensão do compartilhamento da leitura”

IHU On-Line — Como as novas gerações lidam com as demandas sociais desse nosso tempo? Que relação podemos estabelecer entre essa postura dos jovens diante das demandas sociais com esse estado de desassossego que a senhora refere?

Maria Isabel Mendes de Almeida — Não há uma plataforma muito clara sobre como as novas gerações lidam com as demandas sociais de nosso tempo. Ela parece seguir o ritmo e o desenho da fragmentação da leitura, da multiplici-

dade de suas alternâncias... ou seja, podemos pensar que tais demandas têm hoje como alvo uma espécie de micropulverização de seus objetos e de seus estímulos. Por exemplo, apenas para imaginarmos como se elenca tal pulverização: em torno dos movimentos do feminismo negro, das causas e reivindicações ecológicas da pesca no litoral brasileiro, da agenda gay e trans, das mulheres gays negras, dos performers poéticos urbanos, dos inimigos do bolsonarismo, dos críticos ao olavismo²... Isto para dizer que não é possível lidarmos de forma ampla e organizada com um grande dossel unificador das demandas sociais, na medida em que elas parecem hoje se originar de cardápios superfatiados de uma organização subjetiva muito próxima à fragmentação, à atomização e à compartimentalização de ideias.

2 **Olavismo** é entendido como um movimento ideológico de inspiração em **Olavo de Carvalho** (1947): não tem nenhum título acadêmico formal. Costuma ser apresentado como escritor, conferencista, ensaísta, jornalista, filósofo e ex-astrólogo nascido em Campinas (SP). É um dos principais nomes no discurso do conservadorismo brasileiro. Militou no PCB de 1966 a 1968, mas posteriormente decepcionou-se com a ideologia e tornou-se anticomunista convicto. Trabalhou em revistas e periódicos, passando por veículos como Folha de S.Paulo, Planeta, Bravo!, Primeira Leitura, Jornal do Brasil, Jornal da Tarde, O Globo, Época e Zero Hora. Atualmente escreve para o Diário do Comércio. Seu primeiro livro, *A imagem do homem na astrologia*, foi lançado em 1980. O *mínimo que você precisa saber para não ser um idiota* é de 2013 e vendeu algo próximo de 320 mil exemplares. Também escreveu *O Jardim das Aflições* (1995) e *O Imbecil Coletivo* (1996). Mora atualmente em Richmond, no estado norte-americano de Virgínia. Segundo ele, um dos motivos para sua mudança do Brasil para os Estados Unidos, em 2005, foi a chegada do PT ao poder. O cineasta pernambucano Josias Teófilo dirigiu o documentário *O Jardim das Aflições*, que aborda a vida doméstica, biografia e filosofia de Olavo de Carvalho, rodado na residência dele nos EUA. O filme foi realizado com recursos captados através de financiamento coletivo e lançado em 2017. Ao todo foram quase 3 mil doadores e arrecadação de R\$ 320 mil. No festival Cine PE, realizado de 27 de junho a 3 de julho de 2017, *O Jardim das Aflições* foi premiado em três categorias: melhor montagem, júri popular e melhor filme. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line — De que forma o mundo digital, no qual estamos embebidos na atualidade, pode nos levar a um estado de desassossego?

Maria Isabel Mendes de Almeida — Este estado se ancora exatamente em uma circunstância de mudanças tecnológicas vertiginosas que vão gerando sobre os sujeitos exigências de atualização e remanejamento de suas dinâmicas internas. A angústia, subproduto deste desassossego, é o sentimento muitas vezes originado do lamento por não se conseguir ler mais como antes, a compulsão está atrelada aos excessos de contaminação tecnológica. Tudo isso se complexifica com o fato de que sabemos que grande parte desses jovens foi socializada em meio ao livro em papel e às suas circunstâncias típicas. Os dois mundos, de certa forma, estão aí presentes, embora o plano digital se mostre com muito mais força entre os jovens estudados.

O mundo digital, portanto, nos leva a um estado de desassossego na medida em que cria um patamar de exigência de atualização que é incessante e continuado. Não nos permite estabelecer um ritmo próprio e calibrável de acordo com um *timing* pessoal. Não se trata, no entanto, da visão simplista da tecnologia promovendo isolamento social, ou do mero resultado de uma demanda que se avoluma sobre o sujeito, mas da conexão excessiva desaguando muitas vezes em perda da capacidade de concentração, devaneio, fantasia e sonho. Eis um eixo central do desassossego.

IHU On-Line — De modo geral, como a senhora analisa a vida urbana das juventudes de hoje? E como essas novas gerações se articulam e se mobilizam em torno de causas mais globais?

Maria Isabel Mendes de Almeida — É difícil exemplificar milimetricamente o grau de fatiamento das agendas da vida urbana jovem hoje. Mas essa me parece ser a tendência. É claro que tais juventudes não deixam de ecoar mobilizações em torno de grandes questões globais como, por exemplo, o caso do movimento Occupy³, assim como a força que obtiveram no cotidiano de tais jovens as Jornadas de Junho. Em todo caso eu me limitaria a dizer que este desenho da fragmentação e da particularização das causas jovens parece ser a tônica na contemporaneidade, e sobretudo no Brasil.

A articulação e mobilização em torno de causas mais gerais não parece se dar de modo tão significativo no momento atual. Neste momento, o jovem me parece mais repaginado em torno das agendas mais “telescópicas”, mais tendentes a fraturas de questões/reivindicações do que a um imaginário mais global. As grandes narrativas não me parecem funcionar de modo pleno no âmbito das causas mais globais e de grande amplitude, no momento atual. ■

3 **Occupy**: série de protestos mundiais iniciados no dia 15 de outubro de 2011, a partir da ocupação de *Wall Street*, nos Estados Unidos, dando origem ao movimento *Occupy*. O movimento se espalhou por várias cidades do mundo, organizado por coletivos locais, organizações de bairro ou movimentos sociais, os quais propunham alternativas de desenvolvimento voltadas à preservação do planeta e ao consumo consciente de produtos, opondo-se à especulação financeira e à ganância econômica. (Nota da **IHU On-Line**)

Leia mais

– **Um jovem cada vez mais autônomo e menos independente.** Entrevista especial com Maria Isabel Mendes de Almeida, publicada nas Notícias do Dia, de 14-9-2008, disponível em <http://bit.ly/2VXmCGr>.

Youtubers: novas formas de a infância ver e ser vista pelo mundo

Renata Thomaz observa como ferramentas digitais reconfiguram não só a forma como as novas gerações apreendem o que as circunda, mas também como compartilham experiências

João Vitor Santos

As novas tecnologias abrem possibilidades para pesquisar e buscar compreender as formas como se configura a infância do século XXI. É o que acredita a professora Renata Cristina de Oliveira Tomaz, mestra e doutora em Comunicação e Cultura. Para ela, se antes era possível compreender as gerações mais novas observando as crianças em parquinhos, praças ou no ambiente escolar, atualmente isso também é possível através das mídias digitais. “O YouTube se coloca não apenas como uma janela para as crianças observarem o mundo, mas também uma janela para o mundo ver as crianças e conhecer as diferentes experiências possíveis de infância. Como mãe de um menino de nove anos, senti-me desafiada a ouvir mais”, explica, ao apresentar seu interesse pelo mundo dos youtubers.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Renata revela que “as crianças estão buscando formas de se comunicar, de expressar o que pensam, de participar da construção de sentidos que moldam nossa cultura”. “Acredito que isso é um convite a que todos nós as ouçamos”, completa. Mas como ouvir esses que parecem dominar tais ambientes muito melhor do que nós? “O primeiro passo é ter em mente que a forma de os mais jovens produzirem saberes não é igual à de outras gerações, uma vez que o modo de apreender o mundo depende dos recursos materiais e simbólicos de que se dispõe”, indica.

E para quem sente medo ou está em constante estado de alerta sobre como as crianças interagem pelas mediações

dessas tecnologias, Renata alerta: “cada meio tem seus riscos e suas possibilidades. A história nos mostra que não é possível gozar das oportunidades sem correr riscos, nem anular os riscos sem perder as oportunidades”. Assim, embora esses usos tenham de se dar sob certo controle, Renata também convida a mudar o olhar e tentar compreender como esses youtubers constituem as suas próprias práticas de viver a infância, muitas vezes até reeditando hábitos de outras gerações.

Renata Cristina de Oliveira Tomaz é professora substituta do Departamento de Estudos Culturais e Mídia na Universidade Federal Fluminense - UFF. Graduada em Jornalismo, possui doutorado e mestrado em Comunicação e Cultura, na linha de pesquisa Mídia e Mediações Socioculturais. Realizou estágio de pós-doutorado na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. É vencedora do Prêmio Eduardo Peñuela 2018, concedido pela Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação - Compós, na categoria Melhor Tese de Doutorado, com o trabalho “O que você vai ser antes de crescer? - Youtubers, Infância e Celebridades”.

Renata esteve no Instituto Humanas Unisinos - IHU neste ano, ministrando as conferências *A Juvenilização da sociedade contemporânea e seus impactos nas representações geracionais e A formação e os saberes das juventudes. Gerações, tecnologias, youtubers e subjetividades*. Acesse os vídeos com a íntegra das palestras em <http://bit.ly/2LwQQfl>.

Confira a entrevista.

“As crianças e os adolescentes que cresceram utilizando a internet acessam conhecimentos que não foram comuns às gerações anteriores”

IHU On-Line – Quais os desafios para compreender como os jovens de hoje constituem seus saberes? E como a constituição desses saberes vai impactar as suas relações com o mundo?

Renata Cristina de Oliveira Tomaz – Acredito que o primeiro passo é ter em mente que a forma de os mais jovens produzirem saberes (visões de mundo, verdades) não é igual à de outras gerações, uma vez que o modo de apreender o mundo depende dos recursos materiais e simbólicos de que se dispõe – e isso, por sua vez, depende dos contextos em que os indivíduos estão inseridos.

Por exemplo, um jovem com conhecimentos restritos no que diz respeito à produção e circulação de conteúdos fará uma apreensão do mundo distinta daquele que usufrui não só dos dispositivos necessários para fazê-lo, mas especialmente das competências para usá-los. Essas especificidades materiais e simbólicas através das quais os jovens particularmente apreendem o mundo na contemporaneidade vão afetar diretamente a maneira com que eles vão se inserir nas realidades sociais, ou seja, nos lugares de importância (ou não) que vão ocupar. Os saberes, portanto, atuam na definição das hierarquias sociais.

IHU On-Line – As redes sociais reconfiguram uma série de relações na sociedade de hoje, mas como essa nova ambiência vai incidir na formação dos adolescentes, que já nascem e crescem nessa realidade?

Renata Cristina de Oliveira Tomaz – As competências desenvolvidas no consumo midiático não determinam, mas reconfiguram nossas relações porque reorganizam os detentores de saberes. As crianças e os adolescentes que cresceram utilizando a internet acessam conhecimentos que não foram comuns às gerações anteriores. Com isso, os mais jovens acabam tendo mais espaço, na medida em que possuem maior conhecimento sobre aspectos altamente valorizados nas sociedades em que estão inseridos. Isso pode dar a sensação de que são mais capazes que seus pais e avós para os mais diferentes desafios sociais. Penso que essa grande expectativa em relação aos mais novos tem como uma de suas principais implicações uma profunda angústia entre as novas gerações.

IHU On-Line – Nas décadas de 1980 e 1990, havia uma preocupação muito grande em não deixar as crianças apenas imersas no mundo da televisão, era preciso evitar as “babás eletrônicas”. Hoje, as crianças já nascem como nativos digitais. Que riscos corremos diante dessa nova realidade? Ou já superamos os riscos das “babás eletrônicas”, vivendo plenamente uma sociedade em rede mediada pela tecnologia?

Renata Cristina de Oliveira Tomaz – Cada meio tem seus riscos e suas possibilidades. A história nos mostra que não é possível gozar das oportunidades sem correr riscos,

nem anular os riscos sem perder as oportunidades. Eles caminham juntos. Os livros já foram acusados de desencaminhar jovens e senhoras da sociedade; o cinema, de tornar as crianças violentas; os quadrinhos, de aliená-los; e as TVs e videogames, de afetá-los cognitivamente.

Não sei se a questão aqui é de superar os riscos. Não teria como afirmar isso. Mas acredito que as sociedades que tiveram de lidar com esse tipo de consumo aprenderam a usufruir de suas possibilidades. Penso que estamos a caminho disso nos usos que fazemos das mídias digitais.

IHU On-Line – Como compreender a lógica narrativa dos youtubers? E qual o impacto na formação de uma criança que é, desde cedo, “famosa” e formadora de opinião? Podemos considerar essa uma nova maneira de formação de “lideranças juvenis”?

Renata Cristina de Oliveira Tomaz – Os desdobramentos de uma vida de fama ainda na infância despertaram muitas discussões. Não são poucos os discursos que vinculam casos mais prosaicos de infortúnios à fama nos primeiros anos de vida. Acho particularmente algo difícil de mensurar e muito especulativo. Minha percepção, dentro da minha área de estudos, é de que a possibilidade de construir a própria celebridade por meio de uma produção constante de conteúdo a respeito de si mesmo, caso do YouTube, insere as crianças em uma grande disputa por espaço no imaginário social.

Essa inflação de imagens demanda uma produção cada vez maior de conteúdo. A recusa a atendê-la poderá implicar o apagamento daquele nome, daquela figura e, assim, condenar a criança ao esquecimento. Nesse sentido, penso que o primeiro impacto é a autorresponsabilização das crianças no que diz respeito a manter o seu rosto e o seu nome vivos no ambiente público da internet. As habilidades e competências para tornar isso possível vão sendo premiadas pela plataforma através do envio de placas comemorativas e de uma série de benefícios oferecidos aos que crescem em número de visualizações e inscritos. Esse lugar de prestígio torna-se, assim, horizonte do que ser e de como estar no mundo para muitas crianças, que tomam, em grande medida, os youtubers mirins como figuras modelares e tipos subjetivos desejáveis.

IHU On-Line – E, por outro lado, como essa experiência de consumo de vídeo do YouTube, por aqueles que são os expectadores, vai incidir na formação de crianças e adolescentes?

Renata Cristina de Oliveira Tomaz – Como crianças que consomem e produzem conteúdo audiovisual para a internet, os youtubers mirins se valem de elementos narrativos específicos para construir seus vídeos. Os meninos e meninas contam o que gostam de fazer e comer, onde passearam no final de semana, de que forma comemoraram datas festivas, onde compraram o material escolar, como brincam de boneca, com quem costumam estar.

Toda essa dinâmica é muito mais passível de identificação para outras crianças do que se elas exibissem, por exemplo, talentos e competências específicos como cantar, dançar, cozinhar, falar outros idiomas etc. Esses processos de identificação são muito potentes na socialização das crianças, uma vez que as levam à compreensão de algo que elas podem ser hoje, e não algo que elas serão um dia, quando crescerem.

IHU On-Line – Quais os riscos e potencialidades de as crianças e adolescentes estarem “sempre brincando com a câmera ligada”?

Renata Cristina de Oliveira Tomaz – Isso vai depender muito do contexto em que a criança e o adolescente vivem e, como eu disse antes, do acesso que elas têm a recursos materiais e simbólicos para se inserirem no cenário público da internet. No entanto, em linhas muito gerais, os riscos estão bastante ligados ao contato com estranhos e às práticas de cyberbullying.

Quanto às possibilidades, destaco aquelas que gravitam em torno das demandas identitárias. Ser um usuário ativo nas plataformas digitais propicia o exercício de diferentes e novos papéis sociais com graus distintos de relevância social.

“Ser um usuário ativo nas plataformas digitais propicia o exercício de diferentes e novos papéis sociais com graus distintos de relevância social”

IHU On-Line – Na sua pesquisa de doutorado, você pesquisou quatro canais de YouTube protagonizados por meninas entre 9 e 11 anos. No que essa sua experiência mais a surpreendeu? Que relações podem estabelecer entre essas narrativas com a forma como essas crianças desenvolvem suas sociabilidades?

Renata Cristina de Oliveira Tomaz – Como pesquisadora, fiquei sensivelmente impactada com a possibilidade de estudar, por meio de uma plataforma de vídeos, as infâncias na perspectiva das próprias crianças. Assim como fazemos pesquisa com crianças no ambiente escolar, em uma pracinha ou até em festas de aniversário, o YouTube surge como um novo lugar que me permitiu observar o que dizem e quais são as perspectivas das crianças sobre diferentes assuntos.

A pesquisa ampliou, portanto, as possibilidades de investigar as diferentes realidades da infância. Uma das minhas hipóteses, fruto dessa investigação, é que o YouTube se coloca não apenas como uma janela para as crianças observarem o mundo, mas também uma janela para o mundo ver as crianças e conhecer as diferentes experiências possíveis de infância. Como mãe de um menino de nove anos, por outro lado, sinto-me desafiada a ouvir mais. Entendi que as crianças estão buscando formas de se comunicar, de expressar o que pensam, de participar da construção de sentidos que moldam nossa cultura. Acredito que isso é um convite a que todos nós as ouçamos.

IHU On-Line – Muitos pais se preocupam com o consumismo de crianças que são encharcadas pela publicidade. Nesse sentido, os canais de youtubers que demonstram e trazem novidades especialmente sobre brinquedos se tornam mais um risco para se incutir o consumismo nas crianças? Por quê?

Renata Cristina de Oliveira Tomaz – Eu não compartilho dessa ideia de que o consumismo é incutido na mente dos indivíduos, incluindo as crianças. Eu acredito que a relação entre infância e consumo, entre crianças e as práticas de consumir, são mediadas por muitas instâncias como a família, a classe, a etnia, o gênero, a escola, os costumes, o grupo de pares etc. Uma pessoa consumista, ou seja, que vive para consumir não pode sê-lo por uma única razão.

Dito isso, penso que as incontáveis possibilidades de promover marcas e produtos por meio dos vídeos do YouTube voltados para as crianças combinados com outros fatores – como o poder de compra, a voz da criança em sua família, a influência dos amigos etc. – pode potencializar os hábitos de compra. Uma dada mochila em um dado ambiente escolar pode conferir a seus utentes um prestígio social, que o impulsiona a comprá-la. Por outro lado, as tradições culturais e/ou religiosas de uma família podem ser um fator que restringe a relação de compra em determinado contexto.

IHU On-Line – Quem são os tweens? Como compreender as relações que estabelecem entre juventude, cultura e mídia?

Renata Cristina de Oliveira Tomaz – O termo tweens designa uma faixa etária que vai dos 8 aos 14 anos. Foi cunhado em uma revista de marketing nos anos 1980 para fazer referência a um mercado consumidor que se desenhava à época na América do Norte. Embora tenha uma sonoridade e grafia semelhante à palavra teen (adolescente em inglês), tem sua origem na preposição inglesa “between”, que indica a posição entre duas coisas. Nesse caso, os tweens estariam entre a infância e a adolescência. Para nós, no Brasil, seriam os pré-adolescentes.

O que percebi, analisando os discursos midiáticos que fazem referência aos tweens, em específico, e aos pré-adolescentes, de maneira geral, ao longo da primeira década do século XXI, foi que os termos falam mais de práticas subjetivas do que de idade. Por intermédio de um consumo midiático, que lhes oferece bulas de comportamento e práticas culturais, as crianças fazem a transição de uma identidade etária infantil para uma juvenil, produzindo novas subjetividades. Esses sujeitos são marcados pela centralidade da imagem da juventude em nossa cultural contemporânea, de modo que essa passagem da infância para a adoles-

cência tem como horizonte subjetivo não o adulto, mas o jovem.

“O YouTube se coloca não apenas como uma janela para as crianças observarem o mundo, mas também uma janela para o mundo ver as crianças e conhecer as diferentes experiências possíveis de infância”

IHU On-Line – De que forma os crianças e adolescentes, os nativos digitais de hoje se relacionam com o mundo adulto e com os próprios adultos? E que crianças são essas que crescem on-line?

Renata Cristina de Oliveira Tomaz – A ideia de nativo digital tem sido repensada por alguns teóricos, especialmente da educação, os quais defendem a necessidade de uma literacia digital¹. Embora no senso comum circule a ideia de que as crianças usam os dispositivos digitais intuitivamente, já se sabe que essa facilidade está bastante ligada ao meio em que a criança e o adolescente estão. Quando há, por

exemplo, pessoas que lhes dão acesso a gadgets e lhes ensinam funções básicas, permitindo-lhes explorar outras mais complexas, as crianças ampliam de modo sem precedente seus usos. Em pouco tempo, já sabem mais que os adultos. Mas de modo algum isso significa que nascem assim.

Em minha pesquisa de campo, descobri muitas crianças que não sabiam editar vídeos, postá-los ou outras atividades até mesmo básicas para ter um canal. As youtubers cujos canais investiguei dependem dos responsáveis. Isso mostra que não se trata de algo natural, mas ensinado e aprendido. Não podemos deixar de falar, ainda, das crianças que crescem em rincões e não têm o mesmo acesso, o que significa dizer que não possuem os mesmos conhecimentos e competências no manuseio dessas tecnologias.

Por outro lado, aqueles que gozam de tais oportunidades desenvolvem competências midiáticas que, de fato, lhes conferem relevância social em relação com adultos. As hierarquias sociais se deslocam e possibilitam que a relação entre pai e filho, por exemplo, em que este costumava receber o saber daquele, se reconfigure, uma vez que, em algumas questões, o filho sabe mais do que o pai.

IHU On-Line – De que forma plataformas como YouTube chegam à realidade de crianças e adolescentes nas periferias? Como esses jovens vivenciam as transformações dessa ambiência digital?

Renata Cristina de Oliveira Tomaz – Apesar de não ter investigado os meios de acesso dos usuários das plataformas digitais, sei que a TIC Kids Online, no Brasil, a maior pesquisa sobre os usos que crianças e adolescentes fazem da internet, mede esses elementos. Uma das coisas que esse levantamento mostrou é que os dispositivos móveis, celulares e tablets, são os mais utilizados pelos mais novos para acessarem a internet. Isso não é diferente entre as crianças provenientes de famílias de baixa renda, que se valem dos celulares dos pais para jogarem, assistirem aos vídeos e publicarem conteúdo. ■

¹ Tradicionalmente, a expressão Literacia designa a destreza com uma determinada língua, sobretudo no que diz respeito à leitura, escrita e oralidade as quais desempenham um papel preponderante na comunicação e na compreensão de ideias

Em tempos de Revolução 4.0, a multiplicação de olhos no controle biopolítico

Itamar Soares Veiga observa que “precisamos de tecnologia para realizar processamento, então a tecnologia deve ser compreendida como um dos dispositivos de controle em geral”

João Vitor Santos

Houve um tempo em que os avanços tecnológicos eram estimulados sob a perspectiva de que o ser humano seria dileitante, tornando-se muito mais dado à liberdade. Mas não é de hoje que se percebe que a chamada Revolução 4.0 tem forte e profundo impacto em áreas como, por exemplo, a do trabalho, seja substituindo mão de obra, seja fazendo com que seres humanos produzam ainda mais. O professor Itamar Soares Veiga ainda alerta para outra face dessas profundas transformações: o controle. “A tecnologia está muito bem afeita ao controle biopolítico. Isto se deve a um motivo simples: a existência de um grande número de informações que devem ser processadas por alguém (ou grupo) que deseja compreender um contexto e controlá-lo”, aponta. Ou seja, a tecnologia faz multiplicar olhos, em que somente eles são capazes de ler as informações geradas a partir dessa interface homem-máquina.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Veiga detalha como esse controle biopolítico vai incidir na vida em sociedade. “A tecnologia se atualiza hoje como recurso biopolítico por meio do processamento dos dados coletados”, explica. “A criação de modelos e possibilidade de ter previsões matemática e estatisticamente orientadas é que explicita a interface entre a tecnologia e o controle biopolítico. O usufruto biopolítico possível dos dados é uma realidade indiscutível”, acrescenta.

Para a constituição desse seu argumento, o professor recupera o pensamento de autores como Martin Heidegger, Giorgio Agamben e Peter Sloterdijk no que diz respeito à tecnologia e, especialmente, na relação dos seres humanos com as máquinas. “Cada um desses três autores possui um conjunto de obras que não é pequeno e nem simples. Eles trabalharam temas próximos, mas com suas respectivas originalidades. Os fios condutores de suas elaborações não têm uma centralidade na técnica”, observa, revelando que tal associação é possível através de olhar situado na subjetividade dos usos das máquinas pelos indivíduos.

Itamar Soares Veiga é doutor e mestre em Filosofia, ambos os títulos obtidos pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. Ainda possui bacharelado e licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Atualmente é professor em cursos de graduação e pós-graduação na Universidade de Caxias do Sul - UCS. Na área de Filosofia, trabalha com metafísica e história da filosofia.

O professor estará no IHU no dia 23 de maio, quando proferirá a palestra “A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk”. Saiba mais em <http://bit.ly/2DLqYWV>.

Confira a entrevista.

“Os dispositivos atuais, como os smartphones, nos capturam, apanham a nossa subjetividade e nos transformam em uma forma lavrar ou fantasmática, à espera de um ‘like’ na nossa última postagem”

IHU On-Line – Como o conceito de tecnologia aparece nas obras de Heidegger¹, Agamben²

1 **Martin Heidegger** (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947) e *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-6-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível em <http://bit.ly/ihuon185>, e 187, de 3-7-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, disponível em <http://bit.ly/ihuon187>. Confira, ainda, **Cadernos IHU em formação** nº 12, *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuem12>, e a entrevista concedida por Emildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-5-2010, disponível em <https://goo.gl/dn3AX1>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica*, parte integrante do ciclo de estudos Filosofias da diferença, pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Giorgio Agamben** (1942): filósofo italiano. É professor da Faculdade de Design e arti della IUAV (Veneza), onde ensina Estética, e do College International de Philosophie de Paris. Formado em Direito, foi professor da Università di Macerata, Università di Verona e da New York University, cargo ao qual renunciou em protesto à política do governo estadunidense. Sua produção centra-se nas relações entre filosofia, literatura, poesia e, fundamentalmente, política. Entre suas principais obras estão *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002), *A linguagem e a morte* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005), *Infância e história: destruição da experiência e origem da história* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006); *Estado de exceção* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007), *Estâncias – A palavra e o fantasma na cultura ocidental* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007) e *Profanações* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007). Em 4-9-2007, o sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU publicou a entrevista *Estado de exceção e biopolítica segundo Giorgio Agamben*, com o filósofo Jasson da Silva Martins, disponível em <http://bit.ly/jasson040907>. A edição 236 da **IHU On-Line**, de 17-9-2007, publicou a entrevista *Agamben e Heidegger: o âmbito originário de uma nova experiência, ética, política e direito*, com o filósofo Fabrício Carlos Zanin, disponível em <https://goo.gl/ZZRChp>. A edição 81 da publicação, de 27-10-2003, teve como tema de capa *O Estado de exceção e a vida nua: a lei política moderna*, disponível para acesso em <http://bit.ly/ihuon81>. Em 30-6-2016, o professor Castor Bartolomé Ruiz proferiu a conferência *Foucault e Agamben. Implicações Ético Políticas do Cristianismo*, que pode ser assistida em <http://bit.ly/29j12pl>. De 16-3-2016 a 22-6-2016, Ruiz ministrou a disciplina de Pós-Graduação em Filosofia e também validada como curso de extensão através do IHU intitulada *Implicações ético-políticas do cristianismo na filosofia de M. Foucault e G. Agamben. Governamentalidade, economia política, messianismo e democracia de massas*, que resultou na publicação da edição 241 dos **Cadernos IHU ideias**, intitulada *O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno*, que pode ser acessada em <http://bit.ly/1Yy0757>. Em 23 e 24-5-2017, o IHU realizou o VI Colóquio Internacional IHU – Política, Economia, Teologia. Contribuições da obra de Giorgio Agamben, com base sobretudo na obra *O reino e a glória. Uma genealogia teológica da economia e do governo* (São Paulo: Boitempo, 2011). Tradução de: *Il regno e la gloria. Per una genealogia teologica dell'economia e del governo*. Publicado originalmente por Neri Pozza, 2007). Saiba mais em <http://bit.ly/2hCAore>. Em 2017 a revista **IHU On-Line** publicou a edição *Giorgio Agamben e a impossibilidade de salvação da*

e Sloterdijk³? Quais são os limites e as potencialidades desses conceitos para compreendermos o ser humano em relação com a técnica?

Itamar Soares Veiga – Cada um desses três autores possui um conjunto de obras que não é pequeno e nem simples. Eles trabalharam temas próximos, mas com suas respectivas originalidades. Os fios condutores de suas elaborações não têm uma centralidade na técnica. Heidegger possui a sua famosa conferência “A pergunta sobre a técnica” (1953) em que se destaca o conceito de “*Gestell*”, sobre o qual acompanho a tradução de meu amigo prof. Marco Aurélio Werle⁴ e uso o termo português: “armação”. A “armação” ocorre quando a técnica convoca o homem para provocar a natureza e, assim, conseguir armazenar reservas para uso futuro (de eletricidade, de carvão, hoje em dia nós diríamos armazenamento de dados digitais em *datasets*). Este posicionamento de Heidegger nos anos 50 foi importante para estimular a discussão filosófica sobre a técnica.

modernidade e da política moderna, nº 505, disponível em <http://bit.ly/2NXjQwT>. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Peter Sloterdijk** (1947): filósofo alemão. Desde a publicação de *Crítica da razão cínica*, é considerado um dos maiores renovadores da filosofia atual. Em 2004, encerrou sua trilogia *Esféricas* (Sphären), cujos primeiros volumes foram publicados em 1998 e 1999. Interessado na mídia, dirige *Quarteto filosófico*, programa cultural da cadeia de televisão estatal alemã ZDF. Tem inúmeras obras traduzidas para o português, como *Regras para o parque humano - uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo* (São Paulo: Estação Liberdade, 2000). No sítio do **IHU On-Line**, foram publicadas várias traduções de entrevistas concedidas pelo filósofo. Elas podem ser acessadas pela busca em www.ihu.unisinos.br. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Marco Aurélio Werle** (1969): doutor em Filosofia pela USP, onde é professor titular no Departamento de Filosofia. Suas publicações tratam principalmente de Hegel, Heidegger e da estética da época de Goethe. É tradutor, do alemão ao português, de Hegel, Goethe, Heidegger, August Schlegel e Herder. Atua na área de Filosofia, com ênfase em História da Filosofia, em Filosofia da arte e em Estética. (Nota da **IHU On-Line**)

Agamben possui uma conferência que também gerou um impacto significativo intitulada: “O que é um dispositivo?”, publicada em português em 2009. Nessa conferência, ele afirma que a tecnologia, por meio de dispositivos, captura a nossa subjetividade e não nos devolve nada em troca. O modo de ser do dispositivo contemporâneo é diferente do dispositivo medieval da “confissão”, analisado por Foucault⁵. Neste último, quando um pecador se confessa ele passa por um processo de des-subjetivação para em seguida se subjetivar novamente. Mas os dispositivos atuais, como os smartphones, nos capturam, apanham a nossa subjetividade e nos transformam em uma forma lavrar ou fantasmática, à espera de um “like” na nossa última postagem.

Talvez, Peter Sloterdijk se aproxime mais do que poderíamos denominar de uma centralidade da técnica. Mas, mesmo assim, é possível dizer que o centro das suas preocupações é uma antropologia filosófica ou, ainda, uma antropotécnica. Nisto, Sloterdijk se diferencia de Heidegger e de Agamben, já que nenhum destes dois está propondo algo que se aproxime de uma

5 **Michel Foucault** (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a *História da Loucura* até a *História da sexualidade* (a qual não pôde completar devido a sua morte), situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas do termo. Em várias edições, a **IHU On-Line** dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004, disponível em <http://bit.ly/ihuon119>; edição 203, de 6-11-2006, disponível em <https://goo.gl/C2rx2k>; edição 364, de 6-6-2011, intitulada *História da loucura* e o *discurso racional em debate*, disponível em <https://goo.gl/wjqFL3>; edição 343, *O (des)governo biopolítico da vida humana*, de 13-9-2010, disponível em <https://goo.gl/M95yPv>, e edição 344, *Biopolítica, estado de exceção e vida nua. Um debate*, disponível em <https://goo.gl/RX62qN>. Confira ainda a edição nº 13 dos **Cadernos IHU em formação**, disponível em <http://bit.ly/ihuem13>, *Michel Foucault – Sua Contribuição para a Educação, a Política e a Ética*. (Nota da **IHU On-Line**)

antropologia, mas sim aprofundando os problemas que a atual situação do ser nos impõe. Heidegger forneceu subsídios para a elaboração de questionamentos importantes sobre a técnica. E Agamben procura explicar como nós conseguimos chegar ao nosso estágio atual de controle, gerando uma espécie de paradigma político, exemplificado pelo campo de concentração. No campo, os prisioneiros viram os próprios prisioneiros.

IHU On-Line – A partir da perspectiva de Agamben sobre biopolítica, como o senhor identifica elementos desse conceito nas reflexões de Heidegger e Sloterdijk?

Itamar Soares Veiga – Heidegger não tem um conceito de biopolítica e nem mesmo trabalhou com este termo. Na realidade, Heidegger não tratou filosoficamente sobre política. Pode-se pensar de forma diferente a respeito disso, principalmente após as publicações dos *Schwarze Hefte* (*Cadernos Pretos*), mas sempre é possível fazer uma crítica sobre um determinado grau de mistificação ou de narrativa que penetra na produção do filósofo. Esta é uma discussão complexa, que ainda deve ser feita.

Agamben se beneficiou dos constructos de Heidegger de facticidade e de *Ereignis* (acontecimento-apropriação). Eu analisei isto em um artigo, “*O Homo Sacer* de Agamben e a perspectiva ‘biopolítica’ a respeito de Heidegger”, de 2017. O conceito de facticidade proporcionou subsídios para se pensar um *assumir-se* que se transforme em missão. Mas, se a facticidade não for pensada biopoliticamente, como pretende Agamben, poderemos ser ingênuos e engolfados por sistemas autoritários biopolíticos, como foi o caso no nazismo. Por outro lado, sobre o conceito de *Ereignis*, Heidegger traz a possibilidade de um pensamento “livre de destino”. Isto contribui para uma ontologia política da potência (ou seja, a potência de... e a potência de não...). Agamben sugere esta apropriação.

Há um elemento filosófico importante na obra de Sloterdijk, isto é, tal-

vez devemos dizer que é um filósofo influenciador. Este filósofo influenciador é Nietzsche⁶. Tal influência alcança, por vias tortas, a filosofia de Agamben. Isto acontece porque Foucault é uma das vertentes de Agamben, e o próprio Foucault sofreu uma influência decisiva de Nietzsche. Esta influência é tão importante que, para Foucault, ela pode ser considerada um dos fatores motivadores para uma discordância com relação a Heidegger. Por outro lado, Heidegger também foi influenciado por Nietzsche, em suas obras dos anos de 1936-44.

A presença de Nietzsche

Enfim, diante disso podemos concluir que Nietzsche é um eixo que está nos três autores. Mas como aparece nestes três autores? Nietzsche é um filósofo complicado e de difícil compreensão. Em geral temos uma compreensão superficial ou impactada pela estética de suas afirmações mais fortes. Portanto, o mais indicado em relação a Nietzsche é seguir um roteiro conhecido, ler as suas obras e ler os seus comentadores. Lembrando que é muito importante, quando lemos um filósofo, que tenhamos um problema ou um ensaio de uma pergunta própria, para não sermos simplesmente “soterrados” pelas ideias do filósofo que escolhemos.

IHU On-Line – De que forma o pensamento de Heidegger,

⁶ **Friedrich Nietzsche** (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras, figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou até o dia de sua morte. A Nietzsche, foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da **IHU On-Line**, de 13-12-2004, intitulado *Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo*, disponível para download em <http://bit.ly/H17xwP>. A edição 15 dos **Cadernos IHU em formação** é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*, e pode ser acessada em <http://bit.ly/HdcqOB>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-5-2010, disponível em <http://bit.ly/162F4rH>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica*, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença – Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. Na edição 330 da revista **IHU On-Line**, de 24-5-2010, leia a entrevista *Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência*, concedida pelo professor Oswaldo Giacomini e disponível em <https://goo.gl/zuXC4n>. Na edição 388, de 9-4-2012, leia a entrevista *O amor fati como resposta à tirania do sentido*, com Danilo Bilate, disponível em <http://bit.ly/HzaJpJ>. (Nota da **IHU On-Line**)

Agamben e Sloterdijk podem contribuir para compreendermos as nossas relações diárias com a tecnologia?

Itamar Soares Veiga – Heidegger nos fornece um elemento de base profundo: a facticidade, que diz respeito a como assumimos a nossa vida finita. Outro elemento profundo é a história do ser, que diz respeito ao sentido de verdade que as coisas têm em nossa época; e fornece uma provocação sutil: a Filosofia, que ainda pode ser feita, se transformou em cibernética. Tudo isto é muito interessante, mas bem complexo. Podemos, depois de um certo esforço, encontrar contribuições para pensar nosso mundo atual.

Agamben nos fornece uma discussão sobre a soberania e o Estado. Ele dirige o nosso olhar para a política, e esta é compreendida como biopolítica. Ele possui uma inspiração de Foucault, mas faz avanços em muitas frentes: tem uma crítica em relação aos processos de subjetivação, dentro dos quais existem dispositivos tecnológicos que nos capturam. Eles nos capturam oferecendo a nós uma condição instantânea, mas igualmente momentânea, de sermos sujeitos, como se fosse uma espécie de protagonismo, por exemplo, dentro de uma rede social.

Sloterdijk se dirige diretamente para a técnica ou para a tecnologia. Ele trata abertamente do fracasso das visões antropológicas do passado e propõe um enfrentamento direto do problema (biopolítico) de como os humanos podem administrar outros humanos. Seguindo nesta linha, devemos pensar com seriedade em uma antropotécnica e devemos ter um comportamento proativo enquanto indivíduos. Podemos dizer que Sloterdijk gera menos interfaces para se pensar o mundo atual.

IHU On-Line – Podemos compreender a tecnologia como um dos dispositivos de hoje para controle biopolítico? Por quê? Como a tecnologia atualiza-se hoje como dispositivo de controle biopolítico?

Itamar Soares Veiga – A tecnologia está muito bem afeita ao con-

trole biopolítico. Isto se deve a um motivo simples: a existência de um grande número de informações que devem ser processadas por alguém (ou grupo) que deseja compreender um contexto e controlá-lo. Ora, este conjunto de informações é uma espécie de “tempestade digital”, como diz Byung-Chul Han⁷ no seu livro *O Enxame*⁸. Esta “tempestade” somente pode ser compreendida e controlada por processamento digital.

Portanto, precisamos processar, precisamos de tecnologia para realizar processamento, então a tecnologia deve ser compreendida como um dos dispositivos de controle em geral, um recurso indispensável. Inclusive na política. Hoje, não temos o governo de um só soberano, mas de partidos e de políticas legislativas. Por isto, a compreensão e os controles, proporcionados pela tecnologia, devem convergir para a situação biopolítica de compreensão e controle, cujo alvo somos nós, os viventes. Nós constituímos as populações e, enquanto populações, nós somos caóticos, pois o vetor que une tudo e que foi o único que restou é: uma espécie de busca narcísica de reconhecimento. Uma busca realizada através das redes digitais. Isto resulta em população composta de egos narcísicos, passível de ser modelada por processamento digital.

Como se atualiza este controle biopolítico? Esta parte da pergunta é muito importante. A tecnologia se atualiza hoje como recurso biopolítico por meio do processamento dos dados coletados. Estes dados são obtidos de diversas formas: (1) existem alguns *datasets* (conjunto de dados) disponíveis publicamente que servem muito bem para o ensino e treinamento de estudiosos de softwares de aprendizado de máquina (*Machine Learning*); (2) existem da-

dos que são obtidos por meio de uma API junto às redes sociais e, na maior parte das vezes, a coleta destes dados é cobrada. Tais *datasets* são trabalhados e submetidos a um entre vários algoritmos de aprendizado de máquina. O objetivo é gerar um modelo e previsões para resolver uma pergunta específica. As ferramentas digitais estão disponíveis, os treinamentos estão disponíveis, basta estudar e começar a trabalhar com os dados.

A criação de modelos e possibilidade de ter previsões matemática e estatisticamente orientadas é que explicita a interface entre a tecnologia e o controle biopolítico. O usufruto biopolítico possível dos dados é uma realidade indiscutível. Obama⁹ teve o melhor modelo de aprendizado de máquina para orientar a sua indicação pelo partido democrata; Trump¹⁰ fez o mesmo para ganhar a eleição; o Brexit¹¹ também sofreu uma influência dos modelos preditivos: pessoas que nunca foram às urnas participaram do plebiscito. Existem certas observações que as eleições aqui no Brasil também foram decididas pelos modelos de aprendizado de máquina, os quais orientaram os candidatos. Além das *fake news*.

IHU On-Line – Como os caminhos da democracia e da tecnolo-

⁹ **Barack Obama** [Barack Hussein Obama II] (1961): advogado e político estadunidense. Foi o 44º presidente dos Estados Unidos, tendo governado o país entre 2009 e 2017. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁰ **Donald Trump** (1946): Donald John Trump é um empresário, ex-apresentador de reality show e atual presidente dos Estados Unidos. Na eleição de 2016, Trump foi eleito o 45º presidente norte-americano pelo Partido Republicano, ao derrotar a candidata democrata Hillary Clinton no número de delegados do colégio eleitoral; no entanto, perdeu o voto popular. Entre suas bandeiras estão o protecionismo norte-americano, por onde passam questões econômicas e sociais, como a relação com imigrantes nos Estados Unidos. Trump é presidente do conglomerado The Trump Organization e fundador da Trump Entertainment Resorts. Sua carreira, exposição de marcas, vida pessoal, riqueza e modo de se pronunciar contribuíram para torná-lo famoso. (Nota da **IHU On-Line**)

¹¹ **Brexit**: a saída do Reino Unido da União Europeia é a saída da palavra *brexit*, palavra-valise originada na língua inglesa resultante da fusão das palavras Britain (Grã-Bretanha) e exit (saída). A saída do Reino Unido da União Europeia tem sido um objetivo político perseguido por vários indivíduos, grupos de interesse e partidos políticos, desde 1973, quando o Reino Unido ingressou na Comunidade Econômica Europeia, a precursora da UE. A saída da União é um direito dos estados-membros segundo o Tratado da União Europeia. A saída foi aprovada por referendo realizado em junho de 2016, no qual 52% dos votos foram a favor de deixar a UE. O Instituto Humanitas Unisinos - IHU, na seção Notícias do Dia de seu site, vem publicando uma série de análises sobre o tema. Entre elas, *A alma da Europa depois do Brexit*, artigo de Roberto Esposito, publicado no jornal *La Repubblica* e reproduzido nas Notícias do Dia de 1-7-2016, disponível em <http://bit.ly/2gazMuF>; e *O Brexit e a globalização*, artigo de Luiz Gonzaga Belluzzo, publicado por *CartaCapital* e reproduzido nas Notícias do Dia de 12-7-2016, disponível em <http://bit.ly/2eY4F68>. Confira mais textos em ihu.unisinos.br (Nota da **IHU On-Line**)

⁷ **Byung-Chul Han** (1959): pensador sul-coreano, teórico cultural e professor da Universidade de Artes de Berlim. É o autor de dezesseis livros, dos quais os mais recentes tratam sobre o que ele chama de “sociedade do cansaço” (*Müdigkeitsgesellschaft*), uma “sociedade da transparência” (*Transparenzgesellschaft*) e seu conceito neologista de *shanzhai*, que procura identificar modos de desconstrução nas práticas contemporâneas do capitalismo chinês. O trabalho atual de Han se concentra na transparência como uma norma cultural criada pelas forças do mercado neoliberal, que ele entende como o impulso insaciável para a divulgação voluntária que beira o pornográfico. Segundo Han, os ditames da transparência impõem um sistema totalitário de abertura à custa de outros valores sociais, como vergonha, sigilo e confiança. (Nota da **IHU On-Line**)

⁸ Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2018. (Nota da **IHU On-Line**)

logia de hoje se cruzam? De que forma podemos mensurar a incidência de um campo sobre o outro?

Itamar Soares Veiga – Quando as pessoas votam em um candidato que utilizou largamente a tecnologia para se eleger e depois elas se decepcionam com o governo deste candidato vencedor, além do efeito da decepção, o próprio sistema político sai perdendo. Como o candidato provavelmente utilizou a tecnologia? Por exemplo: ele ou o seu partido ou os seus simpatizantes contrataram softwares de aprendizado de máquina (*Machine Learning*) e apresentaram o problema de alcançar um número X de votos em uma determinada região de um país. Os softwares, com informações coletadas e compradas dos administradores de redes sociais, fizeram um modelo preditivo e passaram ao candidato as orientações para assuntos a serem tratados em seus discursos, pronunciamentos, postagens e comportamentos.

Além disso, foram contratados programadores para criarem *bots* (robôs de softwares, eles são automatizados) e estes *bots* foram lançados nas redes sociais. Eles podem dar mais de um “like” por segundo em determinadas postagens, além de poderem estimular polêmicas. Existe um estudo muito bom da Fundação Getúlio Vargas - FGV a respeito¹². É claro que o uso de *bots* e, também, de *fakes news* não são um jogo limpo, mas, enfim... Qual é o resultado disso tudo? O candidato vence a eleição e depois governa, segue-se uma decepção e uma descrença na prática política. Essa descrença estimula a especulação de que no futuro talvez não existam mais políticos, mas apenas softwares que administram tudo.

IHU On-Line – No mundo atravessado pela tecnologia, pesquisadores de diversas áreas têm apontado como o capitalismo tem se transmutado para sobreviver e se reinventar na

¹² Disponível em <http://bit.ly/2VH2XKI>. (Nota do entrevistado).

era da chamada Revolução 4.0. Como o senhor compreende esse processo?

Itamar Soares Veiga – Há seis anos ninguém conseguia imaginar a influência que a Inteligência Artificial teria nos dias de hoje, mas ela está aí, nos smartphones, nos carros autônomos e não autônomos, no ambiente doméstico como assistentes virtuais da vida privada etc. A Revolução 4.0 é uma automatização completa, ou, em alguns casos, praticamente completa, da produção industrial. Ela está a caminho, mas possui dois desafios que têm que ser resolvidos e, ao que parece, ninguém tem uma resposta para eles: (a) uma associação precisa ser feita com uma internet diferente: a internet das coisas. E a infraestrutura está aquém do necessário, mas a internet das coisas e a indústria 4.0 são complementares. (b) A questão do desemprego industrial: de que adianta a produção ser totalmente automatizada e não existir consumo? Não haveria porque pessoas vão perder os seus empregos com a automação.

Uma possibilidade de resolver esse problema é a proposta de uma renda básica universal. Mas, neste caso, um dos valores importantes do capitalismo é atingido: o valor do trabalho. A Revolução 4.0 está sendo implementada, mas os dois desafios ainda estão sem uma solução direcionada. O capitalismo, sem dúvida, vai ter que se reinventar para continuar existindo.

IHU On-Line – De que forma a tecnologia realinha as ideias de indivíduo e coletivo? E como pensar num ator social em tempos em que a tecnologia assume centralidade?

Itamar Soares Veiga – O sociólogo francês Alain Touraine¹³ afirma que atualmente a sua concepção

de sujeito diz respeito a um ator não-social. O problema não é o sujeito, nem o fato de ele ser também um ator, ou seja, de poder provocar transformações. O problema é o adjetivo “social”. Este está defasado e diz respeito mais à época moderna e início da época contemporânea (século XX) do que à época atual. Na época atual, vivemos em forma de “enxames” e não como “massas”, como diz Byung-Chul Han. Os enxames são mais voláteis, aparecem e desaparecem com rapidez, são caóticos e sem propósitos. As “massas” de outrora sempre possuíram uma homogeneidade e um propósito.

O coletivo de hoje é constituído destes enxames, de pessoas que podem se refugiar em um espelhamento narcísico com os seus smartphones. Somos átomos dispersos. O ator é atualizado, por Touraine, com o termo não-social. O ator deve provocar transformações no caos dos *enxames*, deve se tornar um sujeito e para isto ele deve se envolver com a tecnologia: não ser ingênuo, mas sim atento ao crescimento de seu conhecimento digital e ao percurso que seus dados digitais fazem em um mundo cibernético. Em outras palavras, o ator não-social deve poder acompanhar a ruína de sua própria privacidade, deve propor alternativas. Qualquer uma destas atitudes não é nada fácil nos dias de hoje.

IHU On-Line – Além da tecnologia, que outras perspectivas atravessam as discussões de hoje sobre o transumanismo?

Itamar Soares Veiga – A perspectiva ética é uma das mais importantes. Os processos de edição genética estão acontecendo (na China e nos EUA) e estudos de nanotecnologia são dependentes da tecnologia obtida. Esses dois campos não podem ser desprezados.

O que é necessário é iniciar ou aprofundar uma discussão ética. Uma discussão ética que deve ter como foco a espécie humana, porque esta espécie, independente da crença ou da filosofia erudita e me-

tafísica que pratique, simplesmente está defrontando recursos tecnológicos para se automodificar. Além disso, a espécie humana está próxima de ter que conviver com uma outra espécie de vida inteligente: a Inteligência Artificial. Então, devemos aproveitar e criar oportunidades de reflexão: refletir eticamente estes novos tempos. Estar disposto para o debate e não ser ingênuo em desprezar a tecnologia. Em resumo, dois fatos marcantes se anunciam no horizonte: uma relação entre humanos não modificados e humanos modificados e uma relação entre a espécie humana e outras espécies inteligentes como a IA.

IHU On-Line – Na sua opinião, como os campos ligados a áreas tecnológicas encaram a Filosofia? Quais os desafios para estimular um pensamento crítico e completo que vá além dos tecnicismos?

Itamar Soares Veiga – Penso que as outras áreas de conhecimento possuem um interesse na Filosofia. Estes estudiosos estão cientes dos avanços e dos problemas éticos suscitados pela *Big Data* e pela Inteligência Artificial e outros recursos atuais. Um diálogo com a Filosofia pode ser algo que eles sentem como se fosse uma carência. Mas, se o filósofo nada sabe de tecnologia, nada sabe sobre dados e nem imagina como seja a linguagem de programação em geral, então o diálogo é muito prejudicado e muito difícil de ser iniciado.

Por isto, é importante que o filósofo esteja mais dentro da sua própria época e consiga perceber estas pontes entre as áreas do conhecimento. Com certeza, do outro lado de uma destas pontes está o pesquisador de uma outra área, o cientista de dados, o geneticista, o programador etc. Estão ansiosos por uma conversa humana, sobre consequências nos humanos, causadas pelo seu trabalho que ainda é humano. O desafio é instruir e criar oportunidades para que tal diálogo aconteça. ■

¹³ **Alain Touraine** (1925): sociólogo francês conhecido por sua obra dedicada à sociologia do trabalho e dos movimentos sociais. Tornou-se conhecido por ter sido o pai da expressão “sociedade pós-industrial”. Seu trabalho é baseado na “sociologia de ação”, e seu principal ponto de interesse tem sido o estudo dos movimentos sociais. Touraine acredita que a sociedade molda o seu futuro através de mecanismos estruturais e das suas próprias lutas sociais. (Nota da **IHU On-Line**)



Cena do filme *Vidas Duplas* com Juliette Binoche em primeiro plano

Uma ideia de duplicidade

Vidas Duplas importa não por duas ou três discussões supostamente inteligentes, mas graças a algo que existe no que se vê, e não naquilo que é dito.

João Ladeira

“Novamente, Assayas reflete sobre certos problemas enquanto observamos a sua elaboração cinematográfica, transformando uma proposição e a sua visualização num ato simultâneo. Afinal, ao se falar sobre dualidades, vemos essa duplicação na própria imagem”, escreve João Ladeira.

Vidas duplas (sinopse): Alain é um bem-sucedido editor parisiense com dificuldade em se adaptar à revolução digital. Ele tem grandes dúvidas sobre o novo manuscrito de Léonard, um de seus autores de longa data, que lançará um trabalho de autoficção, reciclando seu caso de amor com uma celebridade. Selena, a esposa de Alain, famosa atriz de teatro, é de opinião contrária e elogia a publicação.

João Ladeira é professor na Universidade Federal do Paraná – UFPR.

Eis a crítica.

Não foi assim tão explícito, mas a crítica pareceu tentada a considerar um tanto frívolos os dilemas de *Vidas Duplas* (*Doubles vies*, 2018, de Olivier Assayas). Alguns quase o acusaram de mais parecer uma palestra do TED, nas suas infinitas digressões sobre o futuro do digital, as tendências do contemporâneo, o destino das mídias ou coisa que o valha.

São problemas dignos das estantes sobre “economia criativa”. Porém, se fosse apenas isso, não se trataria de um trabalho de Assayas, mas de algo com melhor espaço em algum canto da

“Assayas reflete sobre certos problemas enquanto observamos a sua elaboração cinematográfica”

Netflix. Aqui, importa uma ideia que perpassa a obra, exatamente essa evocação sobre a “duplicidade” da qual o título nos fala.

Sim, pois os personagens parecem viver em mais de um mundo. Novamente, Assayas reflete sobre certos problemas enquanto observamos a sua elaboração cinematográfica, transformando uma proposição e a sua visualização num ato simultâneo. Afinal, ao se falar sobre dualidades, vemos essa duplicação na própria imagem.

Baseado em Fatos Reais?

A todo momento, cada personagem se mostra mais de uma coisa. Tudo depende do contexto no qual se insere. Alguém se comporta como o marido de outrem apenas para, depois, revelar-se o amante de outro. É o caso do triângulo entre Selena (Juliette Binoche), Léonard (Vincent Macaigne) e Alain (Guillaume Canet), ele que tem um caso com Laure (Christa Théret).

Todavia, se fosse apenas isso, estaríamos frente a uma história de adultérios, tema bem insofista. Aqui, importam as múltiplas posições que cada um encarna. Frente a Léonard, Alain se revela um tanto cínico em relação à editora, ao livro e ao seu próprio ofício. Mas, quando discute com Laure, adquire um ar lacônico, zeloso por um mundo letrado prestes a ruir.

O mesmo ocorre na autoficção de Léonard, apropriando-se de seu *affair* para transformá-lo em livro. Ele já havia duplicado a própria trajetória no romance que Alain decide não publicar, caminho que insiste em seguir também no seu material ainda em preparação. Foi perspicaz o título de *Vidas Duplas* no mercado norte-americano: *Non-Fiction*.

O novo livro vai custar o afeto de Selena, que ele arrisca a despeito dos alertas. A falsa narrativa verdadeira parece tão sem motivação quanto o próprio ato que a torna possível. Parece difícil entender essa traição de Léonard dentro do próprio adultério, e o mesmo se repete com praticamente todos os outros atos em curso.

Afinal, não existe qualquer indício de que falte afeto no casamento entre o editor e sua esposa e nem no vínculo entre tal mulher e o escritor. As razões em pauta residem apenas na chance aberta para se experimentar essas outras vidas. São fatos que ocorrem em universos distintos, a fim de explorar uma ideia sem grande pretensão de verossimilhança.

Apenas um espelho

É curiosa essa exploração da duplicidade através do próprio cinema. Assayas iniciou essa experiência em *Irma Vep* (1996), seu filme sobre um filme, e seu exercício mais recente foi *Acima das Nuvens* (*Clouds of Sils Maria*, 2014). *Vidas Duplas* é um belo filme sobre “como é possível escrever” do mesmo modo que *Acima das Nuvens* perguntava “como se pode atuar”.

Pois, em 2014, Binoche encarnava uma atriz em meio ao trabalho de construir uma personagem, e isso tornava tudo o que víamos apenas um pretexto para acompanhar a própria encenação. Curiosamente, algo semelhante ocorreu em seus trabalhos nos quais menos se esperava um efeito como esse.

Afinal, *Carlos* (2010), epopeia da ascensão e queda de um terrorista pop-star, não se referiria a um evento com a mesma estrutura de thriller que estamos assistindo? E como encarar *Depois*

de Maio (*Après mai*, 2012), essa pretensa autobiografia sobre a formação de um cineasta – o próprio Assayas – que, na verdade, versa sobre a política de um tempo menosprezado?

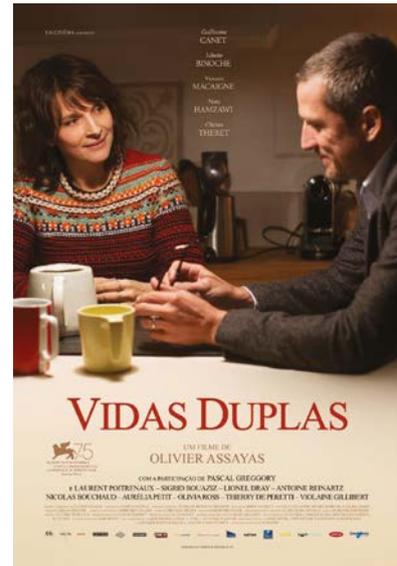
Em ambos, um espelho. Mas voltemos a 2018. Cada uma dessas vidas bem poderia implicar uma escolha cedo ou tarde indispensável. Contudo, tudo vem sem grandes dificuldades nessa comédia. Sim, porque tal filme é uma comédia, uma na qual os amantes esgotam seus laços uns com os outros, entrando sem maiores danos em novos giros.

Dilemas cômicos

Parece difícil crer que o diretor de *Água Fria* (*L'eau froide*, 1994), leitor de Orwell e discípulo de Debord se interesse muito por Woody Allen. Mas uma comédia sobre casais e suas traições conduz imediatamente a uma comparação desse tipo. Assayas é um tipo de camaleão, e tal elo não parece absurdo para um diretor que já adotou tantos estilos.

Mas há uma diferença fundamental. Para Woody, uma escolha nunca é uma questão menor. Cada decisão convive com a possibilidade de abrir dois mundos distintos, de rachar o equilíbrio que até então se encontrava mais ou menos instituído. Seus desdobramentos levam os personagens para lugares muito distantes, longe de onde então se encontravam.

Dessa viagem, eles jamais retornarão. Woody nos fez rir e também chorar com essa sensação, mas, aqui, o efeito parece menos dramático e mais intelectual. Há uma questão nesse filme que é conceitual, como já ocorreu em boa parte da obra de Assayas: essa revelação que o cinema oferece, em sua delicada alusão a um mundo reformulado pela imagem.



Vidas Duplas (2019), Olivier Assayas

Ficha técnica

Título original: Doubles vies

Ano: 2019 (1h 47min)

Direção: Olivier Assayas

Elenco: Guillaume Canet, Juliette Binoche, Vincent Macaigne mais

Gêneros: Comédia, Romance

Nacionalidade: França

22 de maio (quarta-feira) 12h30min às 13h30min

Oficina Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs) – Parte III

Daiani Fraporti dos Santos, Prof. MS Gelson Luiz Fiorentin e Marcos Augusto Mendes

Rocha (PASEC)

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU

Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome

A edição 283 dos Cadernos IHU Ideias apresenta o artigo *Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome*, de Armando de Melo Lisboa. O autor apresenta os processos criativos pelas periferias brasileiras para a superação das condições de subalternização às disputas e “conflitos entre os interesses econômicos das elites brasileiras”, que conceitua como “projeto cupulistas de nação”.

Lisboa destaca alguns empreendimentos populares como Favela Holding, cursos pré-vestibular popular, bancos comunitários, associação de agricultores ecológicos, entre outros. Para o autor essas organizações populares são processos de descolonização, por serem forças “auto espontânea, completamente descentralizadas, superando seculares barreiras de preconceito, classe e geografia”, e que atuaram na contramão dos governos petistas, que não incentivaram esses modelos, pelo contrário fizeram “a opção pelo grande capital”.

Armando Lisboa percebe nesse processo o emergir de grupos étnicos que desafiam o poder colonial, adentrando nas transformações do século XXI sem a dependência centralista do Estado. Para o autor, o “Brasil se inserirá criativamente na vida global”, de “forma inclusiva; aberto para o mercado; e inserido internacionalmente”. Por fim, defende que “as lutas pela dignidade e os esforços autônômicos e includentes são lutas e processos ontológicos, pois visam, em primeiro lugar, à superação da colonial condição de ‘não-ser’ e ao restabelecimento da plena humanidade”.

Armando de Melo Lisboa é doutor em Sociologia Econômica pela Universidade Técnica de Lisboa (2004). Mestre em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (1988). Graduação em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Santa Catarina (1979). Atualmente é professor Associado I da Universidade Federal de Santa Catarina, tendo sido presidente da Associação de Professores da UFSC (APUFSC)

entre 2006 e 2010, e exercido a Chefia do Departamento de Economia e Relações Internacionais entre 2011 e 2015. Tem experiência na área de Economia, atuando principalmente nos seguintes temas: América Latina, economia solidária, desenvolvimento, economia popular, economia ecológica e sociologia econômica.

A versão completa deste Cadernos IHU Ideias está disponível em <http://bit.ly/2HfQSTr>.

Estas e outras edições dos Cadernos IHU Ideias também podem ser obtidas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, no campus São Leopoldo da Unisinos (Av. Unisinos, 950), ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br. Informações pelo telefone (51) 3590-8213.





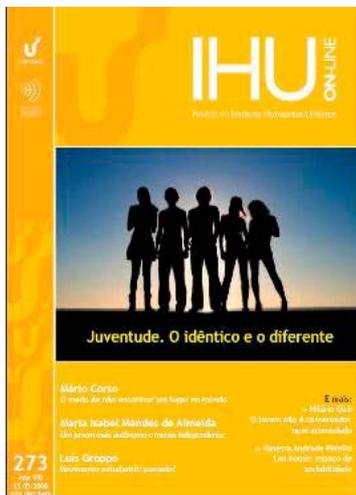
Outras edições em www.ihuonline.unisinos.br/edicoes-anteriores



Culturas jovens

Edição 208 – Ano VI – 11-12-2006

Maria Isabel Mendes de Almeida afirma que “as novas formas de sociabilidade e afetividade dos jovens vêm se pautando pelo experimentalismo”. A psicóloga Helen Gonçalves fala sobre a questão sexual entre os jovens, tema também desenvolvido por Miriam Goldenberg; a psicóloga Denise Portinari e a publicitária Fernanda Coutinho abordam a questão da moda. Já Francisco Ortega afirma que “o corpo ocupou o lugar do outro. Ele é o outro, nosso parceiro e confidente privilegiado. É por isso que o interesse pelo corpo gera desinteresse pelo mundo”. O cientista social Gilberto Velho analisa o jovem contemporâneo, baseado no conceito de multipertencimento.



Juventude. O idêntico e o diferente

Edição 273 – Ano VIII – 15-9-2008

A juventude é sempre o idêntico e o diferente”, afirma Hilário Dick, pesquisador e que já há 35 anos trabalha com jovens de todos os recantos do Brasil. Descrever a juventude atual na sua identidade e diferença é o que fazem os pesquisadores e as pesquisadoras entrevistadas pela IHU On-Line.



A potência das ruas em debate

Edição 434 – Ano XIII – 09-12-2013

Nos meses de junho a outubro de 2013, o Brasil foi sacudido pela movimentação das ruas. As grandes manifestações do mês de junho não cessaram nos meses seguintes. Nesta edição a IHU On-Line retoma o debate. Pesquisadores e professores discutem as mobilizações e a violência que acompanharam as mesmas.



JUVENTUDES, REDES SOCIAIS E SUAS (DES)CONEXÕES
DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA A EVANGELIZAÇÃO

18 DE MAIO DE 2019
8h30min às 12h30min
CAMPUS UNISINOS PORTO ALEGRE
Salas TEDU 803, 804, 805 e 806

Dr. Moisés Sbardelotto -
São Leopoldo/RS

Prof. Dr. Maurício Perondi - UFPel

ihu.unisinos.br/evento/juventudes-redes-sociais

V CICLO DE ESTUDOS

REPENSANDO OS CLÁSSICOS DA ECONOMIA



22/05/2019 (quarta-feira) 19h30min às 22h
As contribuições de Karl Polanyi para a reconstrução do pensamento econômico contemporâneo
Prof. Dr. José Rubens Damas Garlipp –UFU
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros –IHU

Ciclo de Estudos

AS JUVENTUDES DO BRASIL
Mutações e (im)possibilidades

24/05
14h às 17h30min

Sala TEDU 803
Campus Unisinos Porto Alegre

Juventudes, política e religião.
Desafios e perspectivas
Profa. Dra. Regina Novaes - UFRJ

Jovens e violências nas periferias.
Resistências e possibilidades
Prof. Dr. Daniel Hirata - UFF

ihu.unisinos.br/evento/juventudes-do-brasil



ihu.unisinos.br | ihuonline.unisinos.br

 twitter.com/_ihu  bit.ly/faceihu  bit.ly/instaihu  bit.ly/youtubeihu  medium.com/@_ihu